



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**O NOME DE MEMÓRIA MENSALÃO:
UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO MORAL ENTRE
A TRANSPARÊNCIA E A OPACIDADE DE SENTIDOS
NA VALSA DOS METADISCURSOS**



Universidade Federal de São Carlos

Gleice Antonia Moraes de Alcântara

O NOME DE MEMÓRIA MENSALÃO:
UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO MORAL ENTRE A TRANSPARÊNCIA E
OPACIDADE DE SENTIDOS NA VALSA DOS METADISCURSOS

GLEICE ANTONIA MORAES DE ALCÂNTARA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

de Alcântara, Gleice Antonia

Captura Retangular

O NOME DE MEMÓRIA MENSALÃO: UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO MORAL ENTRE A TRANSPARÊNCIA E OPACIDADE DE SENTIDOS NA VALSA DOS METADISCURSOS / Gleice Antonia de Alcântara. -- 2019.

135 f. : 30 cm.

Tese (doutorado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Gleice Antonia Moraes de Alcântara

Banca examinadora: Roberto Leiser Baronas, Mônica Baltazar Diniz

Signori, Mariana Luz Pessoa de Barros, Samuel Ponsoni, Maria Iês Pagliarini Cox

Bibliografia

1. Mensalão. 2. Nome de Memória. 3. Acontecimento Discursivo Moral.
I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325

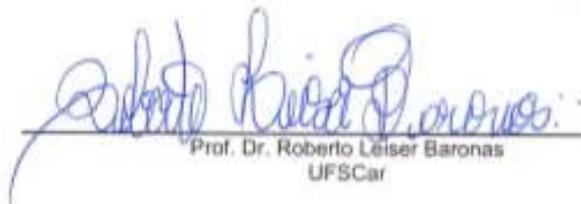


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

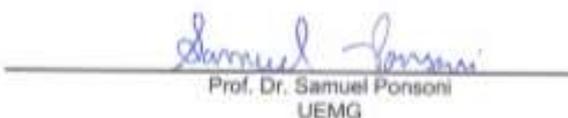
Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado da candidata Gleice Antonia Moraes de Alcântara, realizada em 26/04/2019:


Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
UFSCar

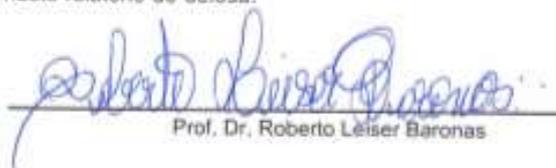

Profa. Dra. Mônica Baltazar Diniz Signori
UFSCar


Profa. Dra. Mádina Luz Pessoa de Barros
UFSCar


Prof. Dr. Samuel Ponsoni
UEMG


Profa. Dra. Maria Inês Pagliarini Cox
UFMT

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Maria Inês Pagliarini Cox e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.


Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

AGRADECIMENTOS

As bênçãos

Não tenho a anatomia de uma garça pra receber
em mim os perfumes do azul.
Mas eu recebo.
É uma bênção.

Às vezes se tenho uma tristeza,
as andorinhas me namoram mais de perto.
Fico enamorado.
É uma bênção.

Logo dou aos caracóis ornamentos de ouro
para que se tornem peregrinos do chão.
Eles se tornam.
É uma bênção.

Até alguém já chegou de me ver passar
a mão nos cabelos de Deus!
Eu só queria agradecer.
(Manoel de Barros)

A Deus, pelas oportunidades e graças que todos os dias me oferece.

A minha mãe, pelo amor incondicional.

Ao meu amado filho, Joaquim Mateus, pela força diária.

A minha família, meu equilíbrio.

Ao professor, orientador e amigo Professor Roberto Leiser Baronas. Obrigada pela generosidade de sempre.

Ao professor Maingueneau, pelas orientações tranquilas no Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduíche no Exterior- PDSE.

A professora Ana di Renzo, pelos ensinamentos de sempre e um exemplo de ser humano.

Agradeço a professora Maria Inês Pagliarini Cox por mais uma vez, agora no doutorado, contribuir com a leitura do meu trabalho.

À professora Mônica Baltazar Diniz Signori, pelos ensinamentos e carinho de sempre.

Ao professor Samuel Ponsoni, colega de grupo de pesquisa em São Carlos, minha admiração.

À professora e amiga querida Rejane Centurion Gambarra e Gomes, pela disponibilidade de sempre.

À professora Mariana Luz Pessoa de Barros, por ter aceitado participar da banca.

A minha amiga, irmã e companheira querida Andréia, pelas palavras de incentivo e por ser um porto seguro sempre.

À Milena, pelo afago constante diante das turbulências.

Aos meus colegas de grupo de pesquisa LEEDIM. Vocês foram importantes no percurso de doutoramento.

À Jorce, por ter me ajudado tanto e abraçado a mim e ao Joaquim Mateus no dia-a-dia em São Carlos. Amo você, a Maria Cecília, o Davi, o Ricardo e a dona Auxiliadora.

Aos amigos Rilmara, André, Jocenilson, Tiago, Mônica Ramon, Livia, Theciana, Roger, Estevan, Eliane, Sara, Ronan, Clarice. Obrigada pelo convívio lindo em São Carlos.

À Maisa, amiga querida em São Carlos e na estadia em Paris. Obrigada pela troca.

Ao Christofen, amigo querido em Paris.

À Nilda, pelas tardes prazerosas nos corredores do PPGL.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, obrigada a cada um pelo apoio recebido durante todo o doutoramento.

Aos colegas da Escola Criança Cidadã.

Ao Centro de Formação e Atualização de Profissionais da Educação Básica (CEFAPRO), pelo apoio diário. Agradeço, em especial, às amigas Estela e Jucineia.

À Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso e à CAPES, pela oportunidade de qualificação.

E antes das palavras escritas, antes da mão a desenhar linhas de texto, eis que veio a voz. E antes da voz, antes da boca a gemer um ruído, tentando pronunciar o nome inventado das coisas, antes era somente a coisa, o objeto vivo, os sentimentos entrelaçados sem nome, sem especificações. Objetos assim soltos, perdidos no espaço de todas as coisas, de todos os nomes ainda não existentes, um amontoado de funções sem palavras. E de repente cada objeto pede um nome, pede uma voz. Não poderiam continuar soltos pelo espaço de todas as coisas. Eles são, também, frágeis, precisam de exatidão, precisam de um nome, de uma função, precisam de uma voz que os pronuncie. Uma voz grave a princípio, uma voz que faça ecoar o nome por todos os séculos e em cada canto do mundo. Todos eles precisam de um nome, sim, como nós. Como precisamos das palavras para estabelecer as relações e funções entre todas as coisas. Precisamos nomear, organizar, classificar (SANTOS, C.J. 2006, p.21).

De acordo com a definição e explicação do conceito de *affordance*, a percepção, na proposta gibsoniana, não reside no cérebro ou na mente, ela é ecológica e é resultado da interação recíproca entre agente e ambiente [...]. Ao propor que *affordance* é determinado pela relação agente-ambiente [...]. Gibson indica que ao perceber o ambiente percebe-se o agente. Gibson foi claro ao afirmar que *affordances* são possibilidades de ação que o ambiente oferece ao agente (OLIVEIRA & RODRIGUES, 2006, p.120-130).

RESUMO

Esta tese objetiva contribuir para os estudos discursivos em torno da questão da nomeação dos acontecimentos políticos brasileiros a partir do conceito *Nome de Memória*. Tomamos como objeto de problematização o *Nome Próprio* (doravante *Np*) *Mensalão*, enquanto acontecimento discursivo moral, que retoma quadros pré-discursivos coletivos convocados pela percepção e reflexão do ambiente cognitivo do qual os agentes participam. Elegemos esse acontecimento da nomeação dos acontecimentos políticos, especificamente, dado ao seu funcionamento discursivo, que no nosso entendimento, engendra um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos (saberes, crenças, práticas, valores, emoções, sons) que movimentam incessantemente a memória, produzindo, ainda hoje, metadiscursos que retomam esse acontecimento em cenas de enunciação múltiplas, perpassados pelas normas, pelas formas languageiras, pelas manifestações materiais nos discursos e na sociedade. Esses movimentos legitimam o *Np* como um designador flexível, dada a rede de significações e valores mobilizados em cada (re)formulação. Em razão disso, o *Nome de Memória Mensalão*, tomado como uma instância categorizadora singular e inscrito em um paradigma no qual se conserva a memória do acontecimento, de modo que os acontecimentos políticos convocam e acionam a memória do evento, como o maior caso de corrupção em terras brasileiras, produzindo efeito no ambiente cognitivo de um discurso fadado à não-virtuosidade por conta do abuso feito do nome pelos dispositivos tecnodiscursivos. *Mensalão*, categorizado por nós como *Nome de Memória*, apresenta em sua construção morfológica o item derivado formado pelo sufixo avaliativo intensificador “ão”. Esse elemento linguístico no ambiente cognitivo brasileiro produz efeito de enunciação disfórica decorrente da apropriação da tecnologia discursiva distribuída no ambiente. O afixo “ão” é utilizado, frequentemente, por agentes jornalistas em tom avaliativo. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso, a partir dos trabalhos de Paveau (2006, 2008, 2009, 2010, 2013, 2015), Maingueneau (2008, 2010, 2016), Krieg-Planque (2010, 2012, 2014), na interface com os estudos lexicológicos (1975), Rio-Torto (1997), Siblot (1987, 2001) e argumentativos Plantin (2011, 2016), procuramos evidenciar pelas *affordances* do laminado memorial de *Mensalão* manifestada na valsa das (re)ações metadiscursivas dos agentes, a dimensão moral dos enunciados.

Palavras-chave: Nome de Memória; *affordance*; tecnologia discursiva; acontecimento discursivo moral.

RÉSUMÉ

Cette thèse entend contribuer aux études discursives sur la question de la dénomination des événements politiques brésiliens à partir du concept de *nom de mémoire*. L'objet de notre problématisation est le *nom propre* (désigné ci-après *Np*) *Mensalão*, en tant qu'événement discursif moral, qui renvoie à des cadres prédiscursifs collectifs convoqués par la perception et la réflexion de l'environnement cognitif auquel participent les agents. Notre choix s'est arrêté sur cet événement en raison de son fonctionnement discursif. Il génère, selon nous, un ensemble de cadres prédiscursifs collectifs (des savoirs, des croyances, des pratiques, des valeurs, des émotions, des sons) qui activent constamment la mémoire, en produisant, aujourd'hui encore, des métadiscours. Ceux-ci reprennent cet événement par le biais de scènes multiples d'énonciation, qui transparaissent dans les normes, les formes langagières, les manifestations matérielles au sein des discours et des sociétés. Eu égard au réseau de significations et de valeurs mobilisées pour chaque (re)formulation, ces mouvements légitiment le *Np* comme un désignateur souple. Dans ce cadre, le *nom de mémoire Mensalão*, qui est saisi comme une instance catégorisatrice singulière et qui s'inscrit dans un paradigme où se conserve la mémoire de cet événement, de façon à ce que les événements politiques convoquent et actionnent la mémoire de ce fait marquant en lui conférant la valeur stéréotypée de la plus grande affaire de corruption du pays, produit, dans l'environnement cognitif, l'effet d'un discours destiné à la non-virtuosité, en raison de l'usage et de l'abus de ce nom propre par les dispositifs technodiscursifs. Dans sa construction morphologique, le terme *Mensalão*, que nous catégorisons comme un *nom de mémoire*, présente un élément dérivé formé par le suffixe appréciatif intensificateur *-ão*, qui, dans l'environnement cognitif brésilien, produit un effet d'énonciation dysphorique. Pour notre part, cet effet résulte de l'appropriation de la technologie discursive distribuée dans l'environnement, l'affixe *-ão*, dont les agents journalistes font fréquemment usage sur un ton évaluatif. Ainsi, sur la base des présupposés théoriques et méthodologiques de l'analyse du discours, les travaux de Paveau (2006, 2008, 2009, 2010, 2013, 2015), de Maingueneau (2008, 2010, 2016), de Krieg-Planque (2010, 2012, 2014), en interface avec les études lexicologiques (1975), Rio-Torto (1997), Siblot (1987, 2001), et argumentatifs, Plantin (2011, 2016), nous cherchons à mettre en évidence, par le biais des *affordances* du feuilleté mémoriel du nom *Mensalão*, la dimension morale des énoncés, telle qu'elle se manifeste dans la valse des (ré)actions métadiscursives des agents.

Mots-clés: nom de mémoire; *affordance*; technologie discursive; événement discursif moral.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1, 2, 3 e 4.....	21
Figura 5 e 6.....	32
Figura 7.....	37
Figura 8 e 9.....	38
Figura 10 e 11.....	39
Figura 12.....	46
Figura 13.....	48
Figura 14 e 15.....	49
Figura 16.....	50
Figura 17, 18 e 19.....	51
Quadro 1.....	71
Figura 20.....	113
Figura 21.....	116
Figura 22.....	118
Figura 23.....	119
Figura 24.....	120
Figura 25.....	121

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
INTRODUÇÃO.....	16
1 USOS E DESLIZAMENTOS: A EMERGÊNCIA DO NOME DE MEMÓRIA EM DIFERENTES DISPOSITIVOS TECNODISCURSIVOS.....	29
1.1 As não-coincidências narrativas.....	35
1.1.1 <i>Grande mídia alternativa: Carta Capital e Revista Piauí.....</i>	35
1.1.2 <i>Blogosfera crítica: Vermelho.org.....</i>	41
1.1.3 <i>Grande mídia tradicional: Estadão, Folha de São Paulo, Veja e UOL... </i>	43
2 NOME DE MEMÓRIA EM ENUNCIADOS DESTACADOS: UM SOBREVÃO SOBRE ALGUNS ESTUDOS DA PEQUENA FRASE EM POLÍTICA.....	53
2.1 Os trabalhos de Alice Krieg-Planque: Pequenas frases em política..	54
2.2 Os trabalhos de Maingueneau sobre aforização e panaforização.....	66
2.3 A pequena frase à luz do discurso e da Pragmática.....	71
2.4 A relação entre pequena frase e acontecimento discursivo.....	75
3 APELO À MEMÓRIA TECNOLÓGICA DISCURSIVA DO AFIÇÃO: AS AFFORDANCES OFERTADAS PELA FERRAMENTA TECNOLÓGICA DISCURSIVA NO AMBIENTE POLÍTICO BRASILEIRO.....	78
3.1 As inovações lexicais da cena política contemporânea.....	82

3.2	Algumas reflexões sobre as tecnologias discursivas - Gramática Secundária de Língua Portuguesa (Said Ali, 1921), Gramática Normativa da Língua Portuguesa (Rocha Lima, 1985) e Moderna Gramática Portuguesa (Evanildo Bechara, 1986, 2005).....	95
3.3	Caminhos complexos do Np: Linhagens discursivas do Nome de Memória Mensalão.....	103
4	PEQUENA FRASE, UMA TECNOLOGIA DISCURSIVA? CONSTRUTORA DO ACONTECIMENTO DISCURSIVO MORAL MENSALÃO.....	108
4.1	A cenografia História em Quadrinhos: um tecnôgenero.....	109
4.2	Considerações sobre o <i>corpus</i>.....	113
4.2.1	<i>A acontecimentalização do Nome de Memória em pequenas frases.....</i>	114
4.3	A Valsa semântica do NOME DE MEMÓRIA.....	123
5	PRODUZINDO UM EFEITO DE FIM.....	125
	REFERÊNCIAS.....	130

APRESENTAÇÃO

Eis uma coisa a ser observada para nos assegurarmos de não pecar. Consideremos e escrevamos, cada um, as ações e os movimentos de nossa alma, como para nos fazer mutuamente conhecê-los, e estejamos certos de que, por vergonha de sermos conhecidos, deixaremos de pecar, e nada teremos de perverso no coração. Pois quem, quando peca, consente em ser visto e, quando pecou, não prefere mentir para esconder sua falta? Ninguém fornicaria diante de testemunhas. Da mesma forma, escrevendo nossos pensamentos como se devêssemos comunicá-los mutuamente, estaremos mais protegidos dos pensamentos impuros, por vergonha de tê-los conhecidos. Que a escrita substitua o olhar dos companheiros de ascese: enrubescendo tanto por escrever quanto por sermos vistos, abstenhamo-nos de qualquer mau pensamento. Disciplinando-nos dessa maneira, podemos forçar o corpo à submissão e frustrarmos as armadilhas do inimigo (FOUCAULT, *A vida de Antoni de Anastásio*, 1983, p. 144-145).

Para início de conversa, previno aos leitores para o perigo da minha escrita. Insisto para o perigo do meu discurso se proliferar. A minha escrita embora inserida nos rituais do gênero tese, ela é fundada na prática do falar-franco, a fala fundada no conceito de *parrhesia*. Assumo, portanto, um lugar de fala que na atual conjuntura do ambiente brasileiro se mostra perigosa, pois a liberdade de cátedra, a liberdade de pensamento e a vigilância a respeito do que se toma como objeto de pesquisa científica, estão sob permanente estado de controle, portanto ameaçados.

No caos em que nos encontramos, escrever sobre um acontecimento que ecoa um conjunto de quadros pré-discursivos, o qual engendra um conjunto de comentários morais e “alfineta” a opinião pública, mostra-se arriscado, mas tomo como um ato de re(xis)tência, nesse mo(vi)mento de caça às bruxas nas universidades públicas brasileiras. Não se trata de pieguice, ou de provocação, longe disso, e sim de correr o risco, e ratifico isso, de abrir o gesto de escrita a tudo aquilo que a *escrita de si* possibilita, nos termos de Foucault, isto é, a construção de subjetividade, uma arte do viver. Portanto, a constituição de uma ética de si como “uma tarefa urgente, fundamental, politicamente indispensável, se for verdade que, afinal, não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao político senão na relação de si para consigo” (FOUCAULT *apud* RAGO, 2013, p. 43).

Nesse espaço controlado, a re(xis)tência dos corpos (in)disciplinados, manifesto minha gratidão ao meu orientador, que me apresentou *Mensalão* como objeto de discussão no percurso do doutorado. À primeira vista, provocou um desconforto, uma vez

que trazia como problemática o lugar paratópico da figura do Papa Francisco. Passado o choque da discussão primeira, comecei a me afeiçoar com as questões sobre esse acontecimento envolto por questões que Marie-Anne Paveau (2015) chama de acontecimento discursivo moral, no interior de uma ética das virtudes discursivas.

Destarte, o movimento de escrita desse trabalho é o manifesto e a instalação do contraditório, por conseguinte, uma interrogação subjetiva permanente e, ao mesmo tempo, um ato manifesto da posição sujeito na sua relação (*affordance*) com a tecnologia da escrita, manifestada pelo gesto do corpo no imbricamento com o conjunto do ambiente.

Nesse direcionamento, a escrita sobre o objeto *Mensalão*, apresenta-se, neste texto, como uma questão de não adestramento do corpo, assim sendo, a rebeldia/a renúncia a ordem discursiva que se pretende instalar como prática. Portanto, um desvio àquilo que quer se proliferar e instituir como virtuoso na atual conjuntura do ambiente brasileiro.

E nesse clima de repressão à ciência no Brasil, instaurado a partir do ilegítimo Governo de Michel Temer, questiono: por que lutar pela ciência brasileira hoje? Qual o lugar do analista de discurso no ambiente sócio-cognitivo brasileiro? É nesta aventura que me coloco: compreender o funcionamento discursivo de *Nome de Memória Mensalão*. Esta temática foi muito discutida em diversos campos do conhecimento. Cito por exemplo, o belíssimo trabalho de Jessé Souza “A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato” (2017), no qual, no âmbito da sociologia, o autor propõe uma pertinente discussão sobre o papel dos grandes *mídiuns* brasileiros na nomeação da corrupção no Brasil, isto é, Jessé nos mostra com rara perspicácia, como a mídia desloca a corrupção do âmbito da estrutura política e crava em um único partido político e um único ator social. Todavia, por mais pertinente e relevante que seja, não é este o nosso objetivo primeiro, pois enquanto analistas do discurso nosso propósito é com o funcionamento da linguagem, isto é, como o nome *Mensalão* se relaciona umbilicalmente com a memória, com o interdiscurso.

INTRODUÇÃO

Nome de Memória: reflexões teórico-metodológicas que balizam o trabalho

Diz-me como tu nomeias, que eu te direi quem tu és.
(SIBLOT, 2001, p. 15).

A questão que colocamos neste trabalho é a problematização do *Nome acontecimento*¹ *Mensalão*, como um *Nome de Memória*, tomado por nós como um acontecimento discursivo moral, o qual configura uma cena validada² já instalada na memória coletiva brasileira, tendo em vista que o nome é convocado de maneira sistêmica em enunciados variados no campo político, mostrando desde o seu batismo e sua colocação em praça pública que caiu na boca do povo.

É notória a circulação do praxema *Mensalão* em cenografias variadas perpassadas por narrativas contraditórias, eivadas de paixões, fazendo emergir no ambiente cognitivo comentários morais. Esses comentários reforçam estereótipos e cristalizam sentimentos de indignação, insatisfação e descrédito com o quadro político do país pela interpretação construída da corrupção em larga escala no âmago do Estado brasileiro.

Com efeito, observamos que o gesto de nomeação do evento e sua repetição insistente nos circuitos comunicacionais alimentam a existência em um *continuum* desse acontecimento, por meio de narrativas passionais que contribuem para fazer evoluir o nome, alimentando e legitimando o sentimento social de preconceito coletivo instaurado

¹LONDEI, D. ; Moirand, S. ; REBOUL-TOURÉ, S., REGGIANIM L. *Dire l'événement : langage, mémoire. société. Dizer o acontecimento : linguagem, memória e sociedade*. Nome-acontecimento como um acontecimento que não é sem interesse antes de deslizar para o seu papel social: criar o acontecimento (...) se diz das mídias que colocam um fato em vedete para fazer acontecimento... Mas se « fazer o acontecimento » é uma « questão das sociedades contemporâneas » é então os discursos que contribuem para construir o acontecimento, mesmo o referente do acontecimento, e lhe dá um nome, é este o objeto de estudo privilegiado de uma semântica discursiva que estuda a maneira como se designa, se qualifica, se caracteriza, se nomeia os eventos. (Trad. Nossa).

LONDEI, D. ; Moirand, S. ; REBOUL-TOURÉ, S., REGGIANIM L. *Dire l'événement : langage, mémoire. société* Presse Sorbonne Nouvelle, 2013. Nom- événement comme un événement qui n'en pas un, sans intérêt, avant de glisser vers son rôle sociétal : créer l'événement (...) se dis des médias qui mettent un fait en vedette pour en faire l'événement... Mais si « faire l'événement » es « un enjeu des sociétés contemporaines » est cependant les discours qui contribue à construire l'événement, voire de le référent de l'événement, en lui donnant un « nom », est c'est l'objet d'étude privilégié d'une sémantique discursive qui étudie la façon dont on désigne, on qualifie, on caractérise, on nomme les événements.

²MAINGUENEAU, 2016. *De la République romaine à la République française : exemple historique et scénographie* (Disponível em: <https://aad.revues.org/2102>) – Exemplo Histórico Verbal – uma frase memorável, uma aforização que produz um quadro memorial histórico.

no interior da palavra pelos quadros pré-discursivos coletivos (crenças, práticas e saberes) que ela mobiliza atuando com “o papel instrucional para a produção e interpretação do sentido em discurso” (PAVEAU, 2015, p.46), construindo assim um sentido social que se apoia sobre a inscrição das emoções nas narrativas do acontecimento.

Nossa questão é dessa maneira, compreender, no quadro de uma linguística simétrica ou uma filosofia do discurso, o caráter acontecimental do *Nome de Memória Mensalão* se instalando já em seu gesto de nomeação, pois entendemos que o funcionamento do acontecimento decorre também do momento em que o agente jornalista percebe/ sente, “em parte sob o golpe da emoção” (MOIRAND, 2015) o acontecimento-objeto (Queré *apud* Moirand, 2015) e o nomeia, projetando em alguma medida um acontecimento discursivo moral, uma vez que aciona o conjunto de valores distribuídos no ambiente cognitivo brasileiro (agentes humanos e não humanos, tecnologias linguísticas e discursivas e os pré-discursos) envolto sobre o acontecimento a ser nomeado.

Sobre essa ótica, nos filiando, no quadro de uma linguística simétrica, entendemos que ao nomear o evento, o agente jornalista se posiciona em relação ao objeto, bem como, com a rede de nominalizações disponíveis na memória, estabelecendo ações (*affordance*) e relações com todos os elementos distribuídos no ambiente, os quais participam efetivamente do processo global da produção de sentidos. Nesse ato de linguagem singular, desenha-se, no nosso ponto de vista, o dinamismo de um acontecimento discursivo moral que não cessa de ser explorado pelas mídias e glosado por diferentes agentes.

Na ausência de poder nomear o objeto "em si mesmo e por ele mesmo", eu o nomeio tal como ele aparece para mim e como ele me diz respeito\afeta me preocupa, tal como eu o percebo, que eu o utilizo e a partir daí eu posso concebê-lo. Então, quando penso em nomear o objeto, é meu relacionamento com ele que eu realmente nomeio. E como eu poderia fazer de outra forma, exceto para fingir a transcendência? Essa dialética do locutor ao real que ele nomeia, constituído por uma multiplicidade de interações, através das quais a categorização, representação e sentido são constantemente reajustados, conferindo uma relatividade ao "link nominal" pelo qual a relação de linguagem com o real é reajustada em cada atualização discursiva. Toda nomeação exprime uma visão da escolha nomeada, vista "sob um ângulo", a partir do “ponto de vista” do lugar do locutor. É dessa maneira uma tomada de posição em relação à coisa nomeada que designo, ao mesmo tempo que o objeto nomeado, a tomada de posição para o nomear. Desse modo, o locutor

não pode designar sem se designar: "Diz-me como tu nomeias, que eu te direi quem tu és" (SIBLOT, 2001, p.14-15, Tradução nossa)³

Mais exatamente, o ato de nomear como processo de tomada de posição por parte do agente instaura o objeto numa região do interdiscurso, como acentua Moirand (2008). Apreendemos esse processo numa dinâmica engendrada não de maneira tranquila, visto que no gesto de nomeação ocorre a ativação de palavras disponíveis, estocadas e, principalmente, uma (re) elaboração e construção de sentidos produzidos pela memória, sendo esta compreendida como um agente ativo, uma tecnologia discursiva, imprescindível para a produção de discursos. Importante destacar em companhia com Paveau (2006, 2008, 2013) que em discurso a memória funciona como um lugar de rupturas, esquecimentos, escamotagens, revisões e deslizamentos de memória. Nessa visada, o agente jornalista ao proceder pela escolha de um nome e não outro no conjunto de possibilidades disponíveis no ambiente, se posiciona em relação a outras denominações, o que nos faz pensar esse momento singular de (re) atualização discursiva imerso em uma polêmica constitutiva do próprio movimento ativo e ininterrupto da memória.

Para pensar o conjunto do ambiente cognitivo, dialogamos nesse trabalho com a praxemática, perspectiva teórica que nos possibilita analisar o sentido do praxema⁴

³ À défaut de pouvoir nommer l'objet « en lui-même et pour lui-même », je le nomme tel qu'il m'apparaît et me concerne, tel que je le perçois, que je l'utilise et qu'à partir de là je peux le concevoir. Aussi quand je crois nommer l'objet lui-même, c'est mon rapport à lui qu'en réalité je nomme. Et comment ferais-je autrement, sauf à prétendre à la transcendance? Cette dialectique du locuteur au réel qu'il nomme, faite d'une multitude d'interactions, à travers lesquelles catégorisation, représentation et sens sont sans cesse réajustés, confère une relativité foncière au « lien désignationnel » à travers lequel la relation du langage au réel est rejouée en chaque actualisation discursive. Toute nomination exprime une vision de la chose nommée, vue « sous un certain angle », à partir du « point de vue » auquel se place le locuteur. Elle est par là une prise de position à l'égard de la chose nommée qui désigne, en même temps que l'objet nommé, la position prise pour le nommer. Aussi un locuteur ne peut-il désigner sans se désigner lui-même : « Dis-moi comment tu nommes, je te dirai qui tu es ».

⁴ Interessar-se pela nomeação não é o efeito de um desinteresse pela denominação, mas de uma atenção dada às modalidades da produção contextual e interdiscursiva do significado. O exame da atualização (Barbérís et al., 1998) leva a optar por uma perspectiva processual que o estatismo do signo saussuriano e a semântica estrutural não podem apoiar. É por isso que substituímos a noção de lexema pela noção de praxema, resultante de uma análise crítica das proposições de Hjelmslev para uma glosomática da obediência saussuriana estrita baseada na postulação da imanência do significado. Da praxemática, vamos lembrar apenas os elementos úteis. Essa linguística encontra suas origens em certas proposições da psicomecânica de Guilhaume em que ele retoma a ambição de entrada nos processos do "pensamento pensante". Ela modifica, entretanto, a problemática estabelecendo seu projeto de uma dinâmica da produção do sentido sobre os fundamentos epistemológicos expressamente realistas. Ela parte mais dos contatos empíricos, aquela da existência do real, a qual compreende não apenas isso que nós podemos saber dele, mas também tudo aquilo que nós ignoramos. Chamaremos de logosfera a representação do mundo em linguagem. É a partir das informações fornecidas pelas experiências perceptivas, práticas e sociais que essas representações são elaboradas, notadamente em categorizações linguísticas. A partir, portanto, das práticas

Mensalão em sua atualização discursiva, assim considerar a linguagem e a *práxis*, no conjunto do ambiente. Dialogar com tal perspectiva, de uma linguística que não teria mais medo do real, como afirma Siblot (1997), para analisar o funcionamento da nominalização implica olhar para as modalidades contextuais (ambiente cognitivo) e interdiscursivas, por conseguinte, considerar o sujeito e o referente no campo da reflexão sobre o signo linguístico.

Nesse sentido, ao refletir sobre as inúmeras questões que estão em jogo no processo de nomeação, particularmente do *Nome de Memória Mensalão*, consideramos importante analisar a folhetinização ainda hoje do praxema, sendo este retomado insistentemente nas rotinas jornalísticas por meio de dispositivos tecnodiscursivos que

e dos conhecimentos que resultam; esses saberes ditos “enciclopédicos”, são considerados erradamente extra-linguística(...). Esta é a reiteração dessas atualizações discursivas que carrega a classe consistindo de sentido e se transforma em empregos de uso, linguagem e práxis, além de outras práxis para enriquecer e desenvolver o conteúdo semântico. Essa apresentação do praxema resumida, mas suficiente para nós, indica uma problemática antropológica e referencial indissociável. A práxis (perceptiva, material, social ou discursiva) postula através das relações mantidas com o ambiente (material, social, cultural e de comunicação) uma presença ativa de um sujeito gerador de significado. Dimensão realista evidente na referência que requer um posicionamento do sujeito cujos dêiticos são geralmente a ilustração, e cujo efeito também é notado nos determinantes. Mas sabemos a influência na referência virtual ou na atualização nominal. No entanto, qualquer designação, nome ou denominação é inerentemente prático. Histórico e culturalizado na linguagem, contextualizado no discurso, não pode ser considerado de um ponto de vista exclusivamente lógico (Trad. Nossa).

S'intéresser à la nomination n'est pas l'effet d'un désintérêt pour la dénomination, mais d'une attention accordée aux modalités de la production contextuelle et interdiscursive du sens. L'examen de l'actualisation (cf. Barbéris et al., 1998) conduit à opter pour une perspective processuelle que le statisme du signe saussurien et de la sémantique structurale ne peuvent prendre en charge. C'est pourquoi on substitue à la notion de lexème celle de praxème, issue d'une analyse critique des propositions de Hjelmslev pour une glossématique de stricte obédience saussurienne fondée sur la postulation de l'immanence du sens. De la praxématique, on ne rappellera que les éléments utiles 7. Cette linguistique trouve son origine dans certaines propositions de la psychomécanique de Guillaume dont elle reprend l'ambition d'une saisie des processus de la « pensée pensante ». Elle en modifie toutefois la problématique en établissant son projet d'une dynamique de la production du sens sur des fondements épistémologiques expressément réalistes. Elle part du plus empirique des constats, celui de l'existence du réel, lequel comprend non seulement ce que nous pouvons savoir de lui mais aussi tout ce que nous en ignorons. On appellera logosphère la représentation du monde en langage. C'est à partir des informations fournies par les expériences perceptives, pratiques et sociales que cette représentation est élaborée, notamment dans les catégorisations linguistiques. À partir donc de praxis et des connaissances qui en résultent ; ces savoirs, dits « encyclopédiques », sont à tort tenus pour extra-linguistiques...C'est la réitération de ces actualisations discursives qui charge de sens la catégorie constituée et transforme des emplois en usage, la praxis langagière s'ajoutant ainsi aux autres praxis pour enrichir et faire évoluer le contenu sémantique. Cette présentation du praxème, sommaire mais suffisante à notre propos, indique une problématique indissociablement anthropologique et référentielle. Les praxis (perceptives, matérielles, sociales ou discursives) postulent à travers les relations entretenues avec l'environnement (matériel, social, culturel et communicationnel) une présence active d'un sujet producteur du sens. Dimension réaliste évidente dans la référenciation qui requiert un positionnement du sujet dont les dêitiques sont ordinairement l'illustration, et dont l'effet est également relevé dans les déterminants. Mais on en méconnaît l'emprise sur la référence virtuelle ou l'actualisation nominale. Pourtant, toute désignation, appellation ou dénomination est foncièrement praxique. Historisée et culturalisée en langue, contextualisée en discours, elle ne saurait être envisagée d'un point de vue exclusivement logique. (SIBLOT, 2001 p. 7-9).

reforçam a imagem da política brasileira, a saber, a de um país extremamente corrupto. Tal valoração, engendrada por gêneros de discursos compostos⁵ alimentam esse sentimento coletivo que fala com todos, por meio de um trabalho narrativo sistemático, misturando sentido e emoção⁶, como poderá ser atestado no *corpus* do trabalho, as Histórias em Quadrinhos (HQs), um gênero discursivo composto (PAVEAU, 2013)

Assim, quando os agentes jornalistas utilizam o praxema *Mensalão* em suas rotinas linguístico-discursivas contemporâneas, especialmente por meio de enunciados curtos, eles ativam a leitura emocional do nome e tudo aquilo que participa da construção desse nome, fazendo intervir a memória cognitiva afetiva dos sujeitos que partilham do ambiente do qual o *Nome de Memória Mensalão* significa.

Com isso, chamamos a atenção para a subjetividade dos jornalistas, ao fazerem uso do nome em cenas de enunciação diversas por meio argumentos que instalam um quadro permanente de insatisfação e descrédito com a política do país, isso se efetivando pela própria força do nome que em sua construção linguística faz intervir a memória interdiscursiva midiática do afixo -ão. Tal subjetividade pode ser identificada em práticas argumentativas marcadas ou não marcadas por índices afetivos e axiológicos a serviço de um jogo discursivo entrelaçado a relatos passionais. Ou dito de outro modo, os argumentos são dados a ler pela ativação constante do discurso partilhado coletivamente, oriundo do ambiente, e principalmente, da memória coletiva construída no Brasil nos anos 2000, durante o período de eleições presidenciais. Construiu-se no país, naquele momento, uma narrativa do medo envolta a uma possível ascensão de um governo de esquerda.

⁵ Eu defino gênero de discurso composto como um gênero no qual os enunciados não têm uma natureza puramente linguageira, mas em parte constituída de material tecnológico: tela, linha do tempo, avatares, links, botões, *bookmarklets* etc. (PAVEAU. M. 2013).

Je définis le genre de discours composite comme un genre au sein duquel les énoncés n'ont pas une nature « purement » langagière, mais en partie constituée de matériau technologique : écran, timeline, avatars, liens, boutons, *bookmarklets* etc. (PAVEAU. M. 2013).

⁶Uma das várias cenografias mobilizadas para representar o Mensalão, foi a cenografia em História em Quadrinhos (HQs), eleita pelo site Uol para apresentar ao público o longo período do julgamento do mensalão realizado pelo STF, uma espécie de fotonovela, gênero de grande aceitabilidade do público no Brasil, escolha essa que dá indícios para a efetividade da enunciação, uma vez que, as HQs se mostram com alto poder em transmitir dados sobre os acontecimentos de forma simples e direta, e como elemento para legitimar a argumentação, convocando sobremaneira o envolvimento afetivo dos sujeitos.

As HQs apresentam-se como um hipergênero rico em possibilidades linguístico-discursivas nas práticas jornalísticas contemporâneas, fato esse iniciado pelo maltês especializado em jornalismo em quadrinhos Joe Sacco na revista Palestina, obra publicada em 1996, na qual o jornalista retrata o conflito entre palestinos e israelenses, numa mescla entre jornalismo e quadrinhos (RAMOS, 2016).

De lá para cá, rotineiramente as práticas jornalísticas produziram, e produzem enunciados com argumentos que mexem com os ânimos afetivos do país, provocando um estado vivo de comoção pública e vigilância pela forma como os discursos são dados a ler. Um exemplo dessa prática, é a recuperação pelas instancias jornalística da memória do enunciado **Eu tenho medo**⁷ proferido nos anos 2000 pela conhecida atriz brasileira, intitulada “a namoradina do Brasil”, Regina Duarte.



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

Diante do que apresentamos até aqui, queremos evidenciar o que nos chama a atenção em nosso objeto, a saber: (i) a subjetividade dos agentes na constituição,

⁷ Regina Duarte tem medo. O espírito do tempo indicava muito antes da votação de outubro de 2002 que Luiz Inácio Lula da Silva seria o provável presidente do Brasil a partir de 2003. Com a ampla vantagem do petista no primeiro turno e a vitória se insinuando por ampla margem no segundo, a campanha do tucano José Serra usou um expediente que se voltou contra ela própria: mostrou a atriz global Regina Duarte associando Lula à situação da Argentina, que vivia cercada de painéis no apagar das luzes do governo Fernando de la Rúa. “**Eu tenho medo**”, disse Regina. Dias depois, o PT lançou a campanha “**A Esperança vai Vencer o Medo**”. Outra atriz, Paloma Duarte, gravou uma resposta em defesa do petista, que acabou vitorioso. Matéria disponível em: <https://eleicoes.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/08/16/veja-dez-momentos-inesqueciveis-da-propaganda-eleitoral-no-brasil.jhtm>.

formulação e circulação do *Nome de Memória*, uma vez que as avaliações e as valorações produzidas em enunciados em que se dão a ler o praxema *Mensalão*, comentários morais se instalam; (ii) como no gesto inaugural, o da nomeação do acontecimento, o agente jornalista projeta um acontecimento moral, pois ao nomear o acontecimento, ele apela para um conjunto de valores inscritos na memória dos dispositivos midiáticos do ambiente cognitivo brasileiro e movimenta sobremaneira polêmicas que o nome ativa, pelo uso que se faz da ferramenta tecnológica discursiva –ão, permitindo assim, trabalhar e fabricar quadros pré-discursivos do ambiente brasileiro que reforçam e legitimam estereótipos sobre o *Nome de Memória* em questão.

Consideramos ainda que quando da escolha do nome e os valores morais que emergem nos enunciados situados as trocas argumentativas eivadas de emoções gerenciadas por cenografias com colorações envoltas de paixões inflamadas, materializam efeitos argumentativos em que é possível visualizar uma construção discursiva significada por argumentações emocionais explícitas e implícitas⁸, o que se efetiva: (i) na regra de formação de produtos avaliativos (RFP AVAL), e ainda (ii) pela inscrição insistente do acontecimento nos dispositivos comunicacionais que estimulam o sentimento social de comoção, medo, vigilância no ambiente cognitivo discursivo.

Os acontecimentos anteriores são aqui evocados para dar um sentido social de vigilância: “preocupação de todos”. Mas além das falas dos locutores ordinários e de locutores autorizados, é o papel das nomeações com valor emocional forte (massacre, morte, ameaça etc.) que deve ser considerado: reforçando o argumento de vigilância, através da evocação: “carnificina evitada” e do chamado de série de atentados na França (depois de 1995) eles pretendem encorajar os franceses a seguir o exemplo da campanha americana após 11 de setembro de 2001 (MOIRAND, 2015, p.117, *tradução nossa*)⁹.

⁸Quando o enunciado da emoção é explícito, a emoção é *designada*. A emoção *implícita* (dá a inferir) pode ser reconstruída a partir de índices emocionais tirados do formato linguístico em situação (reconstrução carregada de emoção) ou a partir do estado do lugar psicológico (reconstrução por aval). Lorsque l’émotion est explicite, l’émotion est *désignée*. L’émotion *implicite* (donnée á inférer) peut être reconstruite à partir d’indices émotionnels tirésdu formatage linguistique de la situation source (reconstruction par l’amont de l’émotion), ou à partir de l’état du lieu psychologique (reconstruction par l’aval (Plantin, 2011, p.137).

⁹ Des événements antérieurs sont ici évoqués pour donner un sens social à vigilance : “l’affaire de tous”. Mais au-delà des paroles de locuteurs ordinaires et de locuteurs autorisés, c’est le rôle des nominations à valeur émotionnelle forte (carnage, tuer, menace etc.), qui est à considérer : renforçant “l’argument” de la vigilance, à travers l’évocation do “carnage évité” et du rapel de la série d’attentats em France (depuis 1995), eles visent à inciter les Français à suivre l’exemple de la campagne états-unienne après le 11 septembr 2011(MOIRAND, 2015, p. 117)

Destarte, a folhetinização constante do praxema *Mensalão* em diferentes dispositivos tecnodiscursivos através de atos de linguagens que evocam quadros pré-discursivos coletivos, especialmente em enunciados destacados funcionam como estratégia discursivo-argumentativa para manter o sentimento coletivo de que, “existe um problema que afeta a todos”. Assim, as retomadas do *Np* que passa a designar o acontecimento político, lesivo a toda a sociedade brasileira, uma vez que o dinheiro da corrupção é dinheiro público, se torna uma instância de narrativas contraditórias, eivadas de emoções, com a finalidade de manter uma seara argumentativa emocional, que contribui para evoluir o nome e a polireferencialidade a ele instaurado, mostrando-nos, portanto, o quão importante a aproximação epistemológica da emoção aos estudos discursivos e argumentativos, pois,

aproximar as emoções sob o ângulo da argumentação é extremamente fértil. A realidade discursiva das emoções aparece com uma evidência particular quando a emoção está somente no debate- ela está lá mais- em debate. A argumentação tem a necessidade das emoções e as emoções têm a necessidade da argumentação, pois é pelas argumentações em caso geral que elas são produzidas e suportadas os casos aplicados (PLANTIN, 2011, p. 187).

Ademais, ao nos questionarmos sobre o *Nome de Memória* em sua constituição, formulação e reformulação incessante da memória, reafirmamos a importância da figura do sujeito jornalista, uma vez que esse assumiu à época um lugar de fala de destaque no espaço público, “porta voz autorizado” a falar pela credibilidade adquirida no ambiente. Dito diferentemente, ao se considerar o *Nome de Memória* como uma tecnologia discursiva e a memória como agente ativo na produção de discursos, como coloca Paveau (2013), o sujeito ao nomear o acontecimento apela a quadros discursivos coletivos distribuídos e os colocam em circulação, suscitando debate na própria relação que mantém com a memória dos dizeres.

Por conseguinte, o gesto de dar um nome e nesse momento dar visibilidade ao acontecimento *Mensalão*, o agente jornalista se apresenta como um sujeito qualificado e portador da virtude da coragem, por conseguinte seu discurso se mostra ajustado ao ambiente, portanto, no entendimento de Paveau (2015) um discurso virtuoso. Por assumir esse lugar de “mensageiro da verdade” da república, o jornalista se projeta como o contador da verdade, ou seja, um agente virtuoso no ambiente do qual participa, um homem honesto e destemido. Todavia, esse dizer a verdade, o *Mensalão*, como o maior escândalo de corrupção no Brasil, enquanto valor moral, tomado como positivo nas sociedades em geral, quando ganha visibilidade no gesto de nomeação e, principalmente,

pela “viagem” (Moirand, 2007) da palavra através das mídias, ecoa uma verdade que no ambiente do governo perturba a ordem, pois traz à tona o relato de corrupção envolvendo representantes do governo nas dependências do executivo.

Acreditamos que no momento de emergência do acontecimento em 24 de setembro de 2004, no *Jornal do Brasil* (JB), na matéria em primeira página "*Planalto paga mesada a deputados*" na reportagem feita por Paulo Lyra, Hugo Marques e Sérgio Pardellas intitulada "*Miro denuncia propina no Congresso*", os agentes jornalistas e políticos instituem a polêmica por intermédio de diálogos, que evidenciam pontos de vista sobre o objeto em enunciações, mobilizando a dimensão emocional, ora diretamente ora indiretamente,

(1) **O governo montou no Congresso um esquema de distribuição de verbas e cargos para premiar partidos da bancada governista fiéis ao Planalto.** Chamado "**mensalão**", trata-se de uma mesada fixa em troca de votos favoráveis no painel eletrônico. A denúncia foi feita por vários parlamentares ao ex-ministro das Comunicações, Miro Teixeira, quando ainda era líder do governo na Câmara. Na época, Miro pressionou esses deputados para que fossem com ele pessoalmente ao encontro do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para confirmar o que denunciavam - a existência de um esquema de propinas em troca de votos, operado pelo ex-subchefe da Casa Civil, Waldomiro Diniz. **Nenhum teve coragem. Inconformado**, Miro resolveu se **aconselhar** com um dos mais atuantes procuradores do Ministério Público Federal em Brasília –

“Não faço política assim” - lamentou Miro ao procurador, pouco antes de a insatisfação levá-lo a abandonar o governo.

Por meio de três conversas telefônicas ocorridas entre a tarde e a noite de ontem, o ex-ministro confirmou ao **Jornal do Brasil** ter sido procurado por **parlamentares que conheciam o esquema**. Também reconheceu que cobrou dos deputados o relato ao presidente Lula.

(2) Boatos sobre o "**mensalão**" correm soltos nos corredores do Congresso. Há até quem se **incomode** por não ter sido incluído na lista dos **amigos do Planalto**.

(3) **Nunca ninguém veio me oferecer nada, mas existe.** O caixa do partido é um deputado do Paraná. **Deve ser porque me acham com cara de bobo** ou porque sou parlamentar de primeiro mandato - choramingou um deputado do PP.

(4) O governo montou um **balcão de negócios sujos** para manter sua base de **bajulação**. A cada nova denúncia ou indício de crime contra a administração pública, **sinto um misto de tristeza e indignação. Surpresa, nenhuma** - acusou.

(5) O líder do PFL na Câmara, deputado **José Carlos Aleluia** (BA), é outro que confirma conhecer a história de partidos sustentados com uma "cesta básica": **Isso não é novidade, mas não tenho como comprovar - esquivou-se.**

Nota-se no conjunto dos enunciados, bem como no título da matéria “*Leia, na íntegra, a reportagem do 'JB' que denunciou propina no Congresso*”, como o enunciado do agente jornalista se coloca nesse lugar de promotor e mensageiro de uma verdade que era sabida, mas que ninguém teve coragem de levá-la ao público, e ele (jornalista) como homem da moral e da decência, assume o *ethos* virtuoso de “abrir os olhos da república” a respeito de fatos sombrios instituídos no alto poder do país.

Ao denunciar o caso de corrupção, o jornalista se projeta como um agente virtuoso¹⁰, pois acredita proferir um discurso exato e sincero, portanto, ajustado ao ambiente cognitivo. Esse desejo de contar a verdade é urgente, mesmo diante de todos os perigos que esse dizer verdadeiro possa vir a provocar quando retirado do enclausuramento. Desse modo, o discurso virtuoso da verdade se apresenta contraditoriamente paratópico, pois está condenado a um não direito de existência mesmo sendo ele avaliado positivamente e preferível no ambiente cognitivo.

Segundo Paveau (2015, p. 203), ao analisar as relações entre linguagem e moral:

Apesar de virtuoso, esse discurso, é portanto, condenado como não virtuoso, porque desajustado ao ambiente. Compreende-se então que a própria virtude discursiva é plástica, profundamente dependente dos contextos e dos dispositivos [...].

Ainda, para a autora,

[...] Esta interrogação sobre o valor moral da verdade que dou aqui é antiga, está fixada desde a Antiguidade em figuras de falantes, que chamo de contadores de verdade, herdadas pelas sociedades contemporâneas. As figuras antigas do profeta, do mensageiro ou do parresiasta, amplamente representadas no *corpus* literário e filosófico, tem posteridade na forma do *whistleblower* ou do denunciador. Essas figuras têm em comum o fato de fazer uma afirmação condenada porque **verdadeira** (PAVEAU, 2015, p. 300).

Considerar essa paratopia do discurso do agente jornalista sobre o dizer a verdade referente ao acontecimento ao qual objetividade e subjetividade se instalam simultaneamente, é uma das interrogações que fazemos para compreender o funcionamento do *Nome de Memória Mensalão*, pois entendemos o discurso num viés de uma linguística simétrica, em vista disso, uma linguística que procura eliminar as

¹⁰ Definirei discurso virtuoso como discurso ajustado aos valores vigentes na realidade complexa e instável dos agentes e de seus ambientes. Esse ajuste diz respeito a três elementos: os agentes e suas relações (o que pode ser descrito por meio da noção de decência, extraída de A. Margalit), o mundo (a realidade e suas representações) e o conjunto das produções verbais que constituem a memória discursiva das sociedades (discurso, pré-discursos, linhagens discursivas). Esses elementos formam um sistema ao mesmo tempo discursivo, cognitivo e ético, no qual estão imbricados (sempre no sentido putnamiano do termo) (PAVEAU, 2015, p. 214).

dicotomias para pensar a ciência da linguagem e, principalmente, uma visão que procura trazer para as discussões o papel da subjetividade e a tomada de posição dos sujeitos nas práticas discursivas que procuram apagá-las ou neutralizá-las.

Com efeito, o nosso trabalho se coloca no diálogo com os estudos da argumentação, mais especificamente numa concepção interacional da argumentação, a partir das reflexões de Amossy (2004, 2007) no prisma de uma *dimensão argumentativa*, “a argumentação será sempre parte integrante do discurso em situação e de Plantin (2011, 2016), que concebe toda fala como necessariamente argumentativa, e como tal a tomada de posição não é exclusivamente para promover uma tese, sim para fazer partilhar maneiras de ver, sentir e questionar o mundo.

No objeto em análise, percebemos que o partilhamento de ideias sobre o nome se dá recorrendo, principalmente, a cenas de enunciação que procuram causar comoção popular, mexendo com os estímulos afetivos, históricos e culturais dos sujeitos distribuídos no ambiente, como é possível observar nas palavras destacadas no fragmento 4: **balcão de negócios sujos, bajulação, sinto um misto de tristeza e indignação. Surpresa, nenhuma.** Dizeres que procuram recuperar sentidos sociais, por exemplo, de que somos um país no qual o pobre nunca terá vez e de que a justiça é implacável apenas com os menos afortunados, frequentemente empregados com nuances argumentativas, mescladas de razão e emoção. Como é possível observar na fala do Ministro do Supremo Tribunal Federal, Luís Roberto Barroso, trazida durante voto no julgamento da Ação Penal 470 (número do processo no Supremo Tribunal Federal) e transformada em pequena frase pela mídia “*Para ser preso no Brasil é preciso ser muito pobre e muito mal defendido*”,

*Para ser preso no Brasil é preciso ser **muito pobre e muito mal defendido.***

O ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal (STF), afirmou, nesta quarta-feira ao proferir seu voto sobre os segundos recursos de declaração do mensalão que **a Justiça toma decisões de forma seletiva, dependendo da classe social do réu.** Comparando com o sistema de castas, Barroso citou que muitos são condenados por **porte de maconha, enquanto estão soltos responsáveis por grandes crimes.**

- Temos milhares de condenados por pequenas quantidades de maconha, e pouquíssimos condenados por golpes imensos na praça. Para ir preso no Brasil, é preciso ser muito pobre e muito mal defendido. **O sistema é seletivo, é um sistema de classe. Quase um sistema de castas** – afirmou.

Este processo, esta Ação Penal 470, pode ter, ao menos a médio prazo, um impacto salutar sobre como se faz política no Brasil e sobre o modo como se pratica o direito penal no país.

No tocante à política, os fatos se apressaram em confirmar o que eu disse no primeiro dia de julgamento dos embargos de declaração: **a corrupção não tem partidos e é um mal em si. Nesses poucos meses, explodiram escândalos** em um Ministério, em um importante Estado da Federação e em uma importante Prefeitura Municipal. **A mistura é a de sempre: uma fatia para o bolso e outra para o financiamento eleitoral.**

Não saímos do lugar na matéria. Mas a necessidade de reforma é uma ideia vitoriosa. **As ideias, infelizmente, levam um tempo relativamente longo desde que conquistam corações e mentes até se concretizarem na realidade.** Mas já sabemos qual é a direção certa. E a direção certa é mais importante do que a velocidade.

No tocante ao direito penal, este processo também pode se transformar em um momento de reflexão. É uma área em que o Direito brasileiro está desarrumado, tanto do ponto de vista filosófico quanto normativo. Quanto de direito penal? Para quem o direito penal¹¹?

No conjunto do trabalho, chamamos a atenção para o *Nome de Memória Mensalão* em sua dimensão argumentativa, recorrendo sistematicamente, como já sublinhado, a jogos argumentativos, nos quais a palavra é marcada pela avaliação afetiva e axiológica que pode ser verificada na própria formação do *praxema* a partir do emprego do sufixo “ão”, marcador linguístico que tem pregnância na memória interdiscursiva midiática brasileira¹².

A este respeito, Moirand (2016), assevera que alguns sons, palavras, formulações e imagens convocam a memória do dizer. Dessa maneira, tomo o sufixo “ão” como uma marca sonora avaliativa que reforça o laminado memorial do *Nome de Memória Mensalão*, produzindo na valsa dos metadiscursos um acontecimento discursivo moral pela relação estabelecida com a memória do dizer da mídia brasileira quando da apropriação sistemática do afixo.

¹¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/barroso-diz-que-justica-opera-em-sistema-proximo-ao-de-castas-10774683#ixzz4uIF4s2TU>

¹² A mídia brasileira nomeia, com certa frequência, acontecimentos políticos com o recurso de neologismos formados por derivação sufixal em -ão. Exemplos: **apagão (crise do apagão** crise nacional que afetou o fornecimento e distribuição de energia elétrica, durante o segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, que fora causada por falta de planejamento e investimentos em geração de energia); **metrolão** ou **trensão** (caso de corrupção e formação de cartel em contratos de expansão e manutenção de trens e metrô de São Paulo); **petrolão** (operação Lava Jato foi deflagrada para investigar este grande esquema de lavagem e desvio de dinheiro envolvendo a Petrobras um esquema de lavagem de dinheiro), mensalão (escândalo de compra de votos durante o governo do PT).

Com base no exposto, compreendemos inicialmente *Mensalão* como um acontecimento discursivo moral, no gesto de dar o nome pela maneira como o jornalista percebe o ambiente e o relaciona aos quadros pré-discursos mobilizados, e nos comentários proferidos nos trajetos do praxema nos circuitos comunicacionais.

Diante desses aspectos, o trabalho está organizado em quatro capítulos, os quais procuram responder às complexidades no movimento de leitura do *Nome de Memória Mensalão*, um lugar discursivo forte no ambiente brasileiro e totalmente inoculado por questões de ordem moral. Assim, no primeiro capítulo, buscamos responder acerca da emergência do *Nome de Memória* em diferentes dispositivos tecnodiscursivos. No segundo, perquirimos a transformação midiática do *Mensalão* em pequena frase política. Na sequência, no terceiro, discutimos sobre o apelo à memória tecnológica discursiva engendrada pelo afixo “ão”. No quarto e último, discutimos, por um lado, a possibilidade de se pensar as pequenas frases enquanto uma tecnologia discursiva e, por outro, o papel dessas tecnologias discursivas enquanto a edificadora do acontecimento discursivo moral *Mensalão*. Na conclusão, procuramos retomar os pontos discutidos ao longo dos capítulos que constituem o nosso trabalho.

1 USOS E DESLIZAMENTOS: A EMERGÊNCIA DO *NOME DE MEMÓRIA* EM DIFERENTES DISPOSITIVOS TECNODISCURSIVOS¹³

Na contemporaneidade, os discursos sobre acontecimentos políticos ganham cada vez mais destaque na mídia. Com isso, as práticas jornalísticas, numa temporalidade e espaço dados, ao perceberem uma dada ocorrência como significante passam a promovê-la em acontecimento discursivo em sua dimensão reflexiva por meio das retomadas em séries que são (re) produzidas ininterruptamente.

Nesse sentido, para que o acontecimento passe efetivamente a existir e forme uma individualidade, os jornalistas podem e devem descrevê-lo/nomeá-lo para comunicar aos leitores, e também, para cumprir suas rotinas de trabalho que implicam categorizações rápidas, devido à importância particular que o nome próprio do acontecimento recebe no espaço jornalístico¹⁴.

Quando descrito, o acontecimento recebe seu caráter de evidência, dito diferentemente, a partir do momento que o acontecimento é identificado sob uma descrição uma interpretação e explicação são orientadas e delimitadas pelo teor semântico dos termos, utilizados para essa descrição. No entanto, é de se destacar que tomamos a noção de acontecimento numa relação com a noção de enunciação, já que toda vez que a ocorrência é retomada, ela remete à descrição recebida e projeta simultaneamente para novos acontecimentos, testemunhando assim o caráter acontecimental de toda enunciação. Tomamos como acontecimento porque ela, a enunciação, jamais se produz duas vezes como já pontuava Benveniste (2005, p.302) num diálogo com as propostas de Austin sobre os performativos.

Na perspectiva que aqui assumimos, a de acontecimento em sua dimensão de acontecimentalidade/reflexividade, a tensão semântica-referencial de uma unidade lexical ou de um sintagma pode funcionar conforme as cenografias em que são evocadas como:

a) nome próprio de um evento – reservado de uma acontecimentalidade geográfica e

¹³ Os dispositivos de retransmissão maciça de discurso, imagens e textos, que são as tecnologias telefônicas, a mídia, audiovisuais em especial, e a Internet (a *web 2.0* aumentou consideravelmente o coeficiente de circulação dos discursos) constituem câmaras de ressonância que levam tanto a banalização quanto à sensibilização para a dimensão moral dos discursos (PAVEAU, 2015, p. 320).

¹⁴ Krieg-Planque. À propos des «noms propres d'événement». Disponível em: <https://cediscor.revues.org/759>.

temporalmente situada; b) como nova categoria denominativa – uma denominação suscetível de reenviar a um conjunto aberto de acontecimentos.

A descrição do acontecimento nomeado pela mídia brasileira como *Mensalão* é aqui analisado em seu funcionamento enquanto nome próprio de um evento circunscrito em um espaço temporal e geográfico, dado que remete à designação recebida e, ao mesmo tempo, sempre que convocado reenvia a novos atos de enunciação pelo seu caráter único numa rede de categorizações do campo midiático. No jogo de retomadas parafrásticas do praxema *Mensalão* a mídia elabora enunciados, que remetem ao mesmo fato, no entanto, esses enunciados não constroem as mesmas significações, ocorrendo um confronto discursivo¹⁵, prosseguindo por meio das discursividades que trabalham o *Nome de Memória*.

No trabalho constante de descrição da ocorrência, percebida como sintomática no espaço público, as narrativas que são formuladas atestam o caráter de atualidade e memória do acontecimento, que joga o tempo todo com a opacidade da significação produzida pelos enunciados, enunciados esses únicos que ganham existência na singularidade do ato de enunciação. A noção de enunciado advinda de Foucault ([1969] 2012) na sua interface com a noção de ato de fala de Austin (1990), visto que sem a performatividade o enunciado não passa de um aerólito miraculoso, é importante para pensarmos o *Nome de Memória Mensalão* como *Nome Acontecimento*, conforme Moirand (2007).

Mensalão, designação atribuída por jornalistas, como ficou notoriamente conhecida a Ação Penal (AP) nº 470 é apreendida e retomada ainda hoje em materialidades diversas como o maior escândalo de compra de votos na política brasileira. Passados quatorze anos, desde o a irrupção do acontecimento muitas narrativas ainda, e em cada movimento dos usos do praxema *Mensalão* mudanças contínuas dos sentidos e das formas são produzidas o que “mostra como essa palavra assume, num dado momento, um lugar de destaque no debate público” (Bonnafeous *apud* Krieg-Planque, 2010, p. 25). Embora não nos detendo na lexicologia, que acompanha as palavras na longa duração de seus usos, nosso trabalho, de certa maneira, faz obliquamente interface com aquela, uma vez que o percurso da palavra *Mensalão* implica mudanças nos usos e também nas evoluções políticas e sociais, portanto discursivas, que a acompanha, o que requer análise

¹⁵ Pêcheux (2012).

constante do funcionamento dos elementos do pré-discurso acionados pela materialidade da língua.

Desde que o acontecimento em questão invadiu o a cena política brasileira uma produtividade lexicológica o acompanha, sinalizando para o caráter de reflexividade que se instala a cada nova enunciação, provocando reações e comentários próprios da polêmica que é constitutiva do praxema desde o quadro de seu surgimento, configurando-o como um acontecimento discursivo moral¹⁶.

A polêmica desempenha papel importante nas democracias como postula Amossy (2014), e a imprensa assume papel determinante na construção da polemicidade pela prática insistente de engendrá-la e pulverizá-la com o argumento de ser de interesse público. No quadro teórico proposto por Amossy, a polêmica não é “uma comunicação desordenada”, ela recebe uma valoração positiva funcionando, todavia como “modalidade argumentativa e elemento de vitalidade das sociedades onde o conflito é inevitável, recorrente e constitutivo dos processos sociopolíticos”. No quadro teórico-metodológico proposto por Amossy, a polêmica constitui uma modalidade importante, entre outras, de argumentação.

O acontecimento objeto de polêmica o *Nome de Memória Mensalão* tomado aqui como acontecimento discursivo moral foi empregado pela primeira vez em 24 de setembro de 2004 no Jornal do Brasil (JB) em reportagem realizada por Paulo Lyra, Hugo Marques e Sérgio Pardellas intitulada “*Miro denuncia propina no Congresso*”, a matéria recebeu destaque em primeira página com a manchete “*Planalto paga mesada a deputados*”. O texto trazia informações de como funcionava e o que era o esquema de compra de votos no parlamento do país, o que eles denominaram por “mensalão”, em associação ao termo mesada para se referir à prática de pagamento fixo mensal aos deputados que votassem a favor de projetos que beneficiariam o governo.

¹⁶ Conceito que será retomado no Capítulo III.



Figura 5



Figura 6

Decorridos alguns meses da publicação da reportagem feita pelo Jornal do Brasil descrevendo detalhes do esquema nomeado pelos jornalistas de “mensalão”, a revista *Veja* em 18 de maio de 2005 divulga uma gravação de Maurício Marinho, ex-chefe do DECAM da Empresa de Correios e Telégrafos (ECT). O administrador de material dos Correios relata minuciosamente o esquema de corrupção de agentes públicos na estatal. Na mesma edição que tem como capa “*O vídeo da corrupção em Brasília*”, a revista publica a matéria “*O Homem Chave do PTB*”, referindo-se ao ex-deputado federal Roberto Jefferson, aquele que é considerado como o “delator” do caso de irregularidades nos Correios e também partícipe no caso. Na matéria, o jornalista denuncia um suposto esquema de corrupção, revelando detalhes da existência de pagamento de propina aos parlamentares aliados ao governo que recebiam o que chamou de um *Mensalão* de 30 mil reais do então tesoureiro do PT Delúbio Soares, prática ilegal que teria sido realizada entre os anos de 2003, 2004 e início de 2005.

Pode-se dizer que o neologismo *Mensalão*, variante da palavra mensalidade, utilizada para se referir à mesada paga a deputados para votarem favoravelmente em projetos de interesse do Governo Federal, se tornou mais visível quando utilizada por Roberto Jefferson em 06 de junho de 2005, conforme relata o deputado em entrevista concedida ao Jornal Folha de S. Paulo.

O deputado, que à época, compunha a base aliada do governo denunciou publicamente o esquema, que segundo ele era uma prática comum nos bastidores da política brasileira. Na mesma entrevista, Jefferson acusara como chefe arquiteto da prática ilegal o ex-ministro da Casa Civil, José Dirceu do Partido dos Trabalhadores, um dos homens de confiança do partido do governo.

Desde então, muitas narrativas em diferentes dispositivos tecnodiscursivos e com múltiplas nuances já foram produzidas sobre o acontecimento, motivadas pelos inúmeros desdobramentos do evento que rotineiramente ronda os discursos midiáticos, contrariando como pontua Moirand (2007, p. 2) a ideia de efemeridade dos discursos midiáticos. Entre essas narrativas, há publicação de livros, que procuram apresentar a batalha política pela memória do acontecimento.

Dessas publicações, duas em particular nos chamam a atenção por mostrarem a construção do acontecimento de maneira totalmente divergente. *A outra história do mensalão: as contradições de um julgamento político*, de Paulo Moreira Franco (2013) e *“Mensalão: o julgamento do maior caso de corrupção da história da política brasileira*, de Marco Antonio Villa (2012), ex-componente da bancada do Jornal da TV Cultura.

Paulo Moreira Leite, jornalista, aponta as contradições do julgamento do mensalão operadas, segundo ele, pelas inconsistências das “provas fracas” que foram apresentadas pelo procurador da justiça Antônio Fernando de Souza. No decorrer da obra, Leite, dá ênfase para o fato da subordinação legislativa e executiva ao poder judiciário, ressaltando a fragilidade das esferas legislativas e executivas quando passam a transferir decisões polêmicas que “não são capazes” de solucionar para o âmbito do poder judiciário. Essa transferência de poderes, nesse acontecimento em particular o mais espetacularizado dos julgamentos da história do país, fez com que os juízes, na opinião de Lewandowski, fossem acuados pela opinião pública “A imprensa acuou o Supremo. Não ficou suficientemente comprovada a acusação. Todo mundo votou com a faca no pescoço”, como consta em (LEITE, 2013, p. 13).

No prefácio da obra, João de Freitas enfatiza aquilo que é pano de fundo das argumentações sustentadas por Leite “Antes de ser a Ação Penal 470 (vez ou outra AP 470) sob julgamento no STF, o chamado mensalão já estava sob uma ação penal. Executada na imprensa, na TV, nas revistas e no rádio. Uma ação que mal começara e já chegava à condenação de determinados réus”.

Noutra direção, Marco Antonio Villa constrói a narrativa em que procura objetar o que para ele consistiu em um golpe orquestrado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) para se manter no poder. Posicionamento explicitamente marcado já no título pelo emprego do adjetivo *maior* e reiterado constantemente pela cenografia de uma peça teatral, apresentando o acontecimento por intermédio das reconstruções feitas das sessões e a participação de cada um dos personagens que atuaram no julgamento, deixando sistematicamente demonstrado pelos modalizadores usados *nada ficou oculto: as revelações acabaram por enterrar definitivamente o figurino construído ao longo de décadas de um partido ético, republicano e defensor dos mais pobres* que todo o processo foi exemplarmente conduzido pelo STF, em especial pelo relator Joaquim Barbosa¹⁷, sustentando a tese de que tudo fora feito conforme os ritos constitucionais, de que nada ficara oculto e todos tiveram direito a ampla defesa como garantido em Lei.

Nota-se que, desde o surgimento do *praxema*¹⁸ *Mensalão* em 2004, na cena política brasileira, e ainda hoje o acontecimento produz discursividades que geram reações múltiplas, confirmando o movimento infinito dos usos e as mudanças dos sentidos e das formas operadas em cada enunciação. *Mensalão* se impõe assim como uma palavra de ordem, um ponto de passagem obrigatório na arena sociopolítica brasileira. Essa passagem obrigatória pelo *praxema*, tal como acontece com outras palavras ou *lexias* complexas, “*globalização*”, “*golpe*”, “*desenvolvimento sustentável*”, “*purificação étnica*”, “*aquecimento global*”, “*judicialização da política*”, “*a esperança venceu o medo*”, “*nunca antes na história desse país*”, “*não vamos desistir do Brasil*”, que ganham notoriedade e constituem um referente social em um espaço público dado e são objetos de comentários, revelando que a palavra foi percebida como acontecimento, logo é necessário assumir uma posição diante do *praxema* que fora promovido a acontecimento pelo trabalho sistemático realizado pelas práticas dos jornalistas. Ainda que, o acontecimento *Mensalão* na conjuntura atual não esteja no centro das discussões promovidas pelas mídias, o que confirma a tese de zonas de turbulências¹⁹,

¹⁷ Presidente do STF (2012).

¹⁸ No campo dos tributos, a palavra *Mensalão* já circulava e está relacionada a RIR/99 - Regulamentação do Imposto de Renda.

¹⁹ Discussão empreendida por Krieg-Planque (2010), consistindo em mostrar como as palavras, ao longo tempo de seus usos, atravessam zonas de turbulência que podem ser circunscritas, ou seja, entram em fases críticas de sua existência, como é o caso, por exemplo, de “*desenvolvimento sustentável*”.

acompanhando os usos de uma palavra, o que não significa afirmar a não presença do praxema na rotina midiática.

Partindo da premissa de Krieg-Planque (2010), que convictamente corroboramos, uma palavra num momento específico é usada insistentemente e de maneira crítica, elegemos analisar o funcionamento do acontecimento discursivo moral *Mensalão* em um dos momentos discursivos²⁰ em que a zona de turbulência da palavra se impôs para debate na arena pública, principalmente por meio de circulação de enunciados curtos que foram atuantes na construção do acontecimento no período do julgamento da AP no STF.

1.1 As não-coincidências narrativas²¹

1.1.1 Grande mídia alternativa: *Carta Capital* e *Revista Piauí*

A revista *Carta Capital* alinhada à filosofia da esquerda política foi criada em 1994 pelo jornalista Mino Carta. Nos primeiros anos, era publicada mensalmente e a partir de agosto de 2001 passou a circular semanalmente. Conta com uma página na internet desde 1999, mas como o editorial da revista ressalta foi em meio às manifestações de 2013 que *Carta Capital* se tornou mais presente e ecoando nas discussões sociopolíticas do país,

[...] em 2013 nossa história recomeçou. Mudamos de cara, agregamos parceiros, explodimos nas redes sociais, criamos a *TV Carta*. No ano em que o País foi sacudido pelas maiores manifestações de rua de sua história, o conteúdo online de *Carta Capital* firmou-se como peça central para entender e discutir este novo cenário e seus desafios²²

²⁰ Um momento discursivo não é, portanto, necessariamente espetacular, como foi o 11 de setembro de 2001 ou como pode ser um tremor de terra. Mas um fato ou um acontecimento constitui um momento discursivo que dá lugar a uma abundante produção midiática e que permanecem traços produzidos em outros eventos posteriores. Evoca-se ainda “maio de 68” em relação aos problemas da École em 2004, recorda-se o escândalo do sangue contaminado em relação à crise da vaca louca ou da questão das OGM. São justamente esses traços discursivos que nos importam, porque eles reaparecem relacionados a outros acontecimentos (novos momentos discursivos) e entram na ronda dos discursos produzidos e transmitidos pelas mídias. (Moirand, 2007, p. 04. Tradução nossa)

²¹Categoria atribuída por nós, para nos referirmos as não-coincidências narrativas dos dispositivos tecnodiscursivos, *Carta Capital*, *Piauí*, *Vermelho*, *Estadão*, *Folha de São Paulo*, *Uol* para apresentar o acontecimento mensalão. A não-coincidência narrativa, no nosso entender, comporta as quatro não-coincidências trabalhadas por Authier-Revuz (1998): a não-coincidência interlocutiva, a não-coincidência do discurso consigo mesmo, a não-coincidência entre as palavras e as coisas e a não-coincidência das palavras consigo mesmas.

²²Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital>.

A revista nasceu pautada no que ela denomina “bom jornalismo”, que consiste no exercício do espírito crítico, fidelidade à verdade factual e ainda na fiscalização do poder onde quer que este se manifeste. Adotando a filosofia do “bom jornalismo” e alicerçada no tripé: espírito crítico, fidelidade à verdade e fiscalização do poder, *Carta Capital* é considerada uma revista alternativa, particularmente por adotar uma postura analítica crítica, se opondo em seus propósitos às grandes mídias do país, *Veja*, *Folha de S. Paulo*, *Estadão*, *Uol*. Por seu caráter analítico e crítico, inúmeras pessoas enquadram a revista naquilo que consideram ativismo/engajamento jornalístico progressista pela postura e a forma como são apresentadas as matérias, deixando claramente demonstrado o ponto de vista adotado, o que muitas vezes a lança em grandes polêmicas, como a que ocorreu em 2005 na edição n. 372 no momento em que o escândalo do Mensalão estava no centro das atenções políticas no Brasil e no mundo. Naquela edição, a *Carta Capital* trouxe a entrevista com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que soou negativamente, principalmente, por parte dos opositores ao governo, polemizando o fato de a revista não questionar o assunto do momento, o “Mensalão”, que envolvia a alta cúpula do partido do ex-presidente.

Desde o surgimento do acontecimento *Mensalão* em setembro de 2004, na matéria do *Jornal do Brasil*, a revista *Carta Capital* também se ocupa da questão. Numa busca rápida no site da revista pelo sintagma *Mensalão* a ocorrência aparece 1.139 vezes. Constata-se que a última menção foi em 10/10/2016, no caderno Opinião “*A crítica ao Judiciário*”, escrita pelo jornalista Pedro Estevam Serrano.



Figura 07

A matéria ressalta a importância da necessidade da democracia e da participação ativa de todos no processo democrático. Segundo o jornalista para concretização desse ideal republicano, se faz imprescindível, realizar uma atividade efetivamente crítica das instituições sociais de forma contundente na instância do poder judiciário. Com base nessa premissa, Serrano cita também a importância do trabalho feito por alguns jornalistas no sentido de questionar as decisões do judiciário. Entre alguns desses profissionais, destaca o jornalista Paulo Moreira Leite pela análise crítica que realiza das decisões judiciais de dois últimos eventos mais importantes da vida política do País, o julgamento da Ação Penal 470, o *Mensalão* e a *Operação Lava-Jato*²³

[...] alguém que certamente merece destaque é o jornalista Paulo Moreira Leite. Dotado de uma cultura invulgar, Paulo tem feito uma análise crítica extremamente valiosa da atividade do sistema de justiça no Brasil, sobretudo referente às decisões judiciais dos dois últimos eventos mais importantes da vida política do País: o julgamento da Ação Penal 470, o "mensalão", e a Operação Lava-Jato. O jornalista acaba de lançar a segunda edição, agora ampliada, do livro *A outra história da Lava-Jato*, no qual reconhece as qualidades que essa investigação teve para o combate à corrupção e para trazer o tema à discussão, mas também oferece críticas de enorme pertinência ao que ele considera abuso dos métodos de investigação²⁴

O praxema *Mensalão* surge em *Carta Capital* na edição 345 de 08/05/2005, no entanto, é na edição nº 346 de 15/06/2005 que na capa questiona sobre o caso "*O que de*

²³ A operação Lava Jato se constitui numa investigação de corrupção e lavagem de dinheiro no Brasil (2014) (Ministério Público Federal). Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/para-o-cidadao/caso-lava-jato/entenda-o-caso>. Acesso em: 10/03/2017.

²⁴ Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-critica-ao-judiciario>

fato está por trás da história do mensalão” e no caderno *Seu País*, a reportagem: “A sombra do mensalão: acuado por denúncias de corrupção Jefferson acusa o PT de comprar fidelidade da base aliada”.



Figura 08



Figura 09

Em 09 de agosto de 2012 uma semana depois do início do julgamento no STF, *Carta Capital* reproduz o texto de Maurício Dias *Julgamento do “mensalão” sob pressão*. Dias destaca o papel da imprensa brasileira na construção de uma narrativa que conduziria ao linchamento moral dos 38 réus do mensalão, e ao STF cabia um julgamento político.

Na edição nº 776, de 12 de setembro de 2013, a revista publica como matéria de capa “*Mensalão sob pressão*”, a edição conta com a reportagem “*Voto de Minerva: O ministro Celso de Mello dará a palavra final sobre o futuro de 11 condenados no processo do “mensalão”*” e, na mesma semana, no caderno Opinião, novamente, o jornalista Maurício Dias no texto “*Essa pressão é reacionária*” com o subtítulo “*Ministros do STF pretendem acreditar em algo que, no caso, não existe: a “opinião*”

pública”. *Existe é a mídia nativa*”. Tais enunciados reforçam a tese de que os ministros estavam acuados pela narrativa, que era trabalhada insistentemente pela imprensa, a de que o crime existiu e todos deviam ser condenados antes mesmo da defesa se pronunciar.



Figura 10



Figura 11

Outra importante revista considerada “mídia alternativa”²⁵, por fazer contraponto às mídias hegemônicas, é a revista *Piauí*. Lançada em 2006 por João Moreira Salles, com tiragens, inicialmente mensais e posteriormente, em 2016, passaram a ser disponibilizados no site da Folha de S. Paulo. *A revista Piauí* possui uma linguagem num tom que foge aos padrões do jornalismo tradicional, misturando elementos literários e autorais, permitindo assim uma “liberdade” de escrita aos seus colaboradores. Tem uma

²⁵ Imprensa alternativa ou nanica para o fenômeno de jornais de pequeno porte surgiram no período da ditadura militar (1964-1985). Assim, registra-se: o termo imprensa alternativa é utilizado na obra clássica, de autoria de Bernardo Kucinski, denominada *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa* (1991) para designar os inúmeros jornais que circularam durante os anos de ditadura militar no Brasil e que se caracterizavam por noticiar os graves crimes praticados no país, como as mortes de presos políticos, as formas de torturas implementadas pelo DOI-CODI, da rua Tutóia, em São Paulo, a ostensiva conivência do Estado com grupos nacionais e internacionais que controlavam a economia, a violação dos direitos humanos, a dívida externa, a luta contra a censura e ao regime autoritário imposto ao país, enfim, entre outros temas de interesse geral da população.

proposta de ser diferenciada, como diz o seu slogan publicitário, “*revista Piauí: pra quem tem algo a mais*”.

Em sua primeira edição em outubro de 2006, *Piauí* traz matéria assinada pelo jornalista Brito, sobre o acontecimento *Mensalão* na seção *Portfólio*, intitulada *Vultos da República: entre dois votos, uma volta ao ar viciado dos gabinetes*”. A matéria discursiviza o acontecimento *Mensalão* como um dos elementos que desencadearam o segundo turno das eleições presidenciais em 2006 “O adiamento da definição de quem será o próximo presidente não se deve ao entendimento de que é preciso aprofundar o debate político. Ou, ao menos, não se deve apenas a essa necessidade. Haverá segundo turno porque existe uma questão policial”.

No texto, Brito traz fotos de personagens da cena política em que de alguma forma tinham uma relação ou foram citados no caso do *Mensalão*, fotos que segundo ele, captavam vultos sombrios do poder “As fotos estão além da retórica política, da imagem que os políticos fazem de si mesmos. Elas mostram o desespero da política”.

Em agosto de 2012, mês do início do julgamento pelo STF, *Piauí*, em sua edição nº 71, apresenta na capa o seguinte enunciado *Mensalão à mineira: uma história que deve acabar sem punições*. Na seção *Anais da Política*, a repórter Daniela Pinheiro discorre rapidamente sobre o escândalo do mensalão do PSDB mineiro em 1998 que se arrasta há anos e sem nenhuma sinalização de um possível julgamento no STF como o que estava prestes a começar referindo-se ao julgamento do *Mensalão*. No mês seguinte, na edição nº 72, *Piauí* traz na seção *Questões de Poder*, o artigo “*A política brasileira ainda se organiza em torno da defesa das conquistas de FHC e de Lula, e não a partir de projetos que enfrentem os problemas que nenhum dos dois resolveu*” de Celso Rocha de Barros, Doutor em sociologia. Barros vai elencando o “estilo Dilma de ser” e como seu governo por mais consistente que fosse com projetos claros para o país, esses poderiam ser afetados pela crise internacional e também pelo seu “estilo Dilma de ser”, firme e coerente com suas convicções, diferenciando-se de seus antecessores que faziam alianças inesperadas com o propósito de construir um *ethos* de suposta coesão no país.

Nos dias 20 e 21 de setembro de 2016, na seção *Lupa* a ocorrência do sintagma em questão recebeu destaque nas entrevistas com dois dos candidatos à prefeitura do Rio de Janeiro, Marcelo Freixo do PSOL e Marcelo Crivella do PRB, *Marcelo Freixo diz que*

saiu do PT “bem antes” do mensalão. Checamos e Marcelo Crivella erra ao dizer que saiu do partido quando surgiu o mensalão.

Analisando o número de ocorrências do *Nome de Memória Mensalão* nas revistas Carta Capital e Piauí, notamos que o acontecimento discursivo se projeta como assunto de destaque e sempre que retomado procura sinalizar que existe outro lado da narrativa que é “esquecida”, “silenciada”, proibida”, o mesmo não acontece nas narrativas dadas a ler das grandes mídias, que elaboram cenografias a respeito do acontecimento numa disforia generalizada.

1.1.2 *Blogosfera crítica: Vermelho.org.*

“E toda aurora tem seus galos, clareando no escuro o dia por nascer. A ambição do portal *Vermelho* é ser um galo assim na internet. Contribuir para dissipar treva neoliberal. Trabalhar para que venha logo a alvorada dos trabalhadores e povos da Terra”.

O Portal Vermelho é uma página na internet criada em 2002 com o slogan “*Portal Vermelho: a esquerda bem informada*”. Apresenta-se como uma mídia alternativa mantida pela Associação Vermelha, em convênio com o Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Assumindo um posicionamento de engajamento contra as políticas neoliberais, o portal é constituído por um conjunto de cenografias que trazem, em sua centralidade, temas da política sempre com uma postura crítica diante dos assuntos que se oponham aos direitos democráticos. Um portal que surge como a representação metafórica do “galo”, inspirada no poema de João Cabral de Melo Neto, Tecendo a manhã, que grita em alto e bom som no clarear das manhãs as mazelas camufladas do labirinto da política narcisista e capitalista que subverte o direito dos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil.

No *Manifesto Vermelho* de março de 2002, Bernardo Joffily conclama os militantes para atuarem juntos na construção do portal, um portal que se propõe a construir dias melhores para homens e mulheres, que buscam um país mais justo e combatente:

por isso *Vermelho* anuncia: temos vagas. Muitas e muitas vagas, para homens e mulheres de todas as idades, de todos os recantos do Brasil, e também de fora. Vagas para as inteligências, as sensibilidades, os talentos. Vagas para quem julgue necessário um portal assim e se disponha a ajudar o dia a nascer, pela pura e prazerosa certeza de que a treva já durou demais²⁶.

²⁶ Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/>.

Tomando como eixo central temas da política, o acontecimento *Mensalão*, aparece com certa frequência nas matérias do portal desde 2006, totalizando em uma busca rápida 2.462 ocorrências. Em abril daquele ano, o site traz na íntegra a reportagem publicada na revista *Carta Capital* em que teve como título “*O texto de Serraglio é parcial, omissos e não prova o mensalão*”. Quando a reportagem é retomada e apropriada pelo *Portal Vermelho* alguns elementos são alterados no título, uma característica dos enunciados destacados, “*Carta Capital*” diz que *Serraglio* foi omissos e não provou mensalão”. O emprego das aspas em “*Carta Capital*” produz efeito de distanciamento por parte do *Portal Vermelho*, uma suspensão e afastamento de responsabilidade do que fora dito pela revista. As aspas abrem espaço para um vazio a preencher e ao mesmo tempo enfatiza e ironiza a matéria, evidenciando, portanto, um posicionamento de desprestígio pelo que fora enunciado e o caráter não-apropriado do discurso.

Há marcas do discurso Outro, a partir do qual se fala. São duas encenações diferentes da mesma reportagem e que obedecem a necessidades também diferentes. Quando recebe as aspas *Carta Capital*, que é rotulada assim como *Piauí* e o próprio *Portal Vermelho* como mídias alternativas, as aspas sinalizam possibilidades ao discurso, possibilidades de sentido que cabem ao leitor interpretar.

No contexto evocado, as aspas apontam para a divisão ideológica das duas instituições, dito diferentemente, por mais que alguns ideais sejam compartilhados existem muitos distanciamentos, e o sinal tipográfico vem problematizar e/ou pontuar essas clivagens junto aos leitores.

Em 29 de dezembro de 2013, o texto intitulado “*Venício de Lima: A linguagem seletiva do mensalão*” do professor aposentado de Ciência Política e Comunicação da UNB Venício de Lima, recebe um destaque especial no *Portal Vermelho*. No artigo, Lima faz uma reflexão sobre a importância das palavras, da linguagem e do vocabulário para a condução de uma determinada maneira de pensar, salientando para isso o papel decisivo da mídia no processo de repetição sistemática de palavras que visam a direcionar uma forma de ver e pensar a realidade de maneira seletiva, assim como ocorreu segundo ele com a palavra “mensalão”, que desde 2005 entrou na ordem do discurso com outra conotação a partir de disforia generalizada, apagando, portanto, outros significados. Para sustentar a tese, o professor faz referência a importantes nomes, entre eles Victor Klemperer, na obra *A linguagem do Terceiro Reich*, em que este cita como os ideais do nazismo foram incorporados pela reprodução constante de palavras, “O nazismo se

embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases impostas pela repetição, milhares de vezes, e aceitas inconscientemente e mecanicamente”.

A última ocorrência registrada no *Portal Vermelho* do praxema Mensalão se deu em 13 de outubro de 2016, “*Jantar e repasses à mídia serão fichinha perto do que está por vir*”, texto assinado por Helena Sthephanowitz. A matéria destaca o jantar milionário oferecido pelo presidente da república Michel Temer a 281 convidados, entre eles ministros, parlamentares, assessores e Roberto Jefferson, condenado no *Mensalão*, um dia antes da votação na Câmara dos Deputados da proposta que congela os gastos com saúde e educação por 20 anos, a PEC 241.

Como colocado, o *Portal Vermelho* é um site que constrói uma imagem daquele quem vem para descortinar as injustiças desenvolvidas por políticas imperialistas e neoliberais que assolam os trabalhadores brasileiros. Assume um viés narrativo que prima por mostrar o outro lado da história que as mídias tradicionais, de acordo com o *Portal*, silenciam.

1.1.3 Grande mídia tradicional: *Estadão*, *Folha de São Paulo*, *Veja* e *UOL*

Diferentemente dos *mídiuns* apontados, *Carta Capital*, *Piauí* e *Portal Vermelho*, que por suas características discursivas e linguísticas podem ser enquadradas no que se denomina “jornalismo alternativo” ou “mídia alternativa”, as mídias que serão agora apresentadas se inserem no rótulo grande “mídia tradicional”. Tal divisão é posta porque compreendemos o funcionamento da imprensa brasileira e como esta enquadrou o acontecimento “Mensalão” vinculada a essa dicotomia. Ao traçar essa divisão, queremos enunciar que o acontecimento *Mensalão* recebeu enquadres que procuraram direcionar os sentidos do acontecimento conforme a divisão operada na imprensa brasileira, a saber, *mídiuns* que apoiam à esquerda e, por outro lado, os que apoiam à direita.

O jornal *Estadão*, *O Estado de S. Paulo*, foi criado em 1875 com o nome *A Província de São Paulo*. *Estadão* se apresenta como um jornal com ideais políticos conservadores e liberalismo econômico. Em 2015, o jornal completou 140 anos e lançou edição especial em comemoração “*A história do jornal: A história no jornal*”. A edição procura resgatar a memória do jornal que tem como mote desde a fundação “*fazer da sua independência o apanágio de sua força*” (Acervo *Estadão*). Embora se apresente como democrático, independente e livre o jornal *Estadão* esteve à frente de muitos

acontecimentos políticos se posicionando favorável, entre eles, ao Golpe Militar de 1964 e, mais recentemente, à destituição da presidenta Dilma Rousseff, como mostra o editorial publicado em 04 de abril de 2016 “*Impeachment é o melhor caminho*”,

diante das incertezas provocadas pela grave crise política, econômica e moral que projeta gravíssimas consequências sociais sobre o País, uma coisa é absolutamente certa: do jeito que está não pode continuar. Este governo, inviabilizado por uma presidente da República inábil e inepta, se deslegitimou de facto por decisão da maioria absoluta dos brasileiros e precisa ser afastado o mais rapidamente possível para permitir que se dê início à reconstrução nacional... Mas o remédio para a crise não precisa ser inventado: está na Constituição e se chama impeachment²⁷.

No que diz respeito ao *Nome de Memória*, o praxema frequenta quase que diariamente as matérias do jornal, totalizando 22.298 registros, sendo o último publicado no caderno *Política* em 22 de novembro de 2018, matéria intitulada “Justiça manda Delúbio pagar R\$ 164 mil de multa à Lava Jato”. A reportagem destaca que o ex-tesoureiro do PT, Delúbio Soares, um dos réus do escândalo do *Mensalão* pague uma multa de R\$ 164.215,43 pelo crime de lavagem de dinheiro na Operação Lava Jato,

Delúbio já havia sido condenado no escândalo no Mensalão – o ex-tesoureiro pegou 6 anos e 8 meses de prisão no regime semiaberto por corrupção ativa e foi preso em novembro de 2013. Menos de um ano depois, em setembro de 2014, ele passou para o regime aberto.

O tema merece lugar de destaque constantemente na pauta do *Estadão*, principalmente nas Seções *Política* e *Opinião*, onde é possível ver as associações que são feitas aos casos de corrupção, que surgem no país, reenviarem à memória do acontecimento de compra de votos de parlamentares em 2005, o *Mensalão*. O evento também é discursivizado no link: <http://topicos.estadao.com.br/mensalao>, uma página que tem por finalidade contar como *Estadão* acompanhou o julgamento do processo no STF, e ainda, um link que procura fazer uma cronologia do evento contada nas páginas do jornal “*Reveja a cobertura do caso do Mensalão através das páginas do Estado*”. É notório o posicionamento demonstrado pelo jornal, se contrapondo veemente aos expostos pelas mídias alternativas, o que nos permite reforçar a tese que existe fortemente marcada a divisão na imprensa brasileira.

“*Um jornal a serviço do Brasil*”, slogan da *Folha de S. Paulo*, jornal fundado em 1921, tendo como princípios a produção de informações e análises jornalísticas dentro dos princípios da “independência, espírito crítico, pluralismo e apartidarismo... que

²⁷ Editorial Estadão, disponível em: <http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,impeachment-e-o-melhor-caminho,10000025268>.

contribua para o aprimoramento da democracia e para conscientização política”. O jornal foi criado em oposição aos ideais conservadores e ruralistas defendidos pelo jornal *Estadão*, que na época era o jornal de maior circulação em São Paulo. O projeto inicial da *Folha de S. Paulo* visava a uma aproximação da população com os assuntos que realmente eram de interesse de todos, para tal, suas notícias tinham formatos mais curtos e com uma linguagem mais clara, buscando não dar ênfase às opiniões e sim aos fatos, procurando efetivar a máxima “Um jornal a serviço do Brasil”, e para isso a circulação das notícias por meio de formatos breves era imprescindível às necessidades de um público que vive os imperativos de uma realidade rápida.

Embora se coloque como um jornal apartidário, a *Folha de S. Paulo* revela um posicionamento político-ideológico bem definido, se opondo em vários momentos aos governos eleitos e apoiando algumas candidaturas. O caso mais emblemático aconteceu nas eleições presidenciais de 2010, apontado pelo portal *Brasil de Fato*, quando Folha de S. Paulo num total de 30 manchetes de capa, 28 delas veiculavam elementos que desfavoreciam a candidatura de Dilma Rousseff. O episódio teve grande repercussão, levando inclusive à criação da página “*Falha de S. Paulo*” que ironizava as publicações tendenciosas do jornal no pleito de 2010. Atualmente, é o jornal de maior circulação no país. Com uma proposta de produzir notícias focando a isenção de opinião a *Folha* se atentou para as muitas mudanças ocorridas no país, entre elas a redemocratização da política, passando então a contemplar o teor opinativo e o viés crítico em suas abordagens, o que antes não era seu mote.

O *Nome de Memória Mensalão* ganhou grande visibilidade nacional em 06 de junho de 2005, quando *Folha de S. Paulo* publicou a entrevista “*PT pagava mesada de R\$ 30 mil a deputados, diz Jefferson*” com o ex-deputado Roberto Jefferson.



Figura 12

Dada a grande repercussão da entrevista, o mesmo jornal no dia seguinte publicou um caderno completo sobre o assunto, com as seguintes matérias *“Lula confirma que recebeu denúncia”, “Câmara arquivou denúncia sobre mesada”, “Ciro relato ter ouvido relato de Jefferson”, “Miro diz que Jefferson relatou corrupção em ministério”, “Mercadante diz que Lula sabia do caso”, “Genuíno nega mesada e promete processo”, “Contei a Lula sobre bônus”, diz Perilo”, “Perilo e Maia dizem saber da mesada”*.

No período do julgamento da AP pelo STF, a *Folha* acompanhou os desdobramentos do caso e os colocavam na pauta do dia. Na primeira semana, o tema constou como matéria em primeira página, reiterando sempre o envolvimento do PT e o

conhecimento do ex-presidente Lula como apontam os enunciados destacados *STF começa julgamento com ministro sob pressão, Julgamento começa com atraso e bate-boca de ministros*”, “*Tenho mais o que fazer*” afirma Lula”, “*Esquema ocorria dentro do palácio, acusa procurador, Procurador aponta Dirceu como “mentor” do esquema, Petistas podem ajudar defesa de Dirceu*”. O *Nome de Memória Mensalão* reiteradamente frequenta as páginas do jornal, somando um total de 3.2011 ocorrências, adjetivando-o sistematicamente como o “maior” caso de corrupção do país, arquitetado e gerido pelo PT.

Outro importante *mídiu*m que retoma insistentemente o acontecimento é a revista *Veja*. *Veja* foi fundada por Roberto Civita e Mino Carta, este último também criador da revista *Carta Capital*. *Veja* é atualmente a revista de maior circulação no país e contempla uma variedade de temas, entretanto, questões econômicas e políticas são as mais discutidas. É uma revista que se posiciona aos ideais do liberalismo e às práticas políticas da direita. Por seu posicionamento partidário, definido e colocado sem isenção nas matérias que publica, *Veja* é alvo de inúmeros questionamentos e processos judiciais. Exemplo disso foi a publicação da edição 2.397 que chegou as bancas de todo o país três dias antes da eleição presidencial de 2014, um indício claro, de acordo com muitos, de um partidarismo da revista, figurando assim seu posicionamento favorável ao candidato do PSDB, Aécio Neves.



Figura 13

A ocorrência do praxema *Mensalão* na revista *Veja* é sistêmica totalizando 69.200 aparições. Destacamos aqui, o texto do colunista Reinaldo Azevedo, republicado na edição online em 18 de fevereiro de 2017, intitulado em letras garrafais “ACABOU! O MENSALÃO É AGORA UMA REALIDADE HISTÓRICA ATESTADA TAMBÉM PELO SUPREMO! Um grande dia ontem para o Supremo Tribunal Federal — e que a Corte continue a marcar encontros com um bom futuro. Está enterrada a quimera lulista, a saber: a fantasia de que o mensalão nunca existiu. O Apedeuta voltou a repetir essa ladainha em entrevista ao New York Times, publicada no dia 25.

Na edição de 1905, 18 de maio de 2005, a revista traz na capa a chamada “*O vídeo da corrupção em Brasília*” com o título da matéria “*O homem chefe do PTB*” referindo-se a Roberto Jefferson. Na edição seguinte, de 25 de maio “*Corrupto: estamos perdendo a guerra contra essa praga*” faz chamada à matéria “*As “mesadas”: só de uma estatal Roberto Jefferson do PTB exigia 400.000 reais por mês*”. Nas edições de números 1911 “*O GRANDE ERRO: confundir o partido com o governo*” e 1923 o acontecimento é colocado “*... Era vidro e se quebrou: a história de uma tragédia política*”.



Figura 14



Figura 15

Nota-se que o tema é recorrente na revista, e a zona de turbulência do acontecimento se efetiva incessantemente nas práticas de retomada, de modo singular, em fases críticas da existência do acontecimento, a saber, o surgimento do acontecimento e o julgamento do acontecimento no STF. Acentua-se a isso o posicionamento partidário de *Veja* nas materialidades aqui apresentadas, deixando sempre em evidência no fio do discurso a oposição ao Partido dos Trabalhadores na forma como constrói as cenografias para discursivizar o acontecimento, cenografias essas que movimentam quadro pré-discursivos, reforçando o sentimento coletivo de medo, insatisfação, “tragédia”.

Pela divisão proposta “mídia alternativa” e “mídia tradicional”, o site brasileiro *Uol (Universo Online)* é integrado as mídias hegemônicas/tradicionais pela maneira como aborda os acontecimentos, dito diferentemente, pelos atos discursivos que realiza se acentuam determinados contornos de identidade das ações dessa organização que indicam pelo discurso o pertencimento institucional do portal ao *Grupo Folha*.



Figura 16

Dos sites apresentados o portal *Uol* registra o maior número de ocorrências do praxema, 269.000 vezes, o que contou para a escolha também da materialidade discursiva quadrinística para a composição do *corpus*, pois os números atestam o quanto o acontecimento é algo singular “[...] o acontecimento saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância... há necessidade que o acontecimento reencontre sua vivacidade na consciência do grupo” (Davallon, 2010, p.25), e da necessidade de continuar construindo narrativas sobre ele, narrativas essas perpassadas por cenografias que despertam uma emoção partilhada. O valor acontecimental do *Nome de Memória Mensalão* por meio das reprises e circulação de enunciados curtos valida o acontecimento, movimento instaurado nas práticas jornalísticas, uma vez que os agentes constroem uma memória do evento, como argumenta Krieg-Planque (2011).

A descrição do acontecimento pelo site *Uol* é repetido seguidamente e associado ao discurso da *Folha de S. Paulo*, retomando interdiscursivamente o acontecimento como esquema de corrupção arquitetado pelo governo petista, reforçando a tese da anuência do ex-presidente Lula. As matérias que circulam no site comportam cenografias que privilegiam a dimensão visual, onde o icônico por meio de fotos, gráficos, desenhos procuram manifestar o acontecimento, criando um efeito de realidade.

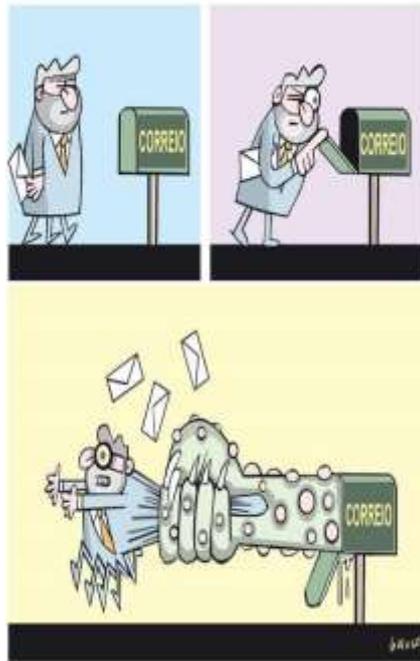


Figura 17



Figura 18



Figura 19

Nas seqüências trazidas, a descrição do acontecimento pelo site *Uol* comporta um mosaíco de cenografias que contemplam uma nova ordem de textualidade, a saber, a navegante tal como definida por Maingueneau (2015, p. 166), no entanto, é mister evidenciar que o lugar circunscrito para o acontecimento é traduzido de acordo com os

percursos interpretativos da instituição *Uol* que o autoriza, enquadrando-o ao discurso das mídias hegemônicas.

Nessa breve exposição sobre a descrição do *Nome de Memória* “*Mensalão*” nos mídiuns *Carta Capital*, *Piauí*, *Portal Vermelho*, *Estadão*, *Veja*, *Folha de S. Paulo* e *Uol* é possível apreender nos enunciados uma *não-coincidência narrativa* na construção e interpretação do acontecimento. Com efeito, é notório o embate de dois posicionamentos, “mídias alternativas” e mídias conservadoras”, na busca da fixação do sentido do praxema *Mensalão*, o que se deve principalmente pela prática sucessiva da circulação da palavra por meio de dispositivos midiáticos, uma vez que esses favorecem a produção de enunciados que retomam o *Nome de Memória* recorrendo a prática argumentativa com tons emocionais, produzindo assim comentários morais pela força ligada ao *Nome Próprio (Np)*. Os posicionamentos midiáticos opostos nos mostram para além de uma incessante luta pelos sentidos, uma poderosa batalha pela (re)construção do acontecimento. Assim, enquanto as mídias alternativas negam o acontecimento, as mídias tradicionais reiteram o acontecimento *Mensalão*: são duas regiões de sentido que se repelem o tempo todo.

2 O NOME DE MEMÓRIA EM ENUNCIADOS DESTACADOS: UM SOBREVÃO SOBRE ALGUNS ESTUDOS DA PEQUENA FRASE EM POLÍTICA

O percurso desenhado até aqui procurou mostrar o papel atuante das mídias na fabricação e circulação de acontecimentos, em específico a do *Nome de Memória Mensalão*, por intermédio de ações realizadas por meios languageiros, evidenciando, também a paisagem da comunicação política como um objeto multimodal com mecanismos próprios de configuração, entre eles, a circulação de enunciados curtos orientados que objetivam a gestão e/ou orientação de sentido conforme a formação discursiva na qual se inscrevem, circulação que reforça insistentemente a leitura, mediante as práticas de retomadas e transformações de um dado acontecimento.

Neste capítulo, são apresentados os principais estudos realizados sobre os enunciados breves, mais especificamente sobre o fenômeno das pequenas frases em política, procurando destacar o duplo princípio de relação que se estabelece entre discurso e ação. Dito de outro modo, assumimos o caráter acional dos discursos pela dimensão constitutiva entre ato de linguagem e discurso no trabalho feito pelos agentes jornalistas quando constroem a fala política em ato de linguagem, pelo uso de enunciados performativos²⁸.

Propomos, portanto, considerações sobre os enunciados breves, por razões que perfazem o percurso teórico-metodológico de nosso trabalho, pois lançamos como hipótese que o *Nome de Memória Mensalão* no conjunto do *corpus* constituído por pequenas frases instaura um acontecimento discursivo moral, reforçando de igual modo estereótipos²⁹ a respeito do praxema mediante os comentários de tipo moral pelos agentes da fala pública.

²⁸ Para aprofundar essa questão ver ALCÂNTARA & CONTI em “Enunciação aforizante performativa? Anotações de leitura sobre uma pequena frase em política” Pontes Editores, 2016.

²⁹ O estereótipo, no sentido de um esquema ou de uma fórmula cristalizada, acaba de aparecer no século XX e tornou-se um centro de interesse para as sociedades socialistas desde os anos 20 do século XX. O publicista norte-americano Walter Lippmann foi o primeiro a introduzir a noção de estereótipo em sua obra *Opinion publique*, em 1922. Ele designa, por meio desse termo, extraído da linguagem comum, as imagens de nossa mente que medeiam nossa relação com o real. Estas são representações cristalizadas, esquemas culturais pré-existentes, através dos quais cada um filtra a realidade do ambiente. Segundo Lippmann, essas imagens são indispensáveis para a vida em sociedade (AMOSSY & PIERRROT, 2010, p. 30-31, Trad. nossa). EL esterotipo em el sentido de esquema o de fórmula cristalizada recién aparece em el siglo XX y se convierte em un centro de interés para las ciencias socialis desde los años 20del siglo xx. El publicista norte americano Walter Lippmann fuel el primero em introducir la noción de estereotipo em su obra

2.1 Os trabalhos de Alice Krieg-Planque: Pequenas frases em política

O fenômeno dos enunciados breves participa do nosso cotidiano discursivo num ritmo cada vez mais intenso. Desde os tempos antigos a utilização desses enunciados atesta o valor acional que eles constroem, citemos como exemplo, os Dez Mandamentos escritos em tábuas de pedra com o propósito de sintetizar as prescrições do Antigo Testamento por meio de palavras que condensavam as leis dadas por Deus ao povo de Israel.

Entendemos que a farta presença de enunciados curtos (slogans, máximas, fórmulas, provérbios, adágios, pequenas frases...) são postos a circular em diferentes cenas de enunciação como estratégia argumentativa que funciona como uma glosa especificante³⁰ que tem por finalidade a orientação argumentativa dos acontecimentos por determinadas instituições produtoras de performativos, como é o caso do STF, e isso se dá mais efetivamente pela forma atuante da publicização dos acontecimentos discursivos operada pela mídia no espaço público³¹ pluralizado, lugar de embates e polêmicas guiados pelo agir comunicativo orientado.

Numa perspectiva da comunicação política, os trabalhos realizados por Krieg-Planque (2010, 2011, 2012, 2014) para pensar a comunicação pelo viés discursivo são importantes para analisar o papel da mídia na circulação dos enunciados curtos, uma vez que as rotinas jornalísticas se alimentam de dispositivos que favorecem a antecipação, retomada e circulação desses enunciados que propiciam a construção de acontecimentos que são engendrados pelas rotinas dos jornalistas profissionais:

Opinion publique, em 1922. Designa mediante esse término, tomado del lenguaje corriente, a las imágenes de nuestra mente que meiatizan nuestra relación com lo real. Se trata de representaciones cristalizadas, esquemas culturales preexistentes, a través de los cuales cada uno filtra la realidad del entorno. Según Lippmann, estas imágenes son indispensables para la vida em sociedade” (AMOSSY&PIERROT, 2010, p. 30-31).

³⁰Karina Masasa (DoRiF Università, Roma novembre2014. Disponível em <http://www.dorif.it/ezine/ezine_articles.php?id=182>.

³¹ Noção de espaço público ou esfera pública advinda de Habermas (1984) como domínio ou espaço socialmente reconhecido, não-institucionalizado, onde há a livre circulação de questões, informações, pontos de vista e argumentos provenientes das vivências diárias dos sujeitos. O espaço público diz respeito ao mundo do debate, arena na qual a vontade coletiva é instaurada, constituindo assim, uma instituição do mundo moderno percebido como uma rede de circulação de conteúdos e de tomadas de posição pela ação comunicativa “contatos de observação mútua”, mas que se alimenta da “liberdade comunicativa que uns concedem aos outros”, movimentando-se em um espaço público, “constituído através da linguagem”, poder se considerado como esfera pública (2011).

Ao adotar certo foco, pode-se definir a comunicação como um conjunto de saber-fazer (mais ou menos profissional, mais ou menos intuitivo, mais ou menos padrão...) relativos à antecipação das práticas de retomada, de transformação e de reformulação dos enunciados e de seus conteúdos. Essa definição significa que a comunicação diz respeito à capacidade de uma organização assegurar que seu discurso seja repetido (como mostra a produção de slogans, que são a maneira mais característica dos enunciados concebidos para serem reproduzidos). Mas significa também que a comunicação diz respeito igualmente à capacidade de uma organização garantir que seu discurso seja retomado em outras circunstâncias, retomados por outros tipos de locutores, retomados em outros termos, sob outros gêneros e em outros registros: a competência para comunicar diz respeito aqui à questão da reapropriação dos discursos. Enfim, essa definição significa que a comunicação diz respeito também à capacidade de uma organização assegurar que seu discurso não seja retomado: saber comunicar consiste, portanto, saber tornar secreto (KRIEG-PLANQUE, 2014, p. 29. Trad. nossa)³².

A esse respeito, é importante asseverar que a fala política construída como acontecimento pelas novas configurações midiáticas, que favorecem a produção de enunciados breves, doravante pequenas frases, implica observar a dimensão simbólica na sua relação com a instituição de onde advém, ou seja, as proposições políticas construídas como acontecimento comportam elementos que indicam posicionamentos inscritos no interdiscurso que são postos em evidência pelo gesto institucional quando do processo de seleção e transformação dos discursos políticos que serão retomados, isso se dá de maneira pontual pela presença de enunciados performativos, pois estes colocam em relevo o valor ilocutório das pequenas frases com a finalidade de condensar valores circunscritos na memória da instituição que os manifesta:

Os discursos institucionais podem ser identificados pela maneira como eles são orientados por um duplo princípio de formação, conjugando estabilização dos enunciados e apagamento do conflito. Se tal consideração não é feita objeto de desenvolvimento específico nesta obra, essa marca vários pontos. Assim, os enunciados performativos (“condenamos”, “sinalizamos”), em que certos textos institucionais são densamente pontuais, combinam frequentemente escrituras estereotipadas (para formulações reais dispostas a serem cumpridas) e das formas de imposição da autoridade que não prevê lugar para imposição... Ademais, a análise dos discursos institucionais não deve ser compreendida

³² En adoptant une certaine focalisation, on peut définir la communication comme un ensemble de savoir-faire (plus ou moins professionnels, plus ou moins intuitifs, plus ou moins standardisés...) relatifs à l'anticipations des pratiques de reprise, de transformation et de reformulation des énoncés et de leurs contenus., Cette définition signifie que la communication concerne bien entendu la capacité d'une organisation à faire en sorte que son discours soit répété (comme l'illustre la production de slogans, qui sont de façon très caractéristiques des énoncés conçus pour être reproduits). Mais elle signifie aussi que la communication concerne également la capacité d'une organisation à faire en sorte que son discours soit repris en d'autres circonstances, repris par d'autres types de locuteurs, repris en d'autres termes, sous d'autres genres et dans d'autres registres: la compétence à communiquer concerne ici la question de la réappropriation des discours. Enfin, cette définition signifie que la communication concerne également la capacité d'une organisation à faire en sorte que son discours ne soit pas repris: savoir communiquer consiste donc aussi à savoir tenir secret (KRIEG-PANQUE, p. 29, 2012: Analyser les discours institutionnels).

somente como a análise dos discursos que produzem as instituições, nem como análise dos discursos que apresentam características supostamente típicas dessas produções, mas sim como um ponto de reflexão central para a análise do discurso nele mesmo. Com efeito, a vocação mesma da análise do discurso é de identificar, de descrever e de interpretar diferentes enlaçamentos entre um texto (manifestado pela implementação de meios linguageiros e por uma organização textual) e um lugar social (manifestado pelos atores autorizados e das situações de comunicação). Cada uma dessas combinações singulares constituem um dispositivo de enunciação específico, relevando ao mesmo tempo o verbal e o institucional, e que constitui um objeto para a análise do discurso (KRIEG-PLANQUE, 2014, p. 12-13. Trad. nossa)³³.

A respeito disso, é importante ressaltar que muitos pesquisadores, como já perquirido por Baronas (2015, p. 08), concebem a atual paisagem política encenada pela mutação constante em razão das novas ordens do enunciável que privilegiam a fragmentação do espaço e a brevidade do assunto por meio de uma frase concisa que tem mordida³⁴, como algo problemático, mais do que isso, como algo prejudicial e que compromete o discurso político. A polêmica se dá pelo fato de pesquisadores como Patrick Brasart, Michel Deguy e David McCllam acreditarem que a fala política, enquanto estratégia retórica, habitualmente construída por pequenas frases com o propósito de produzir grandes efeitos apontam para o declínio dos grandes discursos, estes segundo os pesquisadores mostram-se mais densos de sentido, mais substanciais e elaborados, portanto, o verdadeiro discurso, aquele que realmente se presta aos reais objetivos da democracia.

É importante que nos detenhamos um pouco mais sobre as reflexões de McCllam acerca do *sound bite*, no qual o pesquisador atribui ao fenômeno, facilitado pelas mídias, nuances pejorativas em razão de comprometer a “verdadeira democracia”. Nesta lógica,

³³ {...} les discours institutionnels peuvent être identifiés en tant qu'ils sont guidés par un double principe de formation, conjuguant stabilisation des énoncés et effacement de la conflictualité. Si une telle considération ne fait pas l'objet d'un développement spécifique dans cet ouvrage, elle marque celui-ci em plusieurs points. Ainsi, les énoncés performatifs (“nous condamnons”, “je signale”...) dont certains textes institutionnels sont densément poncyués, combinent fréquemment des écritures stéréotypées (jusqu'à de réels formulaires prêts à remplir) et des formes de l'autorité qui ne prévoient pas de place pour l'opposition... Par ailleurs, l'analyse des discours instituinnels ne doit être comprise seulement comme l'analyse des discours que produiraient les institutions, ni comme l'anlyse des discours qui présenteraient certaines caractéristiques suposément typiques de ces productions, mais plutôt comme um point de réflexion central pour l'analyse du discours ele-même. Em effet, il est dans la vocation même de analyse du discours d'identifier, de décrire et d'interpréter diferentes intrications entre um texte (manifesté par la mise em oeuvre de moyens langagiers et par une organistion textuelle) et um lieu social (manifeste par des acteurs autorisés et des situations de communication). Chacune de ces intrications singulières constitue un dispositif d'énonciation spécifique, relevant tout à la fois du verbal et de l'institutionnel, et qui constitue um objet pour l'analyse du discours (KRIEG-PLANQUE, 2012, P. 12, 13).

³⁴ DAVID MCCALLAM (2000 *apud* 2000, tradução 2015, p.09).

o pesquisador afirma que é a orientação política que precisa ser analisada quando se observa essa nova ordem do enunciável, as pequenas frases. Orientação política negligenciada quando se procura produzir o máximo de efeito em poucas palavras, tornando-se dessa maneira um discurso vazio, isto é, embora com aparência democrática circulando e sendo retomadas de maneira ininterrupta no espaço público, as pequenas frases demandam silêncio, instituindo assim uma falsa consciência democrática:

Ao todo, o *sound bite* apenas contém as cores democráticas para melhor minar em sua propagação diária os fundamentos da própria democracia. Uma democracia tão severamente comprometida, se não anulada, em sua produção e em sua produção contemporânea, o *sound bite* fornece ao ouvinte ou ao leitor uma falsa consciência democrática. Voltando à nossa definição original e a seu sentido figurado de “morder”, nós podemos concluir que o *sound bite* serve somente às mídias que mastigam toda a comida política do ouvinte ou do leitor, de modo a encher todas as suas bocas de informações indigestas. Desta maneira, as mídias podem transmitir todos os tipos de opiniões e ideias consideradas até então como desagradáveis, até mesmo repugnantes. Evidentemente, em uma pretensa democracia é uma situação perigosa, até mesmo prejudicial. Além disso, como cidadãos, devemos constatar que não somos mais nós que mordemos, mas agora somos mordidos. O problema é que essa pequenas frases que nos mordem, que moldaram em nós essa falsa consciência, o fazem tão habitualmente, que dificilmente as notamos. (MCCLAM, 2000. p. 52-59)³⁵.

Das questões colocadas por McClam, é importante mencionar que o fenômeno das pequenas frases se insere na glosa mais longa dos discursos dos homens políticos, que Maingueneau (2008) denomina de sobreasseveração, como glosas servem, portanto, para colocar em relevo o essencial do conteúdo. Ao caracterizá-la como material bruto, uma espécie de glosa implícita que os políticos oferecem às mídias para que essas extraiam e modelem à figura retórica que é a pequena frase, o homem político ao construir suas pequenas frases na forma de glosas implícitas não tem controle do alcance delas. Fabricada como figura retórica com a finalidade de persuadir, a pequena frase como

³⁵ À tout prendre, le *sound bite* ne se revêt de couleurs démocratiques que pour mieux miner dans sa propagation journalière les fondements de la démocratie elle-même. D'une démocratie sévèrement compromise donc, sinon annulée, dans sa production et dans son opération contemporaines, le *sound bite* ne fournit à l'auditeur ou au lecteur qu'une fausse conscience démocratique. Revenant à notre définition première et à son sens figuré de « mordant », nous pouvons conclure que le *sound bite* ne sert aux médias qu'à mâcher toute la nourriture politique de l'auditeur ou du lecteur, de façon à rendre toutes ses bouchées d'information digestes. De cette façon, les médias peuvent transmettre toutes sortes d'opinions et d'idées considérées jusque-là comme désagréables, voire dégoûtantes. Évidemment, dans une prétendue démocratie c'est une situation dangereuse, voire néfaste. Aussi, en tant que citoyens, devons-nous constater que ce n'est plus nous qui mordons mais nous qui sommes maintenant mordus. Le problème, c'est que ces petites phrases qui nous mordent, qui nous ont façonné cette fausse conscience, s'y sont prises si habilement qu'à peine l'avons nous remarqué (Les « petites phrases » dans la politique anglosaxonne, publicada na Revista In: Communication et langages. N° 126, 4ème trimestre 2000. pp. 52-59.

elemento linguageiro construída pelo político e já inserida em seu discurso é antes de qualquer coisa uma citação armada de sentido e de autossuficiência sempre em processo de (re) enunciação, daí afirmar o caráter acontecimental de toda pequena frase quando construída em acontecimento pelo enlaçamento textual e lugar social pronta para ser retomada devido ao valor ilocutório que a constitui.

Ao contrário dos trabalhos que tratam o fenômeno das pequenas frases como empobrecimento do discurso político, as reflexões empreendidas por Krieg-Planque (2011), Ollivier-Yaniff (2011) procuram mostrar que essa nova configuração corresponde à evolução do próprio campo da comunicação política que tende a favorecer formatos mais curtos e diagramações mais fragmentadas, em que os comunicadores políticos, inseridos nessa nova ordem, procuram incentivar uns aos outros a se expressarem dessa maneira para que seus discursos sejam reprisados em cenas enunciativas variadas.

É fazendo referência a trabalhos que visam sublinhar às pequenas frases em seu caráter transformacional da comunicação política, e mais ainda, como elemento linguageiro que permite analisar a cena política de um país construída pelo funcionamento midiático quando da descrição de acontecimentos por meio de enunciados curtos, as discussões postas por Krieg-Planque, numa visada interdisciplinar, apresentam-se como importante lugar de reflexão para explorar o funcionamento do fenômeno. Dito isso, dos trabalhos sobre enunciados breves elaborados pela pesquisadora francesa, reunimos aqui alguns deles com o propósito de apresentar as contribuições teórico-analíticas dessas formulações que colocam em evidência questões conflitantes no espaço público.

Em 2006, no artigo “*Formules et lieux discursifs: propositions pour l’analyse du discours politique*” ao definir a comunicação como o conjunto de habilidades relativas à antecipação das práticas de retomada, de transformação e de reformulação dos enunciados e de conteúdos, Krieg-Planque situa a análise do discurso como uma abordagem central para analisar a comunicação e tal tarefa perpassa para o entendimento do funcionamento dos enunciados breves, fórmulas, pequenas frases, elementos de linguagens, slogans e outros. As inquietações sobre esses enunciados são iniciadas em sua tese de doutoramento defendida em 2000 “*Émergence et emplois de la formule ‘purification ethnique’ dans la presse française (1980-1994): Une analyse du discours*”. Esse trabalho teve como objetivo analisar momentos na história em que as palavras “purificação”, “limpeza”, “depuração” e “étnica” entram em combinação para formar os sintagmas neológicos “purificação étnica”, “limpeza étnica” e “depuração étnica”, e ainda observar como as

mídias francesas e internacionais interpretavam a guerra da ex-Iugoslávia através dessas formulações.

Dada a grande repercussão desse estudo, em 2003 a editora CNRS lança em edição adaptada os resultados da tese com o título “*Purification ethnique, Une formule et son histoire*”, versão traduzida para o português em 2010, com o título “A noção de fórmula em análise do discurso: quadro teórico e metodológico”. O livro é um recorte do primeiro capítulo da tese e teve como finalidade fazer um percurso das propostas feitas por outros autores sobre a noção de fórmula, entre eles Jean-Pierre Faye sobre a fórmula “Estado total” e Marianne Ebel e Pierre Fiala sobre as fórmulas “superpopulação estrangeira” e “xenofobia”, e ainda, sugerir outros elementos teóricos e metodológicos para compreender o fenômeno. Em suas formulações, Krieg-Planque destaca o papel atuante de diversos atores sociais nas práticas de retomadas e circulação das fórmulas, das pequenas frases e dos slogans e ainda o papel das mídias na promoção e circulação dessas expressões de sucesso, pequenas frases e fórmulas que tomam as pessoas ((Krieg-Planque, 2010, p. 117).

Outra importante contribuição de Krieg-Panque aos estudos da pequena frase é a obra organizada em parceria com Caroline Ollivier-Yaniv em 2011 na revista *Communication & Langages*, com o título “*Les petites phrases en politique*”³⁶. As organizadoras do volume preocupam-se em explicitar que o número consagrado ao fenômeno não se propõe a recobrir toda a complexidade que envolve o assunto, objeto heterogêneo em si mesmo e que testemunha rotinas constantes dos comunicadores políticos através do trabalho de distinguir e selecionar um fragmento de discurso para ser retomado e posto em circulação.

No artigo que abre a coletânea, Krieg-Planque situa o caráter panorâmico do capítulo e destaca que as reflexões mobilizadas partem do quadro maior de seus interesses pelos fatos da comunicação, esta como prática de antecipação de retomada, transformação e reformulação de enunciados, em que atores políticos pelo processo de cristalização de discursos gerenciam o espaço público. Com o intuito de contribuir para exploração do

³⁶ Os trabalhos reunidos nesta edição foram gentilmente cedidos pelos autores para tradução. Os quatro artigos “*Les petites phrases: un objet pour l’analyse des discours politiques et médiatiques*”, Alice KriegPlanque. “*Sur une petite phrase de Nicolas Sarkozy: aphorisation et auctorialité*”, Dominique Maingueneau. “*Petites phrases et éléments de langage: des catégories em tension*”, Caroline OllivierYaniv e “*Les émissions de divertissement: de nouveaux lieux de valorisation des petites phrases?*”, Pierre Leroux et Philippe Riutort, encontram-se traduzidos em “*Pequenas frases na política brasileira, francesa e anglo-saxônica* (2015).

fenômeno, cada uma das subdivisões que compõe o capítulo se ocupa de um aspecto da pequena frase, a saber, sua dimensão enunciativa, as determinações genéricas e semióticas formadas pelas mídias, a integração e as restrições para os políticos e comunicadores políticos, as características que favorecem a retomada e a circulação dos enunciados e a apreciação por atores sociais do fenômeno das pequenas frases.

Na sequência, Dominique Maingueneau trata da circulação das aforizações no dispositivo midiático e introduz a noção de panaforização, um tipo de aforização que durante um período curto invade o espaço público como uma espécie de pandemia, instalando-se nas conversações ordinárias e logo se esvaziam e saem de cena. A título de exemplificação o pesquisador cita o enunciado “Que vergonha, Barack Obama”³⁷.

Em “*Petites phrases et éléments de langage: des catégories en tension*”, Caroline Ollivier-Yaniv analisa os usos da designação pequena frase por um grupo de especialistas da comunicação política. As discussões contempladas no artigo estão circunscritas no quadro de pesquisas sobre as atividades e a retórica dos profissionais da comunicação que trabalham junto aos políticos, isso posto, o termo pequena frase, como argumenta Ollivier-Yaniv (2015, p.83), faz sentido para grupo de atores sociais do campo político e do campo da mídia, e ao mesmo tempo ele é usado para outras designações como, “fórmula” ou “argumentário”.

Finalizando coletânea, Pierre Leroux e Philippe Riutort (2011) abordam a transformação dos programas políticos na televisão francesa, ocorrida principalmente em função do conflito entre a formalização e a informalização. Nesse embate, os programas de entretenimento surgem como um novo lugar para circulação da fala política, pois, eles participam plenamente, na atual conjuntura, do processo de encenação do jogo político e o sucesso desses espaços faz emergir novos arranjos das pequenas frases, sendo essas ajustadas a falas mais informais, como demandam esses programas,—opondo-se sistematicamente ao quadro imposto pelos dispositivos de outrora.

Outro significativo estudo sobre enunciados breves encontra-se disponibilizado pela revista italiana *Repères-DORIF*. O projeto “*La formule en discours: perspectives argumentatives et culturelles*”³⁸ coordenado pelas pesquisadoras Krieg-Planque, Ruth Amossy e Paola Paissa (2014) reúne um conjunto de trabalhos sobre fórmula a partir da

³⁸ Disponível em: http://www.dorif.it/ezine/show_issue.php?iss_id=13.

cooperação de dois grupos francófonos, (i) a associação Do.Ri.F, importante polo de discussões sobre a Análise do Discurso de base francesa sediado na Itália, e (ii) o grupo de pesquisa ADARR de Tel-Aviv, grupo que agrega pesquisadores que se dedicam às discussões em análise do discurso, argumentação e retórica.

As organizadoras, a partir de vários encontros, palestras e conferências entre as duas equipes, discutindo a noção de fórmula, a partir dos iniciados por Krieg-Planque, resolveram compilar os frutos dessas discussões contemplando questões de interesses comuns, entre elas a polêmica, discurso institucional, *ethos* plural, sexo, o discurso das grandes guerras e outros. Na apresentação da edição especial, as pesquisadoras salientam que o objetivo do volume cumpre com a linha editorial da revista *Repères-Dorif*, que é o de contribuir para discutir temas numa perspectiva que toma como pano de fundo uma visão pluridisciplinar e pluricultural, opondo-se sobremaneira a um olhar linguístico-cultural, regido pelo pensamento homogêneo, desta maneira, os textos trazidos procuram evidenciar os pontos que recobrem ao fenômeno das fórmulas e possíveis aproximações teóricas com diversos lugares epistemológicos.

Partindo dos postulados de Krieg-Planque (2010) sobre fórmulas discursivas, como fenômeno linguístico-discursivo contemporâneo, que se instala em diversos e distintos discursos, se impondo como palavra de ordem, os artigos que compõem a coletânea procuram inventariar em quatro tipos de discursos, a saber, discursos políticos, os discursos institucionais, os discursos dos especialistas, os discursos da imprensa escrita, o papel na construção e circulação de um conjunto de valores.

Em “*Une formule et ses différences: sécurité alimentaire*” Rigat (2014) analisa o funcionamento das fórmulas *sécurité alimentaire* e seu antônimo *insécurité alimentaire*, em discursos institucionais, se atendo mais especificamente aos discursos da Organização dos Direitos Humanos (ONU). Num diálogo entre os estudos da terminologia, sobretudo os estudos discursivos e pragmáticos, Rigat observa que o termo *sécurité alimentaire* consta nos discursos da ONU, no entanto, não se encontra difundido na linguagem cotidiana. A partir dessa constatação, apresenta uma questão que coloca em conflito a noção de dimensão discursiva, uma vez que para se constituir enquanto fórmula o termo precisa invadir todos os espaços discursivos, seria possível uma fórmula se restringir a um único espaço público, por exemplo, questiona Rigat.

Em “*Du cliché socialiste à la formule: les fonctions de L’Homme Au Travail dans le discours centriste et nationaliste de Yair Lapid*”, Kleczewski (2014) analisa o funcionamento da fórmula *l’homme au travail*, expressão bastante conhecida dos israelenses e empregada no discurso político com uma conotação marcadamente socialista. A expressão usada nos discursos trabalhistas no decorrer dos anos de 1950 e 1960 para se reportar prioritariamente aos trabalhadores operários e agricultores é retomada de maneira sistemática nos discursos do novo ministro das finanças de Israel Yair Lapid, após a campanha eleitoral de 2013. Kleczewski, parte dos trabalhos de Amossy sobre os clichês e afirma que a fórmula consiste também em um sintagma fixo/cristalizado, pois circula constantemente no interdiscurso e é sentido como normal por todos, no entanto, Kleczewski ressalta que o elemento formulaico se diferencia pelo caráter de referente obrigatório e também pelas questões sociopolíticas a eles relacionadas.

Tal como Kleczewski que explora o valor de cristalização da fórmula relacionando-a aos clichês, Rigat a partir do sintagma cristalizado *sécurité alimentaire* procura articular as noções de fórmula, slogan e palavra de ordem, analisando no funcionamento do sintagma uma crença e também um princípio de ação. A pesquisadora Rachele Raus da Universidade de Torino se propõe a pesquisar a possível relação que se estabelece entre fórmula e os estudos da tradução a partir do sintagma “*gender mainstreaming*”. Realiza assim, um estudo contrastivo entre a origem e difusão do sintagma em inglês e sua tradução para o francês tomando como corpus de pesquisa os documentos do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC) durante o discurso de apresentação da ONU na conferência em Pequim.

Além de verificar a origem do sintagma, a pesquisadora analisa ainda como se dá a retomada do sintagma no discurso europeu durante os anos de 1995 a 2000. O percurso diacrônico da pesquisa mostrou-se significativo, como afirma Raus (2014), uma vez que foi possível ver a origem do conceito de gênero nas políticas internacionais e a problemática ligada a adaptação do sintagma nos trabalhos de tradução para o francês, evidenciando como por meio das modalidades enunciativas a polêmica se instaura pelos diferentes pontos de vista mobilizados pelos atores sociais. “*Democrazia digitale: usages politiques et rhétoriques d’une formule dans le cadre des élections politiques italiennes de 2013*” Sara Amador examina o processo de emergência da fórmula “*democrazia digitale*”, a partir da emergência do sintagma americano “*electronic democracy*”.

Na primeira parte do artigo, a pesquisadora faz referência à emergência do sintagma nos Estados Unidos para na sequência contextualizá-lo ao contexto italiano, mais detidamente ao período eleitoral de 2013 quando esse passa a desempenhar papel determinante no programa político de Beppe Grillo. Outro importante artigo apresentado na coletânea busca compreender como se dá o funcionamento de um tema que testemunha centralidade e ao mesmo tempo dificuldade de reflexão para historiadores, sociólogos, psicólogos, estudiosos da linguagem desde sempre, a diversidade humana. Desafio arriscado, mas assumido por Chiara Molinari, pesquisadora italiana, que se debruça sobre o termo “*issu de la diversité*”, com o propósito de contribuir para as reflexões da noção de fórmula. Explora em suas discussões para atribuir ao sintagma o estatuto formulaico: a dimensão semântica observando a frequência e o caráter cristalizador da fórmula, com base nas formulações de Krieg-Planque; questões socioculturais uma vez que o sintagma participa desse jogo argumentativo dos discursos e a partir da noção de pré-discurso de Paveau (2006) compreender o desenvolvimento do que ela denomina uma “lógica da persuasão”.

À luz do caráter polêmico que perpassa o elemento formulaico “*immigration choise*” no espaço público francês alimentado pelas mídias, Brilliant desenvolve um estudo discursivo e argumentativo sobre a fórmula opondo dois sujeitos discursivos que ocupam lugares sociais distintos, o especialista e o político. O lugar do “saber” ocupado por Patrick Weil, que fala do lugar do especialista em imigração, e o lugar do político, exercido pelo ministro do interior na época Nicolas Sarkozy, responsável pelo dossiê de imigração proposto pelo governo. A polêmica pública rastreada pelo pesquisador se efetiva entre junho e julho de 2005 após a convenção da União para um movimento Popular quando fora adotada pelo governo a prática de imigração escolhida. O trabalho em torno da fórmula “*immigration choise*” possibilitou observar como a troca argumentativa alimentada exacerbadamente pelas mídias entre os dois protagonistas da polêmica pública, Sarkozy e Weil, deu a ver a modalidade de confrontação pública como elemento relevante para se pensar a fórmula.

Alicerçada às noções apontadas por Krieg-Planque (2010) sobre fórmula discursiva, Nadia Ellis elege como elemento analítico a expressão “*délégitimation d’Israël*” em que verifica o funcionamento da fórmula no ping-pong discursivo³⁹ entre

³⁹ ELLI, N. La « délégitimation d’Israël »: usage du flou et positionnements stratégiques chez Obama, Abu Mazen et Netanyahu.

Mahmoud Abbas, presidente da Palestina, Benjamin Netanyahu, primeiro ministro de Israel e Barack Obama, presidente dos Estados Unidos. Ellis inicia o artigo mencionando que a proliferação de expressões que surgem e se colocam como evidente é algo notório, no entanto, as estratégias argumentativas que autorizam o fenômeno são pouco exploradas nas pesquisas que tomam como problemática o assunto. Sendo assim, o objetivo de seu estudo é analisar as características da fórmula e as estratégias argumentativas que dela podem decorrer com o intuito de verificar em que medida questões políticas sobre os acontecimentos são dadas a ler pelas estratégias argumentativas que os atores sociais utilizam implícita ou explicitamente em seus textos.

No texto “*Opacité sémantico-référentielle et ambiguïté de la formule flexicurité dans les discours de la Commission européenne*”, Attruia (2014) desenvolve um estudo semântico da fórmula “flexicurité” empregado nos discursos da Comissão Europeia do emprego e luta contra a descriminalização. O objetivo do estudo é apreender as modalidades de construção do sentido da fórmula, bem como sua interpretação em contextos discursivos semanticamente opacos.

Na conclusão da síntese feita a partir da leitura dos artigos que compõem a edição dedicada aos estudos sobre as fórmulas, o texto de Karina Masasa (2014) “*Commerce équitable: uma fórmula pelo prisma de uma lógica dos valores*” apresenta questões interessantes para pensar os enunciados breves, consagrando grande parte de suas discussões às estratégias argumentativas, entre elas as glosas especificantes e as definições espontâneas utilizadas para acompanhar as fórmulas com o objetivo de inclinar a orientação argumentativa, justamente porque o fenômeno joga com a indeterminação semântica e a imprecisão. Na perspectiva assumida por Masasa as fórmulas devem ser observadas no jogo fundamental da argumentação, deste modo, ao se propor fazer um estudo de um elemento formulaico é necessário explorar os aspectos: de circulação no espaço público, discursivos e as modalidades que participam da construção do argumento. No quadro exposto pela pesquisadora ao analisar a fórmula “*commerce équitable*”, essa percebida como uma das soluções possíveis para combater a pobreza, encontra-se uma lógica dos valores, essa entendida como valores que os enunciadores empregam em suas enunciações com a finalidade de convencer os locutores.

As organizadoras da revista finalizam o texto de apresentação ressaltando que o conjunto de trabalhos reunidos na edição mostra o quanto às aproximações teóricas e o investimento teórico-metodológico são importantes para o desenvolvimento de trabalhos

que tomam como objeto de reflexão os enunciados cristalizados, as fórmulas, um objeto vibrante e de nuances múltiplas

Sem apresentar diferentes abordagens metodológicas, mas apoiando em diversas ferramentas heurísticas, oriundas da retórica argumentativa, da semântica, da teoria da enunciação, os estudos aqui reunidos mostram-se eficazes para o desenvolvimento da engranagem do mecanismo formulaico, apesar das muitas pesquisas que o conceito inspirou em AD, essas mostram-se ainda ignoradas. Longe de ter esgotado o assunto, desejamos, além disso, que esta coletânea abra o caminho para um aprofundamento maior, provavelmente, como um todo, para trazer de volta à sua vida vibrante e marcante estas verdadeiras "palavras congeladas" do discurso que são as fórmulas (KRIEG-PLANQUE; PAISSA; AMOSSY, 2014 - Tradução nossa)⁴⁰.

Krieg-Planque em “*Analyser les discours institutionnels*” (2012), propõe a articulação entre discurso e ação, para isso, apresenta categorias para analisar os discursos das instituições. Evidencia ao longo da obra a dimensão discursiva da vida política e social. A proposta do livro, como afirma a pesquisadora, é de contribuir com as reflexões dos trabalhos em Análise do Discurso. Para tal empreendimento, convoca a Pragmática, a partir dos estudos de Austin (1990) sobre os Atos de Linguagem, com o propósito de articular discurso e ação para a compreensão da vida democrática contemporânea tecida de textos e vozes em diferentes objetos.

A partir desse ponto de vista, analisa os enunciados sinalizando para os rituais performativos das instituições. No capítulo três, intitulado: “*Formules, slogans, figements: du lexique à la phraséologie*”, Krieg-Planque destaca o caráter frequentemente depreciativo instalado em regularidades cristalizadas (slogans, máximas jargão, clichês) dos discursos políticos e institucionais, expressões que participam efetivamente das rotinas desses ambientes.

⁴⁰ Sans présenter des approches méthodologiques différentes, mais s'appuyant sur des outils heuristiques variés, tour à tour issus de la rhétorique argumentative, de la sémantique, de la théorie de l'énonciation, les études ici réunies s'avèrent efficaces à dévoiler quelques-uns des rouages du mécanisme formulaire qui, malgré les nombreuses recherches que la notion a inspirées en AD, étaient encore méconnus. Loin d'avoir épuisé le sujet, nous souhaitons, par ailleurs, que ce recueil ouvre la voie à des approfondissements ultérieurs, susceptibles, dans leur ensemble, de ramener à leur vie vibrante et sonnante ces véritables « paroles gelées » du discours que sont les formules. (Ruth AMOSSY, Alice KRIEG-PLANQUE et Paola PAISSA ; In: LA FORMULE EN DISCOURS : PERSPECTIVES ARGUMENTATIVES ET CULTURELLES, 2015. Disponível em: http://www.dorif.it/ezine/ezine_articles.php?dorif_ezine.

Ao assumir a relação, entre elementos linguísticos e os discursos institucionais e políticos, a noção de cristalização torna-se central às ciências da linguagem, em especial à AD, uma vez que é possível observar pelas entradas lexicais cristalizadas modos de estabilização dos discursos e os valores acionais constitutivos desses enunciado. Ou seja, as formulações realizadas pelos agentes procuram testemunhar a ação pública dessas instituições, por intermédio das escolhas lexicais assumidas, as quais denotam as proposições e valores implicados no elemento cristalizado.

No desenvolvimento do capítulo, Krieg-Planque discute o caráter paradoxal da cristalização das palavras, dos slogans e das pequenas frases, algo que será retomado no capítulo “*Polyphonie, dialogisme, interdiscours: l’ouverture du discours*”. Nesse capítulo, apresenta a noção de descristalização como fenômeno linguístico-discursivo de possibilidade de abertura da língua (criatividade e imprevisibilidade, faculdade geral da linguagem) e, ao mesmo tempo, a relação do fenômeno com o interdiscurso (memória instaurada pela presença do elemento cristalizado, este como previsível se opondo ao caráter criativo e imprevisível da língua).

Nessa perspectiva, a cristalização ganha contornos que comunga com o embate entre previsibilidade e imprevisibilidade, no qual o emprego do item lexical cristalizado deve ser observado em sua relação com o ambiente, uma vez que ele se mostra investido de questões que reenviam a acontecimentos reconfigura em cada retomada.

2.2 Os trabalhos de Maingueneau sobre aforização e panaforização

Os trabalhos de Krieg-Planque e de Dominique Maingueneau, ambos inscritos na tendência enunciativa dos estudos discursivos, visam: compreender por que na sociedade há uma circulação em ritmo cada vez mais intenso de textos curtos, e mais, quais as consequências dessa circulação diante de um fenômeno linguístico-discursivo que colabora para a legitimação de saberes e poderes que organizam o espaço público, por meio de um percurso deôntico de interpretação.

Do vasto quadro teórico-metodológico elaborado por Maingueneau, muitos dos conceitos por ele produzidos são dados a ler nas teorias brasileiras do discurso⁴¹ AD brasileira, o que mostra a contribuição do teórico ao campo, e ainda, como suas reflexões são pertinentes para análise de dados de outras línguas. Dentre suas formulações os

⁴¹ Terminologia cunhada por Baronas (2015).

conceitos de: discursos constituintes, sobreasseveração, hiperenunciador, destacabilidade, particitação, ethos, cenas de enunciação, enunciação aforizante, mostram-se cruciais às análises que expressam a convergência entre componentes históricos e linguísticos.

Maingueneau (2008) acerca da citação e da destacabilidade parte do que ele chama de “constatação banal”, algo que o faz postular a existência constante de um grande número de enunciados curtos facilmente memorizados e postos a circular, enunciados esses cujo significado e significante são considerados no interior de uma organização pregnante. Segundo o autor, esses elementos circulantes na sociedade derivam em dois tipos de fórmulas: (i) as de circulação restrita a algumas comunidades; (ii) as de circulação em vários setores do espaço social, algo da ordem de uma “citação célebre”.

Para esses dois grupos de citações, há também dois tipos de funcionamentos, dos quais elas podem fazer parte: (i) os enunciados autônomos sendo interpretados segundo seu sentido imediato, numa interação entre locutores que não são especialistas no tipo de discurso que originou a fórmula); e (ii) fórmulas citadas para marcar um posicionamento específico que se opõe implicitamente a outros.

Do grande número de enunciados que circulam e que funcionam como fórmulas, Maingueneau debruça-se de maneira mais sistemática àqueles que foram retirados de textos mais amplos, para melhor proceder a análise da ordem da destacabilidade e/ou citação. Ressalta o teórico que a destacabilidade desses enunciados não se aplica a qualquer material verbal, uma vez que temos numerosas fórmulas que correspondem a enunciados que, em seu texto base, apresentavam-se como destacáveis e outros que, por sua vez, não possuem propriedades de destacabilidade, todavia podendo vir a adquirir o estatuto de fórmula ainda assim.

Para exemplificar os enunciados que aspiram à destacabilidade, Maingueneau trata dos casos advindos das máximas do teatro clássico do século XVII pelo fato dessas apresentarem uma das características de ascensão a fórmulas, ou seja, serem enunciados de curta extensão, bem estruturadas, de modo a impressionar por serem facilmente memorizáveis e reutilizáveis em qualquer tempo e contexto. Embora o conteúdo possa não ser original, o enunciador oferece uma máxima “inérita” como se fosse o eco, a enésima retomada de uma sentença que já seria conhecida e evidente a qualquer espaço-

temporal. Assumem as máximas, então, duas propriedades, o ineditismo e o caráter imemorial:

É precisamente nesse ponto que se encontra o núcleo do efeito buscado: o personagem produz algo memorável, isto é, um enunciado digno de ser consagrado, antigo de direito, novo de fato. É porque é digno de ser antigo que pode aspirar a um estatuto “monumental”. Ele inaugura, em refluxo, uma série ilimitada de retomadas, apresentando-se como o eco de uma série ilimitada de retomadas prévias. Esse tipo de enunciado visa, portanto, produzir na realidade aquilo que não passa de uma pretensão enunciativa: apresentando-se como uma sentença já pertencente a um saber partilhado, ele prescreve justamente por isso mesmo sua retomada ilimitada (MAINGUENEAU, 2008, p. 77-78).

As máximas heroicas, embrenhadas nas mesmas instâncias das teatrais, ao se configurarem como portadoras deste paradoxo, no qual se entrecruzam no ato de enunciação a prescrição de si mesmo e também a todos, chama-nos a atenção, pois este ato (eu/todos) nos remete à proposta de uma narrativa do acontecimento, na qual o herói só constrói sua identidade na existência plural de si mesmo e de outros. Nesse sentido, Maingueneau coloca a figura do herói como aquele que, na atualidade da enunciação, manifesta autonomia, aquele que pelo dizer prescreve a si mesmo e no mesmo movimento, prescreve a todos. A figura do herói exprime a universalidade do Sujeito Universal na singularidade do Eu enunciador,

Na condição de multiplicidade dos atos singulares que têm valor de obras, a narrativa do acontecimento é onipresente no curso das ações. Define, ao mesmo tempo, as formas singulares dessas ações e sua dimensão universalizante; ela as torna visíveis, legíveis e comunicáveis. A isso corresponde dizer que toda e qualquer pessoa (ator, protagonista, espectador etc.) participa da narrativa do acontecimento, co-constrói esse acontecimento. De modo algum redutível ao valor referencial de um saber ou à efetividade de um dizer, ela tem à sua disposição sua própria eficiência em um mundo onde se confortam o Eu e a linguagem exterior a qualquer reificação das coisas, distante, portanto, da transformação comum dos valores em produtos (GUILHAUMOU, 2009, p.138).

Na esteira de Maingueneau, há outros enunciados destacáveis a partir de textos filosóficos. Esse processo acontece de algumas maneiras: (i) pelo paratexto – elementos que preenchem os entornos de um texto propriamente: textos de capa e contracapa; dizer se é um livro de contos, romance, ficção científica; quem escreve o prefácio, quem assina como autor etc., (ii) pelo texto propriamente dito, pela embreagem enunciativa, pela estruturação pregnante de seu significado, pelo metadiscurso etc.

Segundo o autor, no espaço filosófico, a fórmula participa de três dimensões, a saber: (i) campo, por marcar um posicionamento e pela singularidade de uma doutrina

assinada; (ii) arquivo, ao se inscrever em uma memória; (iii) redes de práticas. Ademais, as fórmulas filosóficas atuam em dois planos, em enunciados autônomos e em fragmentos extraídos de um determinado texto e por essa razão, são tomadas no interior de uma tensão constitutiva. O teórico francês atesta que a fórmula filosófica é fadada ao desdobramento, que a projeta sobre a doutrina da qual participa.

Além desses conceitos, citação e destacabilidade, une-se teoricamente a eles a noção de sobreasseveração, e sobreasseverador, elementos que se caracterizam pela construção de um enunciado de estrutura pregnante e que possuem o estatuto de um condensado semântico, por conseguinte, implicando uma “amplificação” da figura do enunciador. Tal fenômeno, segundo Maingueneau (2008), está presente principalmente nas mídias contemporâneas, sobretudo por meio dos enunciados breves que são retomados constantemente nos programas de informação.

Segundo o autor, no espaço filosófico, a fórmula participa de três dimensões, a saber: (i) campo, por marcar um posicionamento e pela singularidade de uma doutrina assinada; (ii) arquivo, ao se inscrever em uma memória; (iii) redes de práticas. Ademais, as fórmulas filosóficas atuam em dois planos, em enunciados autônomos e em fragmentos extraídos de um determinado texto e por essa razão, são tomadas no interior de uma tensão constitutiva. O teórico francês atesta que a fórmula filosófica é fadada ao desdobramento, que a projeta sobre a doutrina da qual participa.

Além desses conceitos, citação e destacabilidade, une-se teoricamente a eles a noção de sobreasseveração, e sobreasseverador, elementos que se caracterizam pela construção de um enunciado de estrutura pregnante e que possuem o estatuto de um condensado semântico, por conseguinte, implicando uma “amplificação” da figura do enunciador. Tal fenômeno, segundo Maingueneau (2008), está presente principalmente nas mídias contemporâneas, sobretudo por meio dos enunciados breves que são retomados constantemente nos programas de informação

De fato, é impossível determinar se esses slogans são assim porque os locutores dos textos de origem os quiseram assim, isto é, destacáveis, fadados à retomada pelas mídias, ou se são os jornalistas que os dizem dessa forma para legitimar o seu dizer (MAINGUENEAU, 2008, p. 83).

O conceito de sobreasseveração, possibilita problematizar a mídia como espaço em que se legitima e pela tomada do outro, assim; pelo funcionamento midiático o modo

de dizer busca uma adesão do interlocutor e o papel exercido pelo sobreasseverador é central, pois, por intermédio do *ethos* mostrado – (uma das instâncias da cena enunciativa) mostra-se o que diz e induz ao outro a posicionar-se, conforme o que foi dito. Enunciar uma frase destacada implica um locutor não comum, visto que o enunciado proferido pretende ser algo mais que um enunciado banal, pretende ser uma verdade, uma doutrina, incontestável, assevera Maingueneau.

Mussalim e Possenti (2010) propõem que tais considerações conduziram Maingueneau (2014) a postular um tipo específico de enunciação que escapa ao regime da textualidade, a enunciação aforizante. No quadro da teoria das *frases sem texto*, a enunciação aforizante, como afirma o pesquisador, é uma dimensão constitutiva da enunciação, ou seja, o funcionamento da enunciação obedece a duas modalidades: (i) a *enunciação textualizante*, a dos gêneros dos discursos, e (ii) as das *frases sem textos*, a *enunciação aforizante*, essa pretendendo-se além e acima dos gêneros, uma enunciação que assume um caráter paratópico, dado que se situa dentro e fora do regime da textualidade.

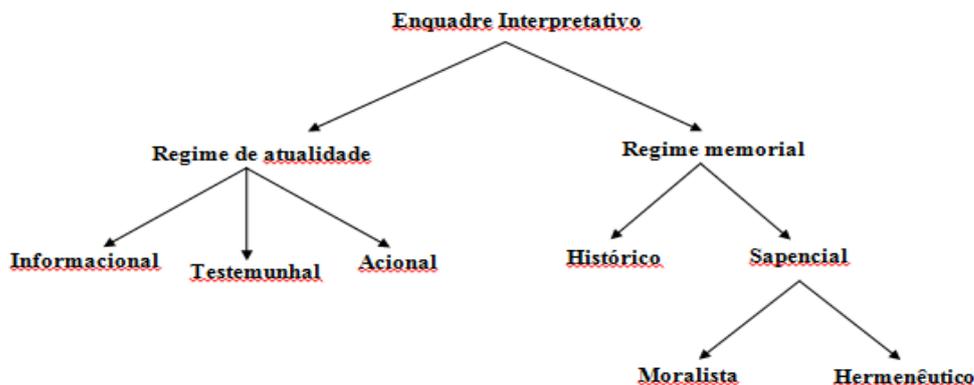
Nessa nova ordem da enunciação, as das *frases sem texto*, o pesquisador francês as classifica em: *aforizante* e a *textualizante*. A enunciação aforizante se organiza em destacada por natureza (máximas, fórmulas, slogans...) e destacada de um texto (pequenas frases, intertítulos, citações, palavras-chave...).

Maingueneau chama a atenção para o fato de que muitas aforizações assumem num dado momento o caráter de pandemia, passando a frequentar num ritmo alucinante os mais diferentes *mídiuns*. Para exemplificar a questão, o pesquisador menciona um enunciado que passou a frequentar as mídias americanas nas eleições de 2008, a pequena frase dita por Hillary Clinton referindo-se ao então candidato Barack Obama, “*Que vergonha, Obama*”

Podemos falar de uma “panaforização”, termo que combina o *pan* “pandemia” e “aforização”. A panaforização figura nas manchetes, se infiltra nas conversações ordinárias, suscita debates de todas as espécies nas mídias: sobre os fóruns, os *talk-shows* televisivos, nos correios dos leitores etc. Antes de desaparecer é substituída por outra (MAINGUENEAU, 2006, p. 51).

Ainda sobre esse aspecto, para analisar a proliferação dos enunciados destacados e compreender as interpretações que são produzidas, Maingueneau elabora um quadro

denominado enquadramento interpretativo, enquadres que correspondem diferentes figuras prototípicas de aforizador, como salienta Maingueneau (2014, p. 128).



Quadro 1

2.3 A pequena frase à luz do discurso e da Pragmática

É importante ressaltar a importância da obra *Analyser les discours institutionnels* (2012) para pensar os enunciados breves na sua relação entre discurso e instituição, relação essa apontada por Krieg-Planque no decorrer da obra e em especial no capítulo “*Actes de langages et institutions: l’efficacité de la parole legitime*”. Nesse capítulo, a pesquisadora afirma que é opinião comum nos estudos de linguagem por discurso e ação, ou ainda falas e atos.

Em seu trabalho, de análise dos discursos institucionais, ressalta para a importância de reconsiderar o afastamento entre Análise do Discurso e Pragmática, uma vez que os enunciados tomados em práticas situadas são dotados de valor acional, portanto, considerar a dimensão discursiva na vida democrática é convidar a ação como parte constitutiva.

Assim, quando são problematizadas as trocas orais e institucionais é importante observar os atos de linguagem que essas trocas realizam, bem como o efeito de ação materializada por meio do discurso que esses atos apontam, compreendendo o discurso, portanto, como uma modalidade acional. Assumindo a ligação entre ação e discurso, ressaltando o quanto a Pragmática e Análise do Discurso, embora com origens dissociadas e desenvolvidas à distância uma da outra, se mostram importantes lugares epistemológicos para quem estuda os discursos políticos, e institucionais:

De fato, as questões colocadas pela Pragmática são essenciais para quem estuda os discursos políticos, públicos e institucionais. A Pragmática se interessa para o uso dos enunciados em contexto e a sua relação com a ação na situação: um ponto de vista sobre a linguagem e o discurso não deverá deixar indiferente àqueles que estudam *corpus* sociopolítico. Nessa junção entre pragmática e análise do discurso, a questão dos atos de linguagem ocupa um lugar primordial, como as páginas que seguem deixarão a entender: a noção de ato de linguagem, com efeito, esclarece com precisão a questão da efetivação da ação pelos meios políticos (KRIEG-PLANQUE, 2012, p. 50, tradução nossa)⁴².

Ao destacar o quanto o diálogo entre esses dois lugares disciplinares mostra-se oportuno, Krieg-Planque traça um rápido percurso de constituição das duas correntes e como a aproximação em solo francês revelou-se produtiva. A Pragmática de inspiração anglo-saxônica chamada também de Filosofia da Linguagem Ordinária, fora iniciada em meados dos anos 50 pelo filósofo britânico John Austin com base em suas reflexões sobre a noção de performatividade, e posteriormente, nos desdobramentos teóricos feitos por seu discípulo, o filósofo americano John Searle.

Krieg-Planque destaca que os pontos centrais da Pragmática, tal como problematizadas pelos dois filósofos, marcam as reflexões iniciais identificadas na filosofia ou na psicologia (estado mental, intenção, sinceridade, crença, inferência) e ainda às noções de caráter jurídico (princípio, lei, contrato, convenção, regra).

Por sua vez, a Análise do Discurso, em sua versão francesa, constituída em meados da década de 60 numa configuração intelectual da época marcada pelo estruturalismo, surge como dispositivo de leitura de textos políticos na convergência de um trabalho científico sobre a materialidade textual e por uma vontade crítica militante dos discursos marxistas filiada aos pensamentos de Louis Althusser e Michel Foucault, a chave de leitura na cena intelectual instaurada passa a levar em conta questão cara à época, a ideologia.

⁴² De fait, les questions posées par le pragmatique sont essentielles pour quiconque étudie les discours politiques, publics et institutionnels. La pragmatique s'intéresse à l'usage des énoncés en contexte et à leurs rapports à l'action en situation: un tel point de vue sur la langue et le discours ne saurait laisser indifférents ceux qui étudient des corpus socio-politiques. Dans la jonction entre pragmatique et analyse du discours, la question des actes de langage occupe une place primordiale, comme les pages qui suivent aident à le comprendre: la notion d'acte de langage, en effet, éclaire avec précision la question de l'effectuation de l'action par le moyen du discours (KRIEG-PLANQUE, 2012, p. 50).

O encontro entre as duas correntes, como afirma Krieg-Planque, se deu mais tarde em razão de um duplo movimento. Primeiro pelo sucesso de livraria ainda hoje da obra publicada em 1962, “*Quand dire, c’est faire*”, que reúne um conjunto de doze conferências proferidas por Austin, na qual ele desencadeia um conjunto de formulações fundamentando uma teoria sobre a linguagem

[...] sobre a natureza da linguagem enquanto uma forma de realizar atos: os atos de fala. Aqui não só se formula uma série de conceitos teóricos como *performativo, força ilocucionária* etc., como também se procura estabelecer e classificar os diferentes atos de fala, buscando sua sistematização e assim propondo uma nova concepção de linguagem, seja quanto a sua estrutura, seja quanto a seu funcionamento (AUSTIN, 1990. p. 12).

A fecundidade das pesquisas feitas pelos pragmáticos, particularmente quanto a noção de performatividade é notória nos trabalhos, no entanto, o encontro tardio da AD com os estudos da Pragmática.

O fortalecimento da pragmática anglo-saxônica assume influência positiva nos estudos discursivos franceses, com o esfacelamento das fronteiras das formações discursivas, pois nesse movimento reflexivo a AD cede lugar às tendências mais abertas com o propósito de analisar as materialidades linguísticas, as especificidades enunciativas, os fenômenos de interdiscursividade e polifonia, afirma Anguermuller (2016, p.12)

Esse contexto produziu mudanças significativas nos trabalhos linguísticos na França no final da década de 1970, operadas principalmente pela recepção das discussões americanas da filosofia da linguagem de Wittgenstein e a Teoria dos Atos de Fala de Austin que estavam em alta no contexto linguístico americano.

Os trabalhos com bases nas discussões produzidas na e pela pragmática propagaram-se sobremaneira em geografia francesa. Enquanto perspectiva, ela possibilitou considerar os usos da língua em ambientes específicos, mudando-se, portanto, o foco da estrutura da língua para os usos da língua. De uma visada em suas primeiras fases que toma o discurso como estrutura fechada em si mesma, inspirada em abordagens formais (o estruturalismo saussuriano e o distribucionalismo de Harris), a AD se reformula para um direcionamento enunciativo colocando em discussão o modelo de discurso como estrutura fechada.

O que caracteriza os trabalhos numa visada pragmática em contexto francês, segundo Anguermuller volta-se para conceber a atividade languageira não como um agir simbólico advindo de um sujeito intencional fonte de sentido, mas como a produção de atos de linguagem que se revelam na singularidade que convocam a cada enunciação. Nesse sentido, o que está em questão não é o sujeito falante e sim a relação estabelecida entre as formas linguísticas e a prática discursiva que esses atos de enunciação reenviam, e simultaneamente à produção de sentido invocada por esses atos.

O estudo feito pelo pesquisador alemão Johannes Anguermuller das “pequenas passagens textuais” de intelectuais que participaram ativamente dessa reviravolta epistemológica na França (Derrida, Foucault, Lacan e Althusser), enquadrados no que se denomina epistemologia anti-humanista, apresenta-se como relevante lugar para olhar essa nova ordem linguístico-discursiva, o “pós-estruturalismo”, inaugurada no contexto francês no terceiro momento da AD. Essa toma o sujeito como uma construção das práticas languageiras concretas por meio de enunciados específicos compostos de uma multiplicidade de vozes que participam da construção de seus discursos.

Os trabalhos do professor Anguermuller, mostram-se importantes por permitirem a entrada analítica pelas “pequenas passagens textuais”, movimento em que é possível compreender, pelos instrumentos pragmático-enunciativos marcadores linguísticos (tecnologias discursivas- formas tecnolinguageiras) (Paveau, 2013), o sujeito da linguagem inscrito no conjunto de posições assumidas e mutáveis em cada ato de enunciação.

Tais considerações são importantes para compreender o quanto o encontro entre a Pragmática e a Análise do Discurso mostra-se caminho promissor para quem analisa o funcionamento de corpus sociopolítico. Esse encontro possibilita apreender via atos de linguagem como se efetiva a ação dos discursos na cena política contemporânea, engendrada por pequenos enunciados que são postos a circular em cenografias multissemióticas, testemunhando nesse movimento o caráter acontecimental e valorativo desses enunciados

Não obstante esse cruzamento característico do signo e do ato de fala, a análise do discurso postulada por Foucault pode servir de modelo aos estudos apresentados a seguir. As pequenas unidades do discurso são, pois, os produtos da enunciação. Estes são os enunciados, isto é, os atos discursivos transformados em fatos do discurso que podem reenviar a outros atos. Não se trata de frases abstratas, gramaticalmente corretas, mas de enunciados, que, para existir, devem ser constituídos num ato

de enunciação. Sem a reflexão da singularidade e da especificidade da enunciação, é de fato impossível apreender os contextos nos quais os enunciados adquirem sua verdadeira significação (ANGUERMULLER, 2015, p.15).

2.4 A relação entre pequena frase e acontecimento discursivo

No conjunto de postulados apresentados por Krieg-Planque (2011, p. 23) que envolvem a noção de pequena frase, *dimensão enunciativa, determinações genéricas e semióticas formadas pelas mídias, a integração e as restrições para os políticos e os comunicadores, as características que possibilitam a retomada e a circulação e apreciação por atores sociais do fenômeno*, o aspecto acontecimental é algo que acompanha a construção das pequenas frases, uma vez que a mídia trabalha insistentemente na fabricação dos acontecimentos a partir daquilo que percebe como saliente na fala mais longa dos políticos e coloca em circulação por meio de enunciados breves. Assim, os agentes jornalistas apreendem na *glosa mais longa*, expressão utilizada por McCllam (1994) para se referir ao discurso equilibrado dos comentaristas ou dos especialistas políticos, algo portador de valor e disponível para ser retomado em uma série de eventos discursivos que combinam com a memória do acontecimento e se atualiza a cada ato de enunciação, “desse que é passado e desse que acontece”⁴³.

Apreendida a fala política pelos agentes jornalistas e transformada em pequena frase que retoma e atualiza a memória a cada ato de enunciação a ocorrência tornada visível, numa temporalidade e sintomática de valor, começa a ser trabalhada pelos especialistas da comunicação e da *engenharia simbólica* (Ollivier-Yaniv, 2011, p.81) que passam a reproduzi-la insistentemente nas mais diferentes cenas de enunciação. Nesse movimento ininterrupto, a trajetória da pequena frase passa a descrever o acontecimento (a fala política) com sentidos ligados ao acontecimento e ao mesmo tempo dispersos, em decorrência dos embates discursivos atrelados ao enunciado.

Podemos, então, compreender o funcionamento da pequena frase na sua relação com o acontecimento discursivo, tal como elaborado por Pêcheux ([ano]2012) quando analisa o funcionamento do enunciado “*On a gagné*”, enunciado fórmula que invade a

⁴³ (Idem, 2012, p. 53).

cena sociopolítica francesa em 10 de maio de 1981 para descrever o acontecimento político que elegeu François Mitterrand como presidente da república.

Pêcheux ([1983] 2012) descreve como a expressão metafórica “*On a gagné*”, apropriada do universo esportivo, passa a determinar o acontecimento político, revelando assim a opacidade e ao mesmo tempo a estabilidade do acontecimento. Nesse conflito, entre opacidade (de um enunciado profundamente opaco em sua materialidade léxico-sintática retomado em um conjunto heterogêneo de enunciados) e a estabilidade (construída por argumentos simples que levam para respostas factuais para pergunta quem ganhou X ou Y) “*On a gagné*” descreve o acontecimento, o dia 10 de maio vitória de François Mitterrand, que já vinha sendo colocado em circulação pela mídia francesa em uma série de enunciados interparafrásticos, que apontavam para o confronto discursivo atrelado ao acontecimento e, concomitantemente, para o prolongamento do acontecimento pelas significações diferentes realizadas em cada retomada,

e depois, no meio dessa circulação-confronto de formulações, que não vão parar de atravessar a tela da TV durante toda a noite, surge um flash que ao mesmo tempo uma constatação e um apelo: todos os parisienses para quem esse acontecimento é uma vitória se reúnem em massa na Praça da Bastilha, para gritar sua alegria (os outros não serão vistos nessa noite). E acontecerá o mesmo na maior parte das outras cidades. Ora, entre esses gritos de vitória, há um que vai “pegar” com uma intensidade particular: é o enunciado “*On a gagné*” (Ganhamos!) repetido sem fim como um eco inesgotável, apegado ao acontecimento (PÊCHEUX, 2012, p. 21).

Nessa perspectiva, a relação entre pequena frase e acontecimento discursivo moral nos parece pertinentes, pois o valor ilocutório do qual os enunciados breves são portadores, mostra-nos o poder evocador do acontecimento que eles descrevem pelas viagens através das tecnologias discursivas distribuídas no ambiente, e nessas rondas do discurso observa-se nos metadiscursos a disputa constitutiva entre a atualidade e a memória.

Adotando tal premissa, ao tomarmos o *Nome de Memória* como lugar de observação de “linhagens discursivas”, noção usada por Paveau (2007) a partir da leitura de Nyckees (PAVEAU, 2007, p. 325) a respeito da constituição histórica e coletiva do sentido, no quadro de uma arqueologia semântica em termos de “linhagens linguísticas e semióticas”, apreendemos *Mensalão* no interior desse “reino de significações” (PAVEAU, 2007, p. 325) prévias/ pré-discursos, aos quais os sujeitos elaboram linhagens

discursivas que lhes permitem através da memória cognitiva discursiva (questão que retomaremos adiante) acessar saberes, crenças e práticas construídas coletivamente.

À vista disso, o *Nome de Memória (Np) – designador flexível Mensalão* – na qualidade de acontecimento discursivo moral joga com o universo da estabilização e da opacidade, pois no conjunto de reações morais, atestados nos comentários, há posicionamentos polemizando sobre a palavra que em alguma medida já está posta/construída na memória coletiva do ambiente cognitivo discursivo brasileiro. Entretanto, ao assumirmos o *Np* como um designador flexível que traça contornos complexos nos caminhos percorridos, *Mensalão* projeta uma reserva de sentidos convocando quadro pré-discursos coletivos num jogo de força permanente com a memória, sob o choque do acontecimento que ele engendra, como lembra Pêcheux (2010, p. 53),

mas a recorrência do item ou do enunciado pode também (e este é um ponto introduzido por Jean- Marie Marandin na discussão) caracterizar uma divisão da identidade material do item: sob o “mesmo” da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva... Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase.

Essas questões sobre o *Nome de Memória* nos parecem essenciais, por permitirem pensarmos a relação entre pequena frase e acontecimento discursivo moral. Dito de outro modo, compreendemos o quanto é importante dar conta do funcionamento do praxema *Mensalão* nos meandros das pequenas frases, uma vez que elas ocupam a paisagem de nosso cotidiano discursivo e, por conseguinte, ativam percursos de leituras e valores no ambiente cognitivo contemporâneo, o que nos possibilita em certa medida formular a questão ética aos estudos discursivos.

3 APELO À MEMÓRIA TECNOLÓGICA DISCURSIVA DO AFIÇO: AS *AFFORDANCES* OFERTADAS PELA FERRAMENTA TECNOLÓGICA DISCURSIVA NO AMBIENTE POLÍTICO BRASILEIRO

Eu tenho formulado a hipótese de que existe uma memória interdiscursiva própria as mídias e que esta memória contribui para dar um “ar familiar” a uma série de acontecimentos. [...] Temos então uma forma de intertextualidade intencional, mas também uma forma de chamado a “qualquer coisa” que pode ser de ordem do “vago” e que estaria estocado na memória do leitor, sem que a alusão seja “sentida” e resta sem “efeito”: memorização anterior de formas, de sons, de sentidos e mesmo quando construções como “frango contaminado” lembrar certas canções de Jean Ferrat onde ele teria questionado hormônios nos frangos que comeu em HLM. Nessas lembranças, que convidam o leitor a se “recordar”, dos efeitos de sentidos são, portanto, associados aos efeitos da memória. [...] Vemos assim se inscrever no fio do discurso não somente a palavra-acontecimento, mas o que decorre das representações que foram mentalmente associadas a ela (palavras, imagens, sons), bem como a temporalidade a ela ligada, provavelmente dos domínios de memória também associadas (MOIRAND, 2007, p. 7-10, tradução nossa)⁴⁴.

Consideramos agora a memória individual. Ela não é totalmente isolada e fechada. Um indivíduo para evocar o seu próprio passado, tem frequentemente a necessidade de fazer apelo as lembranças de outros. Ela se refere a marcos que existem fora dele e são estabelecidos pela sociedade. Além disso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos, que são palavras e idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (HALBWACHS, 1950, p. 31, tradução nossa)⁴⁵.

⁴⁴ J'ai donc formulé l'hypothèse qu'il existe une mémoire interdiscursive propre aux médias et que cette mémoire contribue à donner un “aire de famille” à une série d'événements [...] On a donc bien là une forme d'intertextualité intentionnelle, mais aussi une forme d'appel à “quelque chose”, qui peut être de l'ordre du “vague” et qui serait stocké dans la mémoire du lecteur, sans quoi l'allusion ne peut être “senti” et reste sans “effet”: mémorisation antérieure de formes, de sons, de sens, et même de “poulet à la dioxene” rappelle à certains la chanson de Jean Ferrat des années, où il était questions des poulets aux hormones qu'on mangeait dans les HLM. Dans ces rappels, qui invitent le lecteur à se “remémorer”, des effets de sens sont donc constitutivement associés à des effets de mémoire [...] On voit ainsi s'inscrire au fil du discours non seulement le mot-événement, mais ce qui découle des représentations qu'on lui a mentalement associées (des mots, des images, des sons) ainsi que la temporalité qui lui est attachée, voire des domaines de mémoire également associés (Moirand, 2007, p. 7-10).

⁴⁵ Considérons maintenant la mémoire individuelle. Elle n'est pas entièrement isolée et fermée. Un homme, pour évoquer son propre passé, a souvent besoin de faire appel aux souvenirs des autres. Il se reporte à des

Vemos circular em ritmo alucinante, principalmente na cena sociopolítica contemporânea, palavras novas formadas pelo processo de sufixação em -ão, entre elas “mensalão”, “metrolão”, “petróleo”, “pacotão”, “quadrilhão”, “apagão” e tantas outras. Esse movimento linguístico-discursivo tem nos inquietado por três razões centrais:

(i) compreendemos que o processo de criação de palavras, particularmente no campo político, instaura um conflito sobre o imaginário de língua portuguesa, instrumentalizada em gramáticas normativas brasileiras⁴⁶ a respeito do afixo -ão;

(ii) as ferramentas tecnológicas discursivas distribuídas no ambiente são dadas a ler em cenografias diversas de forma demasiadamente hiperbólica pelos agentes/jornalistas, contribuindo, no nosso entendimento, à etiquetagem estereotipada da política nacional, sendo esta reforçada pelo uso e abuso feito do afixo -ão no gesto de nomear acontecimentos do campo político, criando um clima constante de “[...]depreciação, (des)intonia, (não) empatia, adstritos a alguns derivados seriam essencialmente, para não dizer exclusivamente, imputáveis aos sufixos neles presentes” (Rio-Torto, 1997, p. 1), impondo assim questões de ordem moral;

(iii) a alusão ao *Nome de Memória Mensalão* para caracterizar outros acontecimentos orienta a interpretação contribuindo para dar um sentido social ao *Np*, produzindo assim metadiscursos que jogam com o sentido de vigilância, ameaça, caos, medo. Neste sentido, o valor emocional de *Mensalão* no ambiente cognitivo discursivo brasileiro produz pelas ações instauradas com o objeto (*affordances*) apreendidas na fala dos agentes ordinários um acontecimento discursivo moral desajustado aos valores, logo um discurso não-virtuoso.

points de repère qui existent hors de lui, et qui sont fixés par la société. Bien plus, le fonctionnement de la mémoire individuelle n'est pas possible sans ces instruments que sont les mots et les idées, que l'individu n'a pas inventés, et qu'il a empruntés à son milieu (Halbwachs, 1950, p. 31).

⁴⁶ Parte das discussões empreendidas neste capítulo foi publicada em artigo *As facetas do sufixo -ão: uma História das ideias linguísticas sobre o processo de formação de palavras*, (MELO&ALCANTARA) publicado na Revista Papeis do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso dos Sul, Vol. 19, n° 37, 2015.

Deparamo-nos, portanto, na prática discursiva da cena política brasileira com a “sanha de prostituir as palavras” L. Bloy (*apud* Paveau, 2015, p. 246) pelo uso e abuso do *Nome de Memória* em questão e também no processo de inovação lexical ao empregar o sufixo avaliativo -ão de maneira desenfreada ao nomear acontecimentos políticos, decorrendo desse processo um conjunto de apreciações que operam trajetos memoriais em dissonância com a memória linguageira e discursiva do afixo em pauta.

Desse modo, ao tomar de empréstimo o afixo como estratégia linguístico-discursiva, os agentes da cena política operam, no nosso entendimento, um desajuste aos itinerários da memória cognitiva distribuída no ambiente pela maneira como se apropriam das ferramentas tecnológicas externas, uma vez que ocorre um emprego metafórico do afixo proliferando avaliações morais às palavras criadas.

[...] os pré-discursos não estão arquivados nas máximas ou nos enunciados estereotipados repetíveis, porque são, materialmente, fixados, ao contrário, circulam sob as diversas formas expressas pelos locutores a partir de sua apropriação dos quadros coletivos. [...] ferramentas da tecnologia discursiva (abreviadamente: ferramentas discursivas) para designar instrumentos materiais ou não, que permitem “trabalhar” e “fabricar” os pré-discursivos, tendo em vista a elaboração dos discursos. Pode-se de tratar de ferramentas linguísticas (gramáticas, dicionários, lembretes, listas, guias de conversação, ensaios puristas etc.) de escritos e inscrições de todos os tipos (de etiquetas de escritório às inscrições em monumentos dedicados aos mortos, passando pelas embalagens de alimentos, os convites, os grafites), e de vários outros artefatos como os blocos de nota, as listas, as cadernetas de endereço, as agendas, os calendários etc. [...] É necessário insistir na importância da tecnologia discursiva a fim de não correr o risco do mentalismo.[...] Auroux demonstra, magistralmente, a necessidade de se levar em conta as “estruturas cognitivas externas” para se reportar ao funcionamento da linguagem humana (PAVEAU, 2015, p. 131 e 146).

Neste sentido, entendemos o quão importante se mostram os conceitos de tecnologia discursiva e *affordance*⁴⁷, pois entendemos que na alusão sistemática do *Nome*

⁴⁷ [...] uma *affordance* é uma propriedade de um objeto ou um traço do ambiente imediato que indica qual a relação o sujeito deve instaurar com ele, como ele deve servi-lo, o que veve ser feito com ele. No final dos anos de 1980, surge nos Estados Unidos uma cognição alternativa a cognição internalista dominante na época, a cognição social, propondo um contexto propicio para a emergência de uma reflexão sobre as conexões entre o sujeito e seus objetos (Suchman, Resnik, Lave, Hutchins). [...]. Pode-se admitir com efeito que os objetos são portadores de affordances linguísticas, quer dizer possibilidades linguísticas, para retomar a expressão de Gibson. Essas affordances são de diferentes tipos, que precisam ser inventariar e descrever: nível do gênero do discurso, da disposição gráfica, da forma prosódica, da forma interacional ou das diferentes memórias implementadas no discurso (memória semântica e discursiva). (Paveau, O que dizem os objetos. Sentido, affordance, cognição. SynergiesPays Riveraisde la Baltique n°9, 2012, p. 53-65. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Baltique9/paveau.pdf>., tradução nossa). Em Une linguistique symétrique pour penser le discours, texto publicado em 2010, disponível em:

de *Memória Mensalão* pelas mídias, o processo de formação da palavra o uso da ferramenta discursiva—ão- contribuiu significativamente para a construção de uma memória coletiva estereotipada da política nacional devido ao “ar familiar” construído do afixo, na prática de nomeação dos eventos da cena política pelos agentes midiáticos. O que nos leva a pensar com Moirand (2007b) a respeito de uma memória interdiscursiva midiática, conceito desenvolvida pela pesquisadora francesa, a partir das reflexões fundamentadas no dialogismo bakhtiniano e na noção de memória discursiva de Courtine (1981), em sua tese sobre o discurso comunista endereçado aos cristãos.

Ao analisar a circulação do discurso midiático, Moirand(2007) apresenta o conceito de momento discursivo, noção que possibilita analisar no fio horizontal do discurso, as recorrências, reformulações, formas de dizer, apresentados nas rondas dos dizeres a memória das palavras, para isso observa o processo de vulgarização do discurso científico, em palavras como “vaca-louca, gripe-aviária, soja louca, entre outras.

A perspectiva nesse trabalho para pensar a memória, dialoga com as proposições de Moirand (2007) e Courtine (1981), entretanto, é importante aventar que assumimos o movimento teórico-analítico de Marie-Anne Paveau (2008, 2014, 2015) no quadro de uma linguística simétrica para pensar um *continuum* mente-mundo e linguagem-mundo, neste sentido, a memória é mais que um lugar de “estocagem” e “acúmulo”, ela funciona como como um agente ativo de transmissão de quadros discursivos coletivos (uma tecnologia discursiva) na qual elaboram-se e se constroem-se sentidos.

Desse modo, entendemos os efeitos observados nos metadiscursos de indignação e descrédito em torno do *Np Mensalão*, são decorrentes dos apelos aos quadros pré-

<https://penseedudiscours.hypotheses.org/95>, Marie-Anne Paveau pormenoriza o quadro teórico de uma linguística simétrica, no qual esboça quatro categorias para uma *affordance* discursiva.

[...] une *affordance* (to afford-: procurer) est une propriété d'un objet ou un trait de l'environnement immédiat qui indique quelle relation l'utilisateur doit instaurer avec l'objet, comment il doit s'en servir, ce qu'il doit faire avec. À partir de la fin des années 1980, émerge aux États-Unis une cognition alternative à l'internalisme dominant, la cognition sociale, qui pose un contexte propice à l'émergence d'une réflexion sur les liens entre l'humain et ses objets (Suchman, Resnik, Lave, Hutchins). [...]. On peut admettre en effet que les objets sont porteurs d'affordances linguistiques, c'est-à-dire de « linguistic possibilities », pour reprendre l'expression de Gibson. Ces affordances sont de différents types, qui restent à inventorier et à décrire : niveau du genre de discours, de la disposition graphique, de la forme prosodique, de la forme interactionnelle ou des différentes mémoires à l'œuvre dans le discours (mémoire sémantique, discursive). (Paveau, **Ce que disent les objets**. Sens, affordance, cognition. SynergiesPays Riveraisde la Baltique n°9, 2012, p. 53-65. Disponível em : <https://gerflint.fr/Base/Baltique9/paveau.pdf>.

discursivos coletivos mobilizados em torno do afixo, apreendido como uma tecnologia linguageira da qual a memória interdiscursiva midiática recorre insistentemente, e que leva os agentes a estabelecerem relações não virtuosas com o *Nome*.

Posto isso, o percurso deste capítulo consiste em (i) entrelaçar as características linguística do *Nome de Memória Mensalão*, a partir do seu processo de formação de palavras, destacando especificamente os aspectos semânticos do afixo –ão na sua relação com os valores semânticos adquiridos ao longo do tempo em três instrumentos tecnológicos (Gramáticas da Língua Portuguesa (LP), Gramática Secundária de Língua Portuguesa (Said Ali, 1921), Gramática Normativa da Língua Portuguesa (Rocha Lima, 1985) e Moderna Gramática Portuguesa (Evanildo Bechara, 1986,2005) e (ii) as *affordances* memoriais do *Np Mensalão*.

3.1 As inovações lexicais da cena política contemporânea

Os neologismos são palavras novas. Eles são identificados primeiro no discurso antes de serem integrados, alguns deles, nos dicionários de idiomas. A neologia é imanente à linguagem; é o conjunto de processos que determina a formação de neologismos e seu devir. Toda língua viva integra um componente neológico, para o qual não pode acompanhar a evolução da sociedade e atender às necessidades da comunidade (MOURTUREX, 2004, p. 135, tradução nossa)⁴⁸.

A comunicação humana passa desde sempre pela criação de palavras, as quais se colocam como designadoras do universo, dos sentimentos e dos pensamentos que movem os sujeitos, pontuam Provust e Sablayrollles (2003), de igual modo, como

manifestação de atividade simbólica do homem, as palavras nascem da vontade do sujeito em representar as coisas, as ideias e os fatos em sons, os signos que são substituídos. Qualquer que seja interpretação, metafísica, biológica ou linguística, a linguagem está sempre inscrita em um processo criativo e, portanto, neológico⁴⁹

⁴⁸ Les néologismes sont des mots nouveaux. Ils se reperent d’abord dans le discours avant d’être intégrés, pour certains d’eux, dans les dictionnaires de langue. La néologie est immanente à la langue; c’est l’ensemble des processus qui déterminent la formation des néologismes, et leur devenir. Toute langue vivante intègre un composant néologique, faute duquel elle ne pourrta pas suivre l’évolution de la société, et assuir les besoins de la communauté (MOURTUREUX, 2004, p. 135).

⁴⁹ Manifestation de l’activité symbolique de l’homme, les mots sont nés de la volonté de représenter les choses, les idées et les faits par des sons, des signes que em sont les substituts. Quelle que soit l’interprétation, métaphsique, biologique ou linguistique, les langages est toujours inscrit dans um processus langagier créatif et donc néologique” (Idem, 2003, p. 04).

Portanto, um ato de linguagem inerente ao funcionamento linguístico e comunicativo, os neologismos se apresentam como ferramentas indispensáveis à cena política, por conseguinte, se colocam como lugares privilegiados para avaliações e julgamentos nos ambientes cognitivos dos quais participam. Com efeito, os dispositivos tecnodiscursivos atuam como construtores e difusores em massa das novidades lexicais.

Dessa forma, ao dar notoriedade a unidade nova, os agentes passam a retomá-la de maneira sistemática, bem como, decidem valorá-las e circunscrevê-las em seus discursos num certo paradoxo constitutivo pelo emprego de certos marcadores tipográficos

a atração da mídia, pelo menos algumas, por neologismos é óbvia, mas é acompanhada, paradoxalmente, por uma certa desconfiança que resulta em um distanciamento com a ajuda de marcas tipográficas específicas (aspas e itálicos) ou mesmo comentários sobre seu caráter neológico (PRUVOST, J. & SABLAYROLLES, 2003, p. 70)⁵⁰.

Esse caráter paradoxal, convocar e ao mesmo tempo manter-se distante da novidade lexical focalizando-a, atua como um mecanismo de orientação interpretativa por parte do agente, pois a escolha por um marcador tipográfico influencia, no nosso entendimento, o modo como a novidade neológica vai ser apreendida.

Neste sentido, esse Outro (novidade lexical) atua como um corpo-estranho, “pentecoste pervertido”, nas palavras de Maingueneau (2008, p. 100), pois este é traduzido conforme a grade semântica da formação discursiva a qual foi incorporada, funcionando assim como simulacro. A esse respeito, Maingueneau, insiste para o lugar da intercompreensão, para o desentendimento instaurado no espaço discursivo, dito de outra maneira, o enunciado do/sobre o Outro e os metadiscursos a respeito da novidade lexical, se dá no interior da língua do agente, logo um simulacro,

Cada discurso repousa, de fato, sobre um conjunto de semas repartidos em dois registros: de um lado, os semas “positivos”, reivindicados; de outro, os semas “negativos”, rejeitados. A cada posição discursiva se associa um dispositivo que a faz interpretar os enunciados de seu Outro traduzindo-os nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema. Em outras palavras, esses enunciados do Outro só são

⁵⁰ L’attrait des médias – du moins de certains- pour les néologismes est patente, mais il s’accompagne, paradoxalement, d’une certaine défiance qui se traduit par une mise à distance à l’aide de marques typographiques spécifiques (guillemets et italiques notamment) ou même de commentaires sur leur caractère néologique (Ibid, 2003, p. 70).

“compreendidos” no interior do fechamento semântico do intérprete; para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que dele constrói. Convencionaremos chamar *discurso agente* aquele que se encontra na posição de tradutor e de *discurso paciente* aquele que é assim traduzido; é por definição em proveito do primeiro que se exerce a atividade de tradução (MAINGUENEAU, 2008, p. 100).

Nesse gesto de formulação dos discursos, ocorre *o investimento do corpo do sujeito no corpo das palavras*, Orlandi (2012, p.10), momento em que o sujeito pelo gesto de interpretação atualiza a memória (constituição do dizer/pré-discurso) ao criar novas palavras ou dar novos sentidos às palavras já existentes, em condições de produções específicas, para nós ambiente cognitivo. Para Paveau (2015 p. 356) numa perspectiva da integração, e não mais da colaboração ou da tradução, o ambiente é apreendido no quadro de uma filosofia do discurso, integrando, portanto, o social, o político e o histórico, o cultural, o estético, o biológico e o ético.

Como já aventado, a prática de inovação lexical com a utilização de alguns afixos e particularmente do sufixo-ão virou rotina nas práticas discursivas da paisagem política, fenômeno que pode ser atestado em diferentes tecnodiscursividades, sendo comum então, vermos circular nos principais jornais e revistas nacionais e internacionais, manchetes sobre os fatos corridos na política local, palco de inúmeros conflitos de diversas ordens, inclusive da língua, como nos seguintes itens neológicos tomados pela cena política:

1. PRAXEMA: APAGÃO

Categoria Gramatical/Gêneros: substantivo masculino.

Contexto: Ex-ministro da Educação teme "*apagão* de professores"⁵¹.

Observações linguísticas: Neologismo semântico em Houaiss e neologismo formal em Aurélio. Palavra formada derivação sufixal de caráter pejorativo.

2. PRAXEMA: CAIU A CASA

Categoria gramatical: Sintagma Nominal

Contexto: “*Caiu a casa* do tesoureiro do PT”. In: (Capa da Veja, ed. 2155/Capa)

Observações linguísticas: Neologismo semântico.

⁵¹ Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/noticia/2015/10/ex-ministro-da-educacao-teme-apagao-de-professores-4866579.html>.

3. PRAXEMA: CORTE NA CARNE

Categoria Gramatical/ Gênero: Lexia complexa

Contexto: “Levy insiste em corte de gastos: ‘cortar na carne é importante’⁵².”

Observações linguísticas: Neologismo semântico.

4. PRAXEMA: DILMADEPENDÊNCIA

Categoria Gramatical/Gêneros: Substantivo feminino

Contexto: *Eles defendem a tese de que é cada vez maior a “dilmadependência” no PT*⁵³.

Observações linguísticas: Neologia formal. Termo formado por composição por justaposição DILMA+DEPENDÊNCIA.

5. PRAXEMA: DESTUCANIZAR

Categoria Gramatical/Gênero: substantivo masculino

Contexto: “O Banco Central é hoje um ninho de tucanos. Precisamos *destucanizar* o BC, disse o Secretário de Organização do PT, Romênio Pereira, um dos líderes da tendência.”⁵⁴.

Observações linguísticas: Neologismo Formal. Formação Neológica parassintética, prefixo (Des)+ tucano+ sufixo(Izar). Neologismo Formal.

6. PRAXEMA: DILMÊS

Categoria Gramatical/Gêneros: adjetivo

Contexto: “A inquilina do Palácio do Planalto, ainda conhecida como Presidente Dilma Rousseff, continua falando o intrigante idioma *dilmês*, atribuindo os males do País à crise econômica internacional, e consultando, ocasionalmente, seu guru e inventor, o ex-presidente, Luiz Inácio Lula da Silva”⁵⁵.

Observações linguísticas: Neologismo formal. Lexia simples formada a partir do substantivo feminino Dilma.

⁵²Disponível em:

<http://monitormercantil.com.br/index.php?pagina=Noticias&Noticia=168133&Categoria=EMPRESAS>.

⁵³Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/da-lulodependencia-a-dilmadependencia>.

⁵⁴Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,movimento-pt-pede-destucanizacao-do-banco-central,20070311p28128>).

⁵⁵Disponível em: <http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-choque-do-fracasso-e-a-operacao-desmonte-imp-,1668150>.

7. PRAXEMA: LAVA JATO

Categoria Gramatical/Gêneros: Sintagma nominal masculino

Contexto: “De acordo com as investigações da *Lava Jato*, Costa e o doleiro Alberto Youssef, outro delator, atuavam na operacionalização de valores de contratos da Petrobras para o PP”⁵⁶.

Observações linguísticas: Neologismo Formal. Lexia complexa, formada por um substantivo (determinado)+ adjetivo (determinante), se refere à rede de lavagem de dinheiro na Petrobrás.

8. PRAXEMA: LOBISTA

Categoria Gramatical/ Gêneros: Substantivo masculino/feminino

Contexto: “O pecuarista José Carlos Bumlai, acusado pelo delator, Fernando Soares, o Baiano, de receber propina para mediar negócios no setor do petróleo a repassá-los a uma nora do ex-presidente Lula, afirma que os recursos que recebeu do *lobista*, serviram, na verdade, para pagar empregados de sua fazenda”.⁵⁷

Observações linguísticas: Neologismo semântico. Lexia formada a partir do empréstimo do inglês Lobby ou Lobbying, no Brasil é empregado de maneira disfórica no campo político.

9. PRAXEMA: LULADEPENDÊNCIA

Categoria Gramatical/ Gêneros: Substantivo masculino

Contexto: “A *Luladependência* de Carlos Grana incomoda os petistas”⁵⁸.

Observações linguísticas: Neologismo formal. É um termo formado por composição por justaposição, LULA+DEPENDÊNCIA. Refere-se à dependência do governo Dilma ao governo de seu antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva.

10. PRAXEMA: MENSALÃO

Categoria Gramatical/ Gêneros: substantivo masculino.

Contexto: “Foi nesse momento que surgiu uma nova palavra para ser incorporada ao vocabulário político petista: valerioduto, uma expressão jocosa, para denominar as

⁵⁶Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/lava-jato/lava-jato-pgr-denuncia-deputado-nelson-meurer,8b98bec726cf5f420fe1a054a7bf6b1e3>.

⁵⁷ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/10/1697471-pecuarista-amigo-de-lula-diz-que-repasse-de-lobista-foi-emprestimo.shtml>.

⁵⁸ Disponível em: <http://www.capitalsocial.com.br/base.asp?id=2037&secao=Pol%EDtica>.

fabulosas transferências bancárias que abasteciam os participantes do esquema do *mensalão*".⁵⁹

Observações linguísticas: Neologismo Formal. Palavra formada por derivação sufixal a partir de base mensal. Na versão eletrônica do Houaiss, o termo foi incluído em 4 de dezembro de 2012.

11. PRAXEMA: MENSALEIRO

Categoria Gramatical/ Gêneros: substantivo masculino

Contexto: "Brasil enfim pune fujão *mensaleiro*".⁶⁰

Observações linguísticas: Neologismo formal. Palavra formada derivação sufixal de caráter pejorativo. Na versão eletrônica do Houaiss, o termo foi incluído em 4 de dezembro de 2012.

12. PRAXEMA: METROLÃO

Categoria gramatical/Gêneros: substantivo masculino

Contexto: "O cofre de Alckmin é a confissão do '*Metrolão*'".⁶¹

Observações linguísticas: Neologismo formal. Palavra formada por derivação sufixal a partir da base Metrô+ sufixo: ão

13. PRAXEMA: PACOTÃO

Categoria Gramatical/ Gêneros: substantivo masculino

Contexto: "Como o *pacotão* tende a ser bem recebido por parte dos empresários e pelos bancos — que poderiam quase pôr a sua assinatura na proposta —, infere-se que esses agentes tenderão a pressionar os parlamentares"⁶².

Observações linguísticas: Neologia Formal. Palavra formada por derivação sufixal de caráter pejorativo. Forma-se a partir da lexia pacote, mas empregado em cenografias sociopolíticas com valor disfórico.

⁵⁹ VILLA, M. A. Mensalão: o julgamento do maior caso de corrupção da história da política brasileira. São Paulo: Leya, 2012, p. 38).

⁶⁰Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/opiniao/2015-10-24/editorial-brasil-enfim-pune-fujao-mensaleiro.html>.

⁶¹Disponível em: <http://tijolaco.com.br/blog/o-cofre-de-alckmin-e-a-confissao-do-metrolao-e-do-cinismo-nacional/>.

⁶²Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/pacotao-o-governo-cortou-sim-mas-na-carne-alheia/>.

14. PRAXEMA: PEDALADA FISCAL

Categoria gramatical/Gênero: sintagma nominal feminino

Contexto: “Ministro Joaquim Levy diz que não há ‘*pedaladas fiscais*’ nas contas de 2015”⁶³.

Observações linguísticas: Lexia complexa, formada por substantivo (determinado)+ adjetivo (determinante). Neologismo formal. Nome dado ao evento do atual governo Dilma, que é acusado de atrasar o repasse de recursos para benefícios sociais para passar a impressão de que as contas públicas estariam melhor do que realmente estavam.

15. PRAXEMA: PETROLÃO

Categoria Gramatical/Gêneros: substantivo masculino

Contexto: “Fatos narrados em livro de memórias do ex-presidente o fazem candidato à alcunha de “pai do *petrolão*”⁶⁴.

Observações linguísticas: Neologismo formal. Palavra formada por derivação sufixal a partir da base petróleo.

16. PRAXEMA: PETROGATUNOS

Categoria Gramatical/ Gêneros: substantivo masculino

Contexto: “Considerando-se que o orador avalizou as nomeações dos *petrogatunos* e governou por oito anos com o apoio de sarneys, renans, collors e malufs, fica claro que o vocábulo “significado” perdeu o significado”.⁶⁵

Observações linguísticas: Neologismo Formal. Termo formado por composição por aglutinação PETRO (Petróleo)+ GATUNOS.

17. PRAXEMA: PILANTROPIA

Categoria Gramatical/Gêneros: substantivo feminino

⁶³ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/10/ministro-joaquim-levy-diz-que-nao-ha-pedaladas-fiscais-nas-contas-de-2015.html>

⁶⁴ Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/blogs/helena/2015/10/fhc-sabia-de-esquema-de-corrupcao-na-petrobras-e-nada-fez-9146.html>

⁶⁵ Disponível em: <http://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br/2015/02/25/preparado-para-guerra-lula-ataca-a-semantica/>

Contexto: Foi deflagrada na presente data a “Operação *Pilantropia*” que visa desarticular um esquema fraudulento de desvio e comercialização de mercadorias apreendidas pela Receita Federal do Brasil e doadas a Órgãos Públicos e entidades filantrópicas⁶⁶.

Observações linguísticas: Neologismo formal. Troca do fonema [f] pelo fonema [p], uso disfórico para tratar de uma falsa filantropia com intuito de tirar proveito de uma situação. Jogo semântico com a palavra PILANTRO.

18. PRAXEMA: PROPINODUTO

Categoria gramatical: substantivo masculino

Contexto: “Maior *propinoduto* já descoberto no país, o escândalo de corrupção da Petrobras é o grande fato do ano”⁶⁷.

Observações linguísticas: Neologismo formal.

19. PRAXEMA: SANGUESSUGA

Categoria Gramatical/Gêneros: Substantivo feminino

Contexto: “Justiça condena sete da Máfia das *Sanguessugas* por desvios”. In: (<http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/justica-condena-sete-da-mafia-das-sanguessugas-por-desvios/>)

Observações linguísticas: Neologismo semântico. Refere-se ao escândalo da máfia das ambulâncias em 2006. Termo formado por composição por justaposição SANGUE+SUGA.

20. PRAXEMA: VALERIODUTO

Categoria gramatical: substantivo masculino

Contexto: “Foi nesse momento que surgiu uma nova palavra para ser incorporada ao vocabulário político petista: *valerioduto*, uma expressão jocosa, para denominar as fabulosas transferências bancárias que abasteciam os participantes do esquema do mensalão”. In: (VILLA, M. A. Mensalão: o julgamento do maior caso de corrupção da história da política brasileira. São Paulo: Leya, 2012, p. 38).

Observações linguísticas: Neologismo formal. Termo formado por composição por aglutinação VALÉRIO+ DUTO.

⁶⁶ Disponível em: <http://www.fazenda.gov.br/divulgacao/noticias/2010/julho/receita-federal-e-policia-federal-deflagram-operacao-pilantropia>

⁶⁷ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tag/propinoduto/>.

21. PRAXEMA: OPERAÇÃO DESMONTE

Categoria Gramatical: Sintagma nominal feminino

Contexto: “*Operação Desmonte* combate fraudes efetuadas por empreiteira paulista”⁶⁸.

Observações linguísticas: Neologismo formal. Refere-se ao esquema elaborado por uma empresa de engenharia, com sede em Barueri (SP), que deixava de pagar direitos trabalhistas, sonegava tributos federais, FGTS e contribuições previdenciárias.

Ainda a respeito do uso lexical, Possenti (2019) retoma o linguista francês Louis Guespin, citado em *Noção de fórmula em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico*, o qual afirma que fazer política é como fazer dicionário, pois o sujeito escolhe as palavras que vai colocar no seu dicionário e as que não vai colocar, definindo-as a sua maneira. O linguista brasileiro retoma reflexões de Maingueneau (2008), quando este coloca que a era moderna é a era do discurso, sendo o uso do léxico um lugar interessante para se observar a disputa do/pelo sentido histórico. Continua Possenti “a verdadeira arena da política é evidentemente a linguagem [...] o dicionário do político faz incluir certas palavras e excluir outras e tentar definir a sua maneira. Então, vivemos a era do discurso e a linguagem é tudo”, pois é pela linguagem que a cena política se lança a legitimidade.

Por conseguinte, o papel dos dispositivos tecnodiscursivos mostra-se indispensável à proliferação intensa dos discursos, incorrendo a modificação e atualização por meio dos seus instrumentos tecnológicos a maneira como os sujeitos concebem e utilizam a língua(gem). A respeito disso, Maingueneau (2013, p. 81-82), afirma,

[...] é necessário reservar um lugar importante ao modo de ‘manifestação material’ dos discursos, ao suporte, bem como ao seu ‘modo de difusão’: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela do computador etc. Essa dimensão de comunicação verbal foi durante muito tempo relegada (...).

[...] Eles revolucionaram efetivamente a natureza dos textos e seu modo de consumo. Seu surgimento provocou uma ruptura com a civilização do livro, que trazia em si toda uma toda uma concepção de sentido. **Revolução que teve também como efeito uma melhor conscientização da especificidade do oral e das modificações anteriormente introduzidas pela escrita e pela imprensa (grifo nosso).**

⁶⁸ Disponível em: <http://www.dpf.gov.br/agencia/noticias/2012/10/operacao-desmonte-combate-fraudes-efetuadas-por-empreiteira-paulista>.

A isso, podemos ressaltar que o analista do discurso não pode relegar o fato de que as modificações das condições “materiais” da comunicação transformaram radicalmente o “conteúdo” e a maneira como ele deve ser lido e a forma como ele deve ser posto em circulação. Neste aspecto, o apontamento feito por Maingueneau é de extrema relevância para pensar a cena midiática, uma vez que na sociedade contemporânea os dispositivos midiáticos produzem textos multimodais que deixam em evidência não apenas destacamento gráficos, pontuações, mais e principalmente, como podemos observar para a criação de novas palavras que brincam no interior delas mesmas, desafiando o lugar legitimado dos instrumentos linguísticos, as gramáticas e os dicionários, e nesse movimento instaurando sentidos que jogam com a dispersão.

A evidência do sentido – a que faz com que uma palavra designe uma coisa – apaga o seu caráter material, isto é, faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam como um dominante. As palavras recebem seus sentidos das formações discursivas em suas relações. Este é o efeito da determinação do interdiscurso (da memória) (ORLANDI, 2012, p. 46).

Partindo do pressuposto de que a palavra recebe seu sentido da formação discursiva na qual fora produzida e através dela podem ser observados sinais dos quadros pré-discursivos coletivos (saberes, crenças, práticas), a cena política brasileira nos chama a atenção por ser esta um lugar em que a criação de palavras novas formadas pelo processo de sufixação em ão, entre elas “mensalão”, “metrolão”, “petrolão”, “quadrilhão” e mais recentemente “bolsolão” nos bombardeiam diariamente e passam a figurar em diferentes cenas de enunciação, produzindo metadiscursos inflamados dado ao comportamento pragmático e a força ilocutória advindas também dos operadores avaliativos (sufixos avaliativos), conferindo assim aos sufixos, como acentua Rio-Torto (1997, p.03), funcionarem como activadores-detonadores de atitudes e relações axiológico-afetivas.

Ao recorrer a operadores avaliativos, o sujeito de enunciação projecta-se no discurso, mas de forma não categórica nem impositiva, desde logo porque é sob uma forma modalizada que a avaliação por eles operada e o estado de coisas descrito, é veiculada. Acresce ainda que a fonte da avaliação se dissimula na relativa ambivalência que muitos operadores avaliativos permitem. Ora, escusando-se a explicitar os parâmetros de avaliação, esta aparece como que naturalizada, o que reforça seu poder ilocutório. [...] finalmente, por serem frequentemente usados em determinados tipos de actos de linguagem, certos operadores acabam por absorver alguns traços/conteúdos ilocutórios que activam. De mediadores, transformam-se em depositários desses valores, que passam a acompanhá-los de forma mais ou menos regular e convencional (RIO-TORTO, 1996-1997, p. 07-08).

Ao problematizar o fenômeno, a priori, nossa questão era analisar o funcionamento das pequenas frases acerca do acontecimento discursivo moral *Mensalão*, mais precisamente sobre o período do julgamento pelo STF. Todavia, demo-nos conta que o ambiente cognitivo no qual os enunciados sobre o praxema circulavam era muito mais complexo e, a retomada constante do acontecimento mostrava-se algo singular, o que nosso entendimento se aplica também à especificidade linguística do praxema, ou seja, conjecturamos que esse interesse midiático por esse acontecimento em particular, alçando-o a categoria de *Nome de Memória* se aplica às paixões inflamadas construídas pelo dispositivo midiático ao se apropriar da tecnologia discursiva sufixal, proliferando freneticamente comentários morais desajustados ao ambiente, o que faz de *Mensalão* um acontecimento discursivo moral não-virtuoso

Não se trata de marcas estáveis, que possam ser naturalizadas ou gramaticalizadas, considerando-as como marcas em língua. Elas só mostram o seu potencial ético nos ambientes nos quais aparecem. Se existem marcadores de eticidade, estes são distribuídos entre os agentes do ambiente e não se fixam obrigatoriamente nas materialidades languageiras. Manifestam-se como efeitos dos discursos detectáveis-nos metadiscursos proferidos sobre os enunciados. Esses, efeitos podem manifestar-se ou não em marcadores de língua. Digo “ou não” porque, por exemplo, enunciados informacionais não axiológicos do tipo Wikileaks podem ser dotados de forte potencial moral. Portanto, encontrar-se-ão marcas de eticidade nos metadiscursos dos agentes, que durante acontecimentos discursivos morais, formulam os efeitos produzidos pelos enunciados comentados, no âmbito de dispositivos em que reinem certos valores, ensejando uma forma situada de virtude discursiva (PAVEAU, 2015, p. 224).

A partir desse movimento contínuo de nomeação dos acontecimentos da cena política utilizando-se seguidamente do afixo -ão, a princípio pensamos em discutir as palavras enquanto neologismos e o funcionamento delas em circulação. No entanto, demo-nos conta da importância em refletir sobre as tecnologias discursivas distribuídas no ambiente, sendo elas agentes de transmissibilidade de quadros pré-discursivos coletivos, analisando no primeiro momento: (i) como são dados a ler em três gramáticas brasileiras a formação de palavras por sufixação e (ii) evidenciar a memória, de um ponto de vista cognitivo-discursivo, e neste sentido apreendê-la como uma tecnologia discursiva, uma vez que atua como um agente vivo na produção de discurso e na construção de sentidos, portanto, de quadros pré-discursivos.

Selecionamos como material de leitura para compreender a constituição do domínio gramatical⁶⁹ sobre o processo de formação de palavras por derivação sufixal em três Gramáticas da Língua Portuguesa (LP), Gramática Secundária de Língua Portuguesa (Said Ali, 1921), Gramática Normativa da Língua Portuguesa (Rocha Lima, 1985) e Moderna Gramática Portuguesa (Evanildo Bechara, 1986,2005) e na sequência tecemos algumas considerações sobre os caminhos complexos do *Nome de Memória*.

Ressaltamos que para compreendermos o funcionamento discursivo das palavras formadas por derivação sufixal em -ão se faz necessário um percurso diacrônico, para perscrutar como os instrumentos linguísticos foram e estão operando com esse sufixo que se mostra polivalente na cena política brasileira. Essa polivalência polissêmica atribuída ao afixo, de acordo com Santos (2010)⁷⁰, decorre das transformações fonéticas e fonológicas sofridas no português arcaico e isso implica nos significados adquiridos por ele ao longo dos séculos X a XIX. Esses movimentos e transformações morfo-fonológicas do afixo se refletem no funcionamento semântico atual, engendrando uma verdadeira evaporação de significados, particularmente pela cena política brasileira abusadora das palavras e da memória dos nomes, desencadeando sobremaneira comentários inflamados que tocam em questões éticas.

Santos, com base em trabalhos de Rio-Torto (1996-1997) sobre os sufixos avaliativos⁷¹ e em “*Operações derivacionais que envolvem os sufixos –ão em Português*” (1987), a pesquisadora nos mostra o quão é primordial quando se tem a língua como objeto de reflexão, tomá-la em sua relação com ela mesma e com o ambiente na qual ela se inscreve, logo, as palavras formadas a partir desse sufixo, que se proliferam no ambiente político brasileiro, configuram significados que são dados tanto pela *dimensão sistêmica (estrutura interna da língua)* quanto pela *dimensão enunciativa-pragmática*⁷² (em seu funcionamento pragmático). Neste sentido, é imprescindível levar em

⁶⁹ Horta (2003) em seu trabalho sobre a Definição Lexicográfica e Discurso. IN.: Línguas: Instrumentos Linguísticos (p. 9 – 30) A apresenta como procedimento analítico e constituição do corpus três procedimentos: a) Análise do Dicionário; b) Análise de um domínio e c) Análise de palavra e tema. Tomamos o seu procedimento metodológico para nossa pesquisa.

⁷⁰ Polissemia dos sufixos aumentativos –ão, -arro, -orro, -aço e –uço e seus traços avaliativos numa perspectiva diacrônica. Dissertação apresentada em 2010- USP

⁷¹ Sistêmica e pragmática dos sufixos avaliativos. (In) Revista Portuguesa de Filologia, volume XXI, 1996-1997, p. 203-228.

⁷² Rio-Torto ibidem.

consideração o percurso histórico, elemento importante para constituição dos significados dos sufixos, já que ao empregá-los nos inscrevemos num construto teórico de uma língua que pode ser flagrado por meio de tecnologias⁷³, gramática e dicionário, que ajudam a contar a história dessa língua e dos agentes que dela partilham,

A gramática não é uma simples descrição da linguagem natural; é preciso concebê-la também como um *instrumento linguístico*: do mesmo modo que um martelo prolonga o gesto da mão, transformando-o, uma gramática prolonga a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram juntas na competência de um mesmo falante (AUROUX, 2014, p.70).

Assumimos ainda nesta empreitada, o discurso, na perspectiva da AD, como lugar sujeito ao equívoco, de releituras, divisões, a diferentes filiações teóricas, em suma dando lugar à crítica em relação às teorias, e principalmente pensando o conhecimento como discurso (Orlandi 2002, p 12) assim, *podemos nos situar no ponto em que o sujeito desse conhecimento pode ser observado nesse seu horizonte de retrospectão e de projeção*. Por isso, tomamos como reflexão também a instrumentalização metalinguística sobre o processo de formação de palavras por derivação sufixal em -ão, pensando esse conhecimento numa relação dialética construído como produto que participa de um movimento que reflete simultaneamente universalização e deslocamentos⁷⁴.

É nesse sentido que entendemos o fazer gramatical como um processo histórico que participa desse duplo movimento, universalização e deslocamentos, em que a história e a identidade de um povo podem ser flagradas por meio dos conhecimentos que são produzidos também por esses instrumentos linguísticos.

Segundo Orlandi (2002, p. 11) para que o analista possa compreender esse processo ele tem de tomar uma posição em face da história das ciências. A história aqui não pode ser compreendida com algo factual, a-histórico, mas sim como um discurso documental uma memória institucionalizada, no nosso caso uma institucionalização pela via da gramatização que reverbera, ainda, no ensino de língua portuguesa na escola e tomada como discurso legitimado pela cena política.

⁷³ Auroux (2014).

⁷⁴ Orlandi, 2001, p. 35.

3.2 Algumas reflexões sobre as tecnologias discursivas - Gramática Secundária de Língua Portuguesa (Said Ali, 1921), Gramática Normativa da Língua Portuguesa (Rocha Lima, 1985) e Moderna Gramática Portuguesa (Evanildo Bechara, 1986, 2005)

Excerto 1 - SAID, Ali. *Grammatica secundaria da língua portugueza*. p. 151 a 152

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

DERIVAÇÃO – derivação sufixal

Derivação é o processo pelo qual de umas palavras se formam outras, ajuntando-lhes certos elementos formativos que alteram a acepção primitiva, ou lhe accrescetam sentido novo. As palavras assim formadas chamam-se derivadas; aquellas de onde estas procedem chamam-se derivantes ou primitivas.

Os elementos formativos que põem no fim do vocábulo derivante (geralmente com a supressão ou alteração previa da desinência) chamam-se sufixos, e o processo de formação toma o nome particular de derivação sufixal.

Os elementos formativos que se colocam antes da palavra derivante, chamam-se prefixos; é o processo de derivação prefixal.

Observação. – esta divisão sufixal e prefixal está de acordo com a maneira de ver de modernos linguistas, como Meyer-Lubke, Nyrop e outros. Não há, com efeito, boa razão para supor que os prefixos não possam fazer parte da derivação. Veja-se a este respeito nossa *Grammatica Histórica*, onde mais desenvolvidamente tratamos do assunto.

(...)

Dividiremos os sufixos em duas classes:

1ª os que servem ou originariamente serviram para formar nomes aumentativos ou diminutivos;

2ª os que formam vocábulos novos e denotam outros conceitos diferentes.

Os derivados da primeira classe são substantivos e adjetivos. A noção de aumento, como já vimos, em outra parte da *Grammatica*, pode transformar-se em noção pejorativa. Em outros casos, o vocábulo com a terminação aumentativa pode adquirir sentido especializado, designando somente certos objetos sem que este seja notável pela sua grandeza.

Levadas em conto estas restricções, mencionaremos com principaes, os seguintes Suffixos aumentativos

-ão: Ocorre frequentemente ampliando em – eirão, - arrão, - alhão, -zarrão etc.: casarão, grandalhão, chapeirão, vagalhão, homenzarrão, toleirão, santarrão etc.

- aço, - aça, uça: mestraço, ricaço, baracaça, dentuça, doutoraço, mulherença.

-astro: sentido pejorativo: poetastro, medicastro.

- arra: naviarra

-alha: fornalha

-az: ladravaz, liguaraz, fatacaz

-anzil: corpanzil

-asio – copasio.

Excerto 2 - **ROCHA, Lima. Gramática Normativa da língua portuguesa.** 26^a ed. Ed. José Olympio J.O. Rio Janeiro – RJ. 1985, p. 173 – 186

Derivação e composição

Derivação é o processo pelo qual de uma palavra se formam outras, por meio da agregação de certos elementos que lhe alteram o sentido – referido sempre, contudo, à significação da palavra primitiva.

Tais elementos se chamam prefixos ou sufixos, segundo se coloquem antes ou depois palavra derivante.

Composição é o processo pelo qual se cria uma palavra pela reunião de dois o mais elementos vocabulares de significação própria, de tal sorte que o conjunto deles passa formar um todo com significação nova.

(...)

Adotamos este último critério.

De acordo com ele. Assim se pode organizar o quadro geral dos tipos de formação de palavras:

Derivação

Composição

Prefixal
Sufixal
Parassintética
Regressiva

Por justaposição
Por aglutinação

DERIVAÇÃO SUFIXAL

Ao contrário dos prefixos, que, como vimos, guardam certo sentido, como qual modificam, de maneira mais ou menos clara, o sentido da palavra primitiva, os sufixos, vazios de significação, têm por finalidade formar séries de palavras da mesma classe gramatical.

Por exemplo, o único papel do sufixo EZ é criar substantivos abstratos, tirados de adjetivos: ativo – altivez; estúpido – estupidéz. (...)

Rocha Lima divide os sufixos em latinos e gregos.

O sufixo – ão está entre os sufixos gregos, a saber.

ADA (forma substantivos de substantivos)

ANO, ÃO (forma adjetivo de substantivos)

Americano, mundano, (...) beirão, comarcão, cristão, vilão.

ÃO (ampliado em alhaçao, arrão, eirão, zarrão, figura na formação do aumentativo).

Excerto 3 - **BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa: Curso de 1 e 2 graus.** 30 ed. Companhia Nacional – São Paulo – SP, 1986, p. 176 – 179

Derivação: derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos.

Os afixos se dividem, em português, em prefixos (se vêm antes do radical) ou sufixos (se vêm depois). Daí a divisão em derivação prefixal e sufixal.

Derivação sufixal: livraria, livrinho, livresco

Derivação prefixal: reter, deter, conter.

(...)

Sufixos: os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação: em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: poetastro, mulheraça. Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: mãezinha, maninho. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e os gregos os mais comuns.

Bechara divide os sufixos por categorias de formação, como:

I – principais sufixos formadores de substantivos

1. Para formação de nomes de agente;
2. Para formação de nomes de ação ou resultados de ação, estado; qualidade
3. Para significar lugar, meio, instrumento
4. Para significar abundância, aglomeração, coleção
5. Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva
6. Para formar nomes de naturalidade
7. Para formar nomes que indicam maneira de pensar. Doutrina que alguém segue; seitas, ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva
8. Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências.

II – Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos:

1. Aumentativos:

-ão, -zão: cadeirão, homenzão

-arro, -arrão, zarão: naviarra, bebarro, santarão, coparrão, homenzarrão

-aço. Açã: ricaço, barcaça, copaço

-astro – poetastro, policastro

(...)

Excerto 4 **BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa**: Edição revisada e ampliada. Ed. Lucerna, 37 ed. Rio de Janeiro – RJ, 2005, p. 351 – 364

Bechara apresenta na abertura do tema Formação de palavras os seguintes dizeres:

2. Formação de palavras
Do ponto de vista constitucional.

Faz-se diferença, em relação à edição anterior ao considerar a:

Renovação do léxico: criação de palavras “as múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessa necessidade renovadora chamam-se neologismos, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os arcaísmos, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade

linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. *De tudo isso trataremos no lugar próprio.* (destaque nosso).

Os neologismos e criações novas surgem na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a composição e a derivação (prefixal e sufixal).

Outra fonte de revitalização lexical são os empréstimos e calços linguísticos, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calços linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro de língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim -, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como macadame, gilete etc. Muito próximo a esta visão são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: Kodak, pipilar etc., as onomatopéias e palavras expressivas.

De todo esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras (BECHARA, 2005, p. 351).

Nesta nova revisão Bechara (2005) define o que vem ser a formação de palavras de forma conceitual.

Processos de formação de palavras: Dois são os processos de formação e palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição matéria.

- a) Composição
- b) Derivação

Para nossa reflexão atendamos aos processos de derivação por:

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos tipos português quando este sofreu a

evolução própria da história da língua: áureo (e não Ouro), capilar (e não cabelo), aurícula (e não orelha) etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos dividem, em português, em prefixos (se vêm antes do radical) e sufixos (se vêm depois). Daí a divisão de derivação prefixal e sufixal.

Derivação sufixal: livraria, livrinho, livresco.

Derivação prefixal: reter, deter, conter.

Observação: [...] os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseado nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um processo de composição de palavras.

Sufixos: os sufixos dificilmente aparecem como uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma, ao lado dos valores sistêmicos associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas⁷⁵: *peastro*, *mulheraça*. Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem carinho *mãezinha*, *paizinho*, *maninho*. Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo, *florão* não se aplica em geral a *flor* grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta*, *camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formulações eruditas.

Na continuidade de sua apresentação sobre derivação sufixal Bechara retoma ao modelo de suas gramáticas anteriores como visto no excerto acima, inclusive no que tange ao processo de sufixação em -ão, porém acrescido dos seguintes dizeres.

II – Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, **muitas vezes tomados pejorativos ou afetivos** (grifo nosso).

1. Aumentativos:

-ão, -zão: cadeirão, homenzão

⁷⁵ Rio-torto, Sistêmica, 203 e ss. Ma.

- arro, -arrão, -zarrão, -arraz (arro=az):: naviarra, bebarro, santarão, coparrão, homenzarrão, pratarraz
- aço, -aça: ricaço, barcaça, copaço
- astro: poetastro, policastro.

No entanto, Bechara (2005) não acrescenta aos seus estudos, exemplos de derivação sufixal em –ão que possam exercer, em dado espaço de enunciação, o sentido de pejorativo e afetividade. Ele retoma em seus exemplos, como podemos constatar nos estudos da história da língua, já inscrita por seus antecessores, como Said Ali e Rocha Lima e por ele mesmo em obras anteriores como em “Moderna gramática portuguesa: Curso de 1 e 2 graus. 30 ed”. A isto, tomamos o gesto do autor como inscrito em uma memória que tem relação complexa com o saber discursivo sobre a linguagem, que de um lado mostra rupturas importantes na consideração do objeto, como é o caso da criação de palavras levando em consideração “as múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade” – neologismo- Bechara assevera sobre a importância do fenômeno que é inerente a qualquer língua, mas é enfático na seguinte afirmação “De tudo isso trataremos no lugar próprio”. Que lugar é esse?

Esse instrumento interdita certos dizeres? Vemos neste espaço de funcionamento de língua um sujeito dividido, uma disputa que instaura modos de dizer, dizer que naquele espaço sujeitos e sentidos encontram-se divididos. E ainda na abertura para um novo saber sobre o sentido no que concerne a derivação sufixal do aumentativo (muitas vezes tomados como pejorativos ou afetivamente) e até mesmo a nova forma de apresentar a gramática como *revista e ampliada*. Por outro, seu trabalho se inscreve a outros saberes sobre a língua, em especial sobre o sufixo –ão, e é desse lugar, do nosso ponto de vista, que Bechara se institucionaliza e instrumentaliza o saber linguístico, o da história da língua, filiado ainda aos comparatistas, e aos estruturalistas do início do século XX, Saussure, Hjelmslev etc., que tomam a língua como estrutura “entidade autônoma de dependência interna”, como se vê nos exemplos repetidos.

É importante salientar que nossa escolha pela gramática de Bechara (1986,2005) se deu em razão dele ser considerado como um dos gramáticos mais conhecidos e instrumentalizados na escola.

Notamos no instrumento linguístico, em que funcionamento do acontecimento se instaura, que os sujeitos falantes Said Ali, Rocha Lima e Evanildo Bechara se constituem enquanto falantes agenciados politicamente construindo um saber sobre a língua que se dá pela tradição, ou seja, quando Said Ali e Bechara pontuam a derivação sufixal em –ão com valores outros além do aumentativo, trazem às suas enunciações a polissemia engendrada pelo sufixo no ambiente em que se apresentam, há assim a acontecimentalidade fundada no sufixo, isso pode ser visto principalmente em Bechara (2005), quando este acrescenta as seguintes considerações sobre o sufixo “sufixos dificilmente aparecem como uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas”.

É trazida na enunciação de Bechara a possibilidade de pensar o processo de derivação sufixal como algo que adquire diferentes valores semânticos, conforme a situação, neste sentido, conceber o sufixo -ão apenas com uma única função, aumentativo, pelo viés de inúmeras gramáticas tradicionais é não levar em consideração a história dos sufixos, em particular o sufixo –ão, que mostra-se cercada de transformações que advém desde a origem desse sufixo em português, e mais do que isso, ao negligenciar essas possibilidades linguísticas e enunciativa-pragmáticas do afixo em questão é cair na armadilha de tomar a língua como transparente e evidente.

Embora haja na enunciação de Bechara uma abertura para pensar o léxico como algo que se renova incessantemente, algo que é inerente a quaisquer línguas, dado o ambiente e a própria estrutura interna da língua, fazendo menção aos neologismos, é possível observar que os sujeitos falantes são divididos entre os modos de dizer (o agenciamento) e os direitos de dizer, uma orientação argumentativa que ainda prima pelos postulados comparatistas e estruturalistas, em que o saber linguístico que mais salta aos olhos é o da pureza e homogeneidade da língua. Isto posto, é possível apreender nesses instrumentos que os sujeitos gramáticos falam do lugar institucional que agencia os direitos e os modos de dizer, assim suas enunciações são construídas na e pela contradição/político.

Do que se coloca, o que queremos ressaltar é a importância de olhar para as tecnologias discursivas como lugares cujo sentidos sobre a língua e sujeito são construídos e, acima de tudo, ‘enxergar’ nestes instrumentos a opacidade da língua e como ela se constitui entre o ir e vir aos apelos a quadros memoriais, feitos entre continuidades e rupturas de conhecimentos produzidos sobre a língua e o mundo.

3.3 Caminhos complexos do Np: Linhagens discursivas do Nome de Memória Mensalão

O acontecimento *Maio de 68*⁷⁶ irrompe *como* um gesto único no mundo contemporâneo. Passados cinquenta anos, esse acontecimento discursivo mostra-se atual às questões de ordens diversas que se apresentam na seara discursiva a qual nos inserimos. Tomamos *Maio de 68* como uma possibilidade de acessar e mobilizar incessantemente a memória do acontecimento e atualizá-lo em suas retomadas acontecimentais.

Não é nosso objetivo problematizar os apelos memoriais que esse acontecimento discursivo engendra na atual conjuntura política brasileira, mas evocar esse evento como uma narrativa singular, um *Nome de Memória* “um lugar semântico no qual se sedimentam estratos de sentido oriundos da cultura e da memória dos grupos, então cumpre constatar que essa memória evolui, perde-se e transforma-se” (PAVEAU, 2015, p. 23), no nosso entender, um acontecimento discursivo moral que provocou mudanças significativas em cenas diversas e, em particular, no campo epistemológico das ciências sociais.

Nessa direção, entendemos que, o movimento grevista iniciado por estudantes e reverberado em todo ambiente cognitivo discursivo francês, contribuiu significativamente para que as teorias interpretativas, entre elas a Análise do Discurso se lançassem como ferramentas indispensáveis à leitura de materialidades discursivas diversas.

Na perspectiva da primeira Análise do Discurso, o simbólico e o político se confrontam e se constituem, como um dispositivo teórico-analítico que objetiva compreender o funcionamento do pré-construído por marcas linguísticas (em formas

⁷⁶ O acontecimento Maio de 1968, passados 50 anos, é considerado um movimento que inaugurou gestos que primavam pela busca de quebra de paradigmas conservadores que dominavam o ambiente francês. Esse acontecimento, iniciado por jovens da Universidade de Nanterre, a princípio tomado como um protesto pela não separação dos dormitórios dos estudantes parisienses, marcou a luta contra problemáticas de ordens diversas vividas em ambiente francês. O movimento iniciado pelos estudantes serviu como pontapé inicial para que outros grupos ingressassem na nova ordem que se desenhava, a busca por ideais inovadores. Em *Maio de 1968: os silêncios da memória* Orlandi (2010, p. 59-60) “Mais do que ver no acontecimento maio de 68 a constatação dessa violência, interessa vê-lo, enquanto acontecimento discursivo, justamente, como fato desencadeador de um processo de produção de sentidos que, reprimido, vai desembocar na absoluta dominância do discurso (neo) liberal. No entanto, enquanto tal, no momento em que apareceu, maio-68 abria para uma nova discursividade, produzindo efeitos metafóricos que afetavam a história e a sociedade, de maneira explosiva, em várias direções: politicamente, culturalmente, moralmente. E o que vai se dar hoje com essa discursividade no futuro? O que significa maio de 68 hoje?”

sintáticas, por meio de nominalizações, concessivas, relativas e outras), na sua relação com a ideologia. Portanto, ao tomar o discurso como objeto, a primeira AD parte do princípio “de que a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua” (ORLANDI, 2015, p. 15), portanto, o efeito do pré-construído se inscreve na materialidade linguística. Em vista disso, trabalha a relação língua-discurso-ideologia na inter-relação com as condições de produção nos quais o discurso é posto a circular.

No quadro de uma linguística simétrica, que substitui as heranças binaristas (linguístico x extralinguístico, linguageiro x não-linguageiro, emoção x razão, interno x externo), num contínuo verbal e não-verbal, o quadro disciplinar da AD, proposto por Paveau (2013, 2015), se apoia nos saberes científicos produzidos alhures e incorpora ao seu quadro teórico-analítico a dimensão cognitiva para pensar os pré-discursos coletivos. Dessa maneira, para evocar os quadros pré-discursivos, as dimensões: perceptiva (referência a fenomenologia), cognitiva (distributiva) e de coletividade intersubjetiva, ausentes na primeira AD, são centrais às discussões da pesquisadora francesa, pelo fato de sinalizarem apelos aos quadros pré-discursos coletivos situados no ambiente e observados no discurso, e não mais, fixações na língua que apagam o sujeito, como efeito da ideologia.

Inscrevemo-nos para analisar o funcionamento do *Np Mensalão* enquanto *Nome de Memória*, na perspectiva da AD acrescida pela cognição social. Assumir uma abordagem cognitiva discursiva para pensar o *Nome de Memória* é, compreendê-lo como um portador de valores grupais e históricos, de igual modo, um lugar de constituição de imagens específicas no qual se acumulam sentidos em cada aparecimento, conseqüentemente um designador flexível, dotado de uma plasticidade semântica cognitiva e situada no ambiente, conforme pontua Marie-Anne Paveau (2011).

Importante ressaltar na dialética de repensar o pensamento no interior da AD, incorporando a perspectiva da cognição social a partir do conceito de memória cognitivo-discursiva, como já colocado, “são necessárias ao progresso científico e a análise do discurso não escapa a essa regra se [...] o trabalho de invenção teórica é também um retrabalho de reinvenção que se apoia sobre a herança científica dos ancestrais” (PAVEAU 2013, p. 242), o quadro teórico-metodológico desenhado por Paveau, de uma memória cognitiva discursiva, resulta de uma releitura dos trabalhos de Jean-Jacques

Courtine (1981) sobre memória discursiva e de Sophie Moirand (2004) a respeito da memória interdiscursiva.

No quadro de uma Análise do Discurso em sua dimensão cognitiva, ou melhor, no quadro de uma cognição social em sua versão distribuída, a construção do conhecimento se efetiva numa relação não dicotômica entre humanos e não-humanos, a cognição é, portanto, tomada em oposição ao paradigma clássico internalista (cognição na cabeça), mais exatamente, “a cabeça está também no mundo” (PAVEAU, 2013, p. 142).

Dessa forma, o quadro da cognição social ao contestar o paradigma clássico, evidencia que as operações cognitivas se lançam à exterioridade do espírito e, por conseguinte, da memória. Nesta ótica, a capacidade de pensar ou de adquirir conhecimento, afirma Queré (1998 *apud* Paveau 2007) é menos uma capacidade de manipular e formar representações internamente, mas sim, a capacidade de filiação em práticas sociais coletivas, numa relação contínua e interdependente entre mente (corpo/ estrutura biológica) e mundo (práticas partilhadas/quadros pré-discursivos),

O homem é antes de tudo uma estrutura biológica (um corpo) que interage com o ambiente e outros corpos. O fenômeno fundamental é a constituição de ferramentas, isso implica a instrumentalização tanto do ambiente como do próprio corpo. É incorreto dar ênfase demais à interioridade. É provável que a capacidade de calcular não tenha simplesmente começado na cabeça das pessoas e que não tivesse nascido sem manipulações de objetos externos (pedrinhas, gráficos etc.) (Auroux, 1998, p.6; trad. nossa)⁷⁷.

É necessário dizer que no diálogo epistemológico contributivo, percorrido por Paveau (2007, 2012, 2015), a perspectiva de uma linguística simétrica, articulada à cognição social distribuída (Hutchins) e a teoria das *affordances* (Norman, Gibson), se insere nos fundamentos do que ela denomina por filosofia do discurso:

Entendo por filosofia do discurso uma abordagem que integra as questões relacionadas entre discurso e realidade, discurso e valor (em particular moral), a realidade e a subjetividade, os sujeitos e seus ambientes humanos e não humanos (PAVEAU, 2012, p. 57, trad. nossa)⁷⁸.

⁷⁷ L’homme est avant tout une structure biologique (un corps) qui interagit avec un environnement et d’autres corps. Le phénomène fondamental est la constitution d’outils, ce qui implique l’instrumentalisation autant de l’environnement que du corps propre. On a tort de trop concéder à l’intériorité. Il est vraisemblable que la capacité n’a pas commencé simplement dans la tête des gens et qu’elle ne serait pas née sans des manipulations d’objets externes (cailloux, abaques etc.).

⁷⁸ J’entends par philosophie du discours une approche qui intègre les questions du rapport entre le discours et la réalité, le discours et la valeur (en particulier morale), la réalité et la subjectivité, les sujets et leurs environnements humains et non humains.

Considerando esse movimento, cognitivo da AD, empreendido por Paveau (2008, 2009, 2011, 2013, 2015) acerca do semantismo flexível, laminado, foliado do *Np*, como verdadeiro *Nome de Memória*, nos detemos na força do *Np Mensalão* como um *Nome de Memória*, por ser ele um lugar de valores associados situados e partilhados no ambiente.

No ambiente o *Np* se torna rico de sentido, memória e emoção, por conseguinte, um lugar em que a moral discursiva se coloca.

O caráter laminado e ativador de pré-discursos, particular do *Np Mensalão*, nos interessa pelo seu papel social e emocional forte no ambiente cognitivo discursivo, já que a tomada do acontecimento nas malhas do discurso, num processo de acontecimentalização, apela insistentemente a quadros coletivos que são mobilizados por argumentos em tons de vigilância, medo, aversão, produzindo assim, numerosos comentários com dimensão moral em torno do *Nome de Memória Mensalão*.

Evocamos, brevemente, algumas discussões de Plantin (2011) a respeito da emoção, tomada como construto argumentativo. O teórico francês coloca que existem acontecimentos que são percebidos como emocionantes neles mesmos e passam a ser gerenciados por meio de argumentos emocionais. Esses acontecimentos passam a ser narrativizados de maneira sistemática pelos circuitos comunicacionais e evocam uma emoção social partilhada, no caso, em questão, uma emoção que desperta sentimentos de medo, indignação, repulsa, constrangimento. À vista disso, compreendemos *Mensalão* como um acontecimento emocionante e, por isso essa rotinização do acontecimento numa mistura polifônica de agentes distribuídos no ambiente, que enquadram o acontecimento como “o maior caso de corrupção do país”, “tudo que vivemos no Brasil hoje é oriundo do mensalão”, falas que funcionam como “tatuagem”, “etiqueta”, ou um desses *biografemas* (Paveau, 2011), uma representação metonímica da seara política brasileira, produzindo metadiscursos que tocam nos valores morais distribuídos no ambiente.

Postulado à força do *Np* em seu revestimento memorial e ético, é importante que se mencione que as discussões *Np*, evidenciando-o como designador flexível, se lançam atualmente em dois paradigmas, conforme Paveau (ibid. 2008, 2011, p 02): (i) sintático-semântico- sentidos derivados por metonímia, metáfora e antonomásia, representada nos trabalhos de Leroy (2005); (ii) a “significância” ou “*omnisignificance*” do nome próprio não modificado (G. Cislaru), sua “polissignificância” ou “polivalência discursiva” (M.

Lecolle apud Paveau, 2009), sua “hibridização”, “espessura semântica” e “revestimento memorial”.

Ao considerar o *Np* como verdadeiro *Nome de Memória* e como agente de transmissão de filiações discursiva, portanto uma tecnologia discursiva que envia a quadros pré-discursivos, tomamos os sentidos do *Np*, mas não modificável, tal como Paveau (2008, 2011, 2013). Desse modo, o objetivo é dar a ler os caminhos complexos do laminado memorial do *Np* e os valores que emergem nos metadiscursos dos agentes, percurso esse que já vem sendo feito desde o primeiro capítulo deste trabalho.

4 PEQUENA FRASE, UMA TECNOLOGIA DISCURSIVA? CONSTRUTORA DO ACONTECIMENTO DISCURSIVO MORAL *MENSALÃO*

A instituição midiática é sem dúvida um espaço no qual se instauram práticas de saber e poder, cujos sentidos dados a circular sobre determinada ocorrência, percebida como algo sintomático do que acontece, é alçada a categoria de acontecimento discursivo moral pela maquinaria midiática que passa a trabalhá-la constantemente nas práticas de (re) formulações e retomadas por meio de enunciados curtos, esses colocados em circulação nas mais distintas cenas de enunciação com o objetivo de enquadrar o acontecimento conforme a grade interpretativa da instituição que o descreve.

O papel desempenhado pela mídia na promoção e construção de enunciados breves, que atuam como construtores dos acontecimentos discursivos morais, mostra, no nosso entendimento, a eficácia dessa nova ordem de circulação dos discursos, e mais do que isso, demonstra como eles participam nas complexas relações de dominação, num processo de frenético de comentários valorativos, pela maneira como os discursos são organizados.

Assumimos com Krieg-Planque (2010) quando afirma que na organização de seus discursos por meio de *pequenas frases, slogans e fórmulas*, os agentes, entre eles os jornalistas, constroem o espaço público e, nesse processo, (re) produz simulacros com a finalidade de perpetuar relações de poder e opinião quando é sustentado o ponto de vista dominante, legitimando assim um espaço dado a ler em tom de verdade. Dessa forma, ao traduzir um acontecimento de acordo com as regras de sua formação discursiva, o dispositivo midiático procura estabilizar o sentido do acontecimento através de simulacros que funcionam como descritores do sentido dado como “legítimo”/ “completo”, silenciando, portanto, os sentidos outros que o constitui.

Nesse movimento, os agentes jornalistas atuam como “porta-vozes” autorizados a “apagar as asperezas discursivas, a saturar as falhas que saltam aos olhos em todo discurso”, como afirmam Courtine e Marandin em 1980, como se isso fosse possível quando se toma o real da língua como o lugar do impossível, aquilo que falta e que resiste a ser representado, o lugar da incompletude, da falha (FERREIRA, 2005, p.20).

Chamamos a atenção para o fato de que compreendemos as produções discursivas que compõe o *corpus* analítico desse trabalho dotado de uma heterogeneidade que pode ser atestada nos conjuntos dos enunciados mobilizados.

Sublinhamos, portanto, que mesmo na tentativa de apagamento das asperezas no processo editorial do material pela instituição *Uol* transformando o acontecimento em pequenas frases, bem como a escolha da cenografia, História em Quadrinhos (HQs) com a finalidade de contar e, mais do que isso, projetar o percurso de leitura do acontecimento, é notório observar os discursos múltiplos instituídos nesse arranjo, o que nos possibilita indagar a virtuosidade da produção desses enunciados, ou seja, observar no gesto de recortar o acontecimento, o momento do julgamento da AP 470, o site *Uol* instala questões de ordem moral.

Isso posto, estabelecemos como procedimento metodológico para apreender a discursividade do *corpus* a junção dos procedimentos integrador e texto-analítico, por acreditarmos que a cenografia escolhida para apresentar o acontecimento joga nesse embate entre zonas de coerência e pontos de inconsistências. Pode-se dizer que esses dois tipos de procedimentos, integrador e texto-analítico, são ambos necessários, na medida em que captam duas facetas das discursividades: a consistência de um discurso se constrói por meio de um trabalho permanente sobre uma inconsistência múltipla; as fronteiras de um discurso nunca deixam de ser atravessadas pelo interdiscurso que as domina. (MAINGUENEAU, 2015, p. 103).

4.1 A cenografia História em Quadrinhos: um tecnôgênero

No livro “Cenas da Enunciação”, Maingueneau (2008) postula a noção de cena de enunciação, essa associa três cenas: (i) a *cena englobante*- que corresponde ao tipo de discurso, a seu estatuto pragmático-; (ii) a *cena genérica*- que diz respeito aos gêneros de discurso; o pesquisador francês chama a atenção para o fato de que em muitos casos a cena de enunciação se reduz a essas duas cenas, a *englobante* e a *genérica*, no entanto, outra cena pode intervir, (iii) a *cenografia*- esta não é imposta pelo tipo ou pelo gênero de discurso, sim próprio discurso.

Maingueneau, ao propor a noção de cena de enunciação, ressalta a possibilidade de o termo poder se referir ao mesmo tempo a um quadro e a um processo, evitando assim as noções de *situação de enunciação* ou *situação de comunicação*, aquela da ordem do linguístico e outra de base mais sociológica. Por sua vez, no interior das discussões sobre as cenas de enunciação, Maingueneau ressalta que a efetivação e o sucesso da enunciação decorrem da cenografia eleita pelo locutor para se manifestar, e ela só se realiza de maneira eficaz se o locutor puder controlar o seu desenvolvimento.

O conceito teórico-metodológico de cena de enunciação, torna-se imprescindível, para pontuarmos algumas informações sobre a cenografia História em Quadrinhos (HQs)

na web 2.0, um gênero discursivo compósito, descrito por Marie-Anne Paveau (2013) como um gênero no qual os enunciados não têm uma natureza puramente linguageira, mas constituída em parte de material tecnológico: tela, linha do tempo, avatares, links, botões, *bookmarklets* etc., um tecnogênero. Importante discorrer que a estratégia linguístico-discursiva eleita pelo site *Uol* para apresentar ao público o longo período do julgamento do *Mensalão* pelo STF é tomada aqui no viés de uma linguística simétrica, desse modo, o gênero assume como uma de suas condições principais a heterogeneidade⁷⁹, particularmente na web 2.0.

Maingueneau (2015) coloca ainda que a escolha da cenografia se dá pela efetividade da enunciação, uma vez que as HQs se mostram com alto poder em transmitir acontecimentos de forma simples e direta. Mais do que isso, a narrativa produzida pelo site apela para práticas memoriais distribuídas no ambiente cognitivo brasileiro que convida os demais agentes (interlocutores) a se envolverem emocionalmente na história narrada por meio das fotonovelas, um gênero de grande aceitabilidade, uma verdadeira indústria cultural no país.

É importante salientar que as HQs durante muito tempo foram consideradas uma mídia marginal, associadas como afirma Neco (2010), a ideias de fantasia e escapismo, um meio visto como inadequado pelas práticas tradicionais do jornalismo e nocivos por seu conteúdo

Sabe-se que na década de 50 a indústria americana de quadrinho colocava em circulação gibis com histórias infantis, aventuras, ficção científica, culto ao herói... O

⁷⁹ No que diz respeito ao gênero, eu coloco sua heterogeneidade como um de seus traços principais, particularmente na internet: os gêneros de discursos são constituídos de materialidades tecnológicas e de dispositivos comunicacionais próprios aos universos digitais. Os programas genéricos dos discursos digitais são elaborados no interior do ecossistema da internet. O gênero “solicitação de amizade”, por exemplo, proveniente da rede social Facebook é por definição compósito/composto, técnico e discursivo. Esta solicitação passa obrigatoriamente por um botão (em francês “adicionar”) que deve ser clicado, acompanhado ou não de uma mensagem escritural. A solicitação de amizade é portanto um gênero de discurso constitutivamente tecnodiscursivo, do qual me parece quase impossível fazer uma análise puramente logocentrada (Marie-Anne Paveau, 2013, p. 12-13, trad. nossa).

En ce qui concerne le genre, je pose son hétérogénéité comme l’un de ses traits principaux, particulièrement sur l’Internet : les genres de discours sont co-constitutifs des matérialités technologiques et des dispositifs communicationnels propres aux univers discursifs numériques. Les programmes génériques des discours numériques sont élaborés au sein de l’écosystème de l’Internet. Le genre de la « demande d’amitié » par exemple, issu de l’écosystème du réseau social Facebook, est par définition composite, techno- et -discursif. Cette demande passe obligatoirement par un bouton (en français : « ajouter »), sur lequel il faut cliquer, en accompagnant (ou pas) ce clic d’un message scriptural. La demande d’amitié est donc un genre de discours constitutivement technodiscursif, dont il ne me semble guère possible de faire une analyse au sein d’une approche logocentrée.

sucesso das HQs era perceptível, no entanto, a censura das mídias hegemônicas as censuravam, uma vez que consideravam as produções, e as histórias narrada responsáveis “pela degeneração moral da América e delinquência juvenil”⁸⁰.

Em 1968, com a publicação da revista *Zap Comix*⁸¹, o processo de aceitabilidade das HQs, enquanto linguagem autônoma, com pontos comuns com a literatura, no entanto, se diferenciando dela por sua particularidade, se deu de maneira lenta. Ramos (2009) relata que houve uma asseverada e insistente campanha social para que os quadrinhos fossem enquadrados como um gênero literário.

É muito comum alguém ver nas histórias em quadrinhos uma forma de literatura. Adaptações em quadrinhos de clássicos literários- como ocorreu com *A Relíquia*, de Eça de Queirós, e *O Alienista*, de Machado de Assis, para ficar em dois exemplos- ajudam a reforçar esse olhar. Chamar quadrinhos de literatura, a nosso ver, nada mais é do que uma forma de procurar rótulos socialmente aceitos ou academicamente prestigiados (caso da literatura, inclusive a infantil) como argumento para justificar os quadrinhos, historicamente vistos de maneira pejorativa, inclusive no meio acadêmico. Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Há muitos pontos comuns com a literatura, evidentemente. Assim como há também com o cinema, o teatro e tantas outras linguagens (RAMOS, 2009, p. 17).

Ramos (2009), a partir das leituras de Maingueneau, concebe as HQs como um hipergênero, um grande *guarda-chuva*, uma tecnologia discursiva, que abriga diferentes outros gêneros, *cartuns*, *charges*, *tiras cômicas*, *tiras seriadas*, cada qual com as suas particularidades, mas que utilizam uma mesma linguagem, textos predominantemente narrativos, autônomos e que utilizam uma linguagem próximo o cotidiano. Podem aproximar-se de infinitos gêneros.

Evocamos ligeiramente o percurso de constituição histórica das HQs para destacar as possibilidades ofertadas por essa tecnologia discursiva, com o objetivo de evidenciar o quão produtivo esse gênero compósito se mostra e disponível para ser utilizado como estratégia linguístico-discursiva nas práticas jornalísticas contemporâneas, principalmente no ecossistema da web 2.0, fato esse iniciado em 1996 por Joe Sacco na revista *Palestina*, na qual o jornalista retrata o conflito entre palestinos e israelenses por meio de uma linguagem composta por jornalismo e quadrinhos.

⁸⁰ NECO (2010) apresenta um percurso histórico onde procura demarcar cronologicamente a evolução e a aceitação da mídia quadrinhos. Segundo o autor, no ano de 1954 foi elaborado um Código de Ética com a finalidade de restringir alguns temas.

As possibilidades de os quadrinhos apropriarem-se de outros gêneros, pela linguagem quadrinística se mostra rica por possibilitar apreensão por parte do leitores dos fatos narrados, tendo em vista refletir e reproduz o real de um fato histórico ou contemporâneo por meio de narrativas sequenciais, um exemplo disso pode ser visto no conjunto de trabalhos reunidos na obra *Enquadrando o real: ensaios sobre quadrinhos (auto) biográficos, históricos e jornalísticos*⁸², onde pesquisadores de diferentes áreas apresentam “análises de como a realidade pode ser refletida e refratada nos espelhos quadrinísticos”.

Dentre os artigos que compõe o material, o texto *Jornalismo em quadrinhos ou quadrinhos com jornalismos* (RAMOS, 2016), reflete às inúmeras possibilidades que os quadrinhos oferecem, particularmente ao jornalismo, para discursivizar o real. É importante dizer que o pesquisador brasileiro, especialista em HQs, destacam que a apropriação da linguagem quadrinística associada ao jornalismo se dá de diferentes maneiras, ou seja, ao dizer que associação entre jornalismo e quadrinhos é algo constante na atualidade, é necessário considerar que tal associação pode ser feita e observada por diferentes ângulos, a saber, *jornalismo em quadrinhos, jornalismo com quadrinhos, jornalismo sobre quadrinhos e quadrinhos com jornalismo*⁸³, distinção essa indispensável, uma vez que implica em coisas diferentes e, por conseguinte, funcionamentos diferentes do enquadramento da realidade.

O estudo realizado pelo pesquisador brasileiro foi importante para a leitura do funcionamento do *corpus*, pois o gesto de apropriação da linguagem das HQs pelo site *Uol* nos dá pistas de se tratar de *jornalismo com quadrinhos*, especialmente pelo uso de imagens, dos quadrinhos e dos balões de fala (esse último traço distintivo e uma das características dos quadrinhos desde o século XIX, funcionando como representação da fala e sendo responsável também para prosseguir a narração) para apresentar a fala e/ou declarações polêmicas dos agentes que participaram do julgamento do *Mensalão*, questões essas que serão problematizadas no decorrer das análises

⁸² (RAMOS, 2016).

⁸³ Jornalismo em quadrinhos (apropriação dos afazeres (gêneros) do jornalismo pela linguagem dos quadrinhos); Jornalismo com quadrinhos (uso da linguagem quadrinística para fazer jornalismo); Jornalismo sobre quadrinhos (prática de quem se dedica a noticiar e resenhar a área das HQs) e quadrinhos com jornalismo (as histórias em quadrinhos se apropriam dos cenários, contextos históricos para fazer uma história ficcional delas) (RAMOS, 2016, 196-227).

4.2 Considerações sobre o corpus

O *corpus* que constitui o arquivo é composto por uma materialidade constituída por 405 quadrinhos, disponível no ecossistema digital da UOL. Os quadrinhos procuram representar o acontecimento por meio de uma narrativa sequencial que funcionam como moldura do real. As HQs formam uma sequência que procura captar as (re) ações e emoções dos ministros no ato de enunciação, dando a ideia de movimento pelas fotografias pelo percurso do olhar que capta a ação da/na narrativa através das imagens. É mister considerar que, embora os quadrinhos estejam distribuídos sequencialmente, cada imagem fixa representada é um momento da ação, constitui, portanto, uma única narrativa, logo, um ato de enunciação, como se observa a seguir

Figura 20

Texto no balão de fala: Para os que estão acompanhando o julgamento, as emoções devem estar sendo intensas



Texto na legenda: As emoções devem estar sendo intensas, afirmou o ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Marco Aurélio Mello em sessão, nesta quinta-feira (12) sobre a análise dos embargos infringentes dos condenados da ação penal 470, conhecida como mensalão.

No universo de 405 enunciações aforizantes, produzidos pelo site UOL, selecionamos cinco pequenas frases do período do julgamento do *Mensalão*. A escolha pelo enunciados, seguiram os seguintes critérios: i) duas pequenas frases do relator do processo, o ministro e presidente do STF, Joaquim Barbosa, ii) uma pequena frase da

ministra Cármem Lúcia, iii) tuma pequena frase do revisor do processo, Ricardo Lewandowski, iv) uma pequena frase que evidenciasse que a cenografia HQs e constituída por uma formação discursiva plurifocal.

Podemos observar na materialidade mobilizada enunciados multimodas, particularmente a imagem do rosto dos aforizadores que é muito explorado nas mídias contemporâneas. A esse respeito, Maingueneau (2014) afirma que é muito frequente essa associação entre aforizações e rostos, pois este possui as seguintes propriedades: 1. é a única parte do corpo que, de maneira superficial, permite identificar um indivíduo como distinto dos outros; 2. é, no imaginário profundo, a sede do pensamento e de valores transcendentais; 3. é nele que se encontra a boca, fonte da fala e, portanto das aforizações. Assim, a imagem do rosto também sofre um processo de destacamento, pois ao recortar o contexto (a cena) em que fora produzida a aforização, o aforizador se coloca num lugar de dizer que está além dos alocutários.

É pertinente ressaltar que nas propostas maingueneanas, as aforizações se restringem a enunciados verbais. No entanto, em “Enunciação aforizante imagética”, Baronas (2013), apresenta um deslocamento na teoria da *frase sem texto*. Segundo o autor, diferentemente de Maingueneau, os objetos multissemiótico também passam por um processo de destacamento.

4.2.1 A acontecimentalização do Nome de Memória em pequenas frases

A cenografia do *corpus* nos mostra funcionamentos distintos dos enunciados selecionados, nas duas apresentações em *glosas implícitas* presentes no discurso dos ministros e transformadas em pequenas frases, quando do processo de apropriação do discurso *Outro*, realizado pelos jornalistas, colaboram com a tese de que as pequenas frases são portadoras de valor ilocutório⁸⁴.

Deste modo, queremos enunciar que o processo de construção da fala dos ministros do STF em pequenas frases e apresentadas em cenografia HQs, por meio de citação em discurso direto (verificadas nos balões de fala e na (re)produção dessa fala nas legendas) produzem dois acontecimentos enunciativos da fala citada pelo discurso citante, isto é, a presença das pequenas frases é reafirmada em dois momentos na

⁸⁴ Um “ato de linguagem” (termo que é traduzido de “*speech act*”, e que às vezes encontra-se sob o nome de “*acte de parole*”) é uma ação realizada por meios linguageiros. São assim, atos de linguagem suscetíveis de serem realizados pelos/por enunciados: afirmação, requerimento, saudação, acusação, censura, confissão, objeção, insulto, blasfêmia (KRIEG-PLANQUE, 2012).

cenografia, revelando assim o valor acontecimental dos enunciados breves e dando a ler indícios de apelos aos pré-discursos, quando da transformação da enunciação dos ministros em pequenas frases. Esse gesto, de destacamento de um fragmento e o apagamento de outros elementos da fala dos ministros, no nosso entender, impõe uma indagação de ordem moral a esses enunciados.

É possível observar nos dois atos de linguagem os dois sujeitos da enunciação: os aforizadores (os ministros do STF- instância enunciativa instituída pelo dispositivo midiático) e a instância midiática (o site Uol), *responsável* pela construção da cenografia escolhida para contar o acontecimento, o que evidencia o caráter constitutivamente heterogêneo do discurso

Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos outros discursos” e pelo “discurso do Outro”. O *outro* não é um *objeto* (exterior, *do qual* se fala), mas uma *condição* (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69).

As duas enunciações presentes e colocadas em dois momentos diferentes na cenografia quadrinística (nos balões, em forma de discurso direto, e nas legendas, em discurso indireto) e a presença de dois elementos característicos das HQs (imagem/foto e balão de fala), como já colocado, sinalizam para a apropriação do discurso citado (a fala dos ministros) para traduzi-lo e circunscrevê-lo ao discurso do Um (do site *Uol*). Nesse movimento, as falas dos ministros quando destacadas e transformadas em pequenas frases constroem um simulacro do acontecimento *Mensalão* a partir do enquadramento interpretativo feito pelo site, engendrando nesse gesto produções languageiras que possibilitam formulações éticas a esses enunciados. A partir do que foi anunciado, tomaremos as pequenas frases do período do julgamento do *Mensalão* pelo STF. Compreendemos que o funcionamento dos dispositivos tecnodiscursivos contemporâneos contribuem para a proliferação de avaliações morais dos enunciados sobre o acontecimento, bem como a escolha de uma parte da enunciação e a exclusão de outras, próprio do rito jornalístico, implica uma virtude do agente ao acionar a memória coletiva do acontecimento e enquadrá-lo na dinâmica da tecnologia discursiva, pequena frase.

Procuramos apontar nesses enunciados destacados outro tipo de enquadramento, o enquadramento interpretativo, conforme os postulados de Maingueneau (2014). Colocamos outro, porque entendemos que a própria escolha da cenografia HQs para apresentar o acontecimento, já produz percursos de leitura sobre o acontecimento

Mensalão e instala um contínuo do *Nome de Memória*, pela própria composição multimodal que a trama discursiva mobiliza na valsa metadiscursiva.



Figura 21

Texto no Balão de fala: Justiça que tarda não é justiça

Texto na Legenda: 21/08/2013 Em sua fala de abertura da sessão desta quarta-feira (21) do julgamento dos recursos declaratórios da Ação Penal 470, conhecida como mensalão, o presidente do STF (Supremo Tribunal Federal) Joaquim Barbosa, afirmou “justiça que tarda não é justiça”.

O texto no balão de fala “*Justiça que tarda não é justiça*”, uma transformação do provérbio “*A justiça tarda, mas não falha*”, pode ser lido como uma enunciação em discurso direto (DD). Na HQ o sinal tipográfico das aspas é substituído pelo recurso do balão. O DD como ressalta Authier-Revuz (1998) é muito mais complexo do que comumente é problematizado, pois não é nem *objetivo* e nem *fiel*, pois na sua reprodução não é possível reconstituir o ato de enunciação, e sim simular a fala citada. Assim, ao utilizar o recurso do balão como se ali estivesse a fala dos ministros essa menção/citação do discurso do Outro sofre coerções do discurso citante e isso se efetiva especialmente pelo uso do balão que funciona como aspas.

Authier-Revuz, sobre o sinal tipográfico das aspas se insere no quadro maior das suas reflexões, a das “não-coincidências do dizer”, revelando o quanto essa marca tipográfica se reveste de sentidos.

As aspas enquanto modalização autonímica inserida na enunciação sem romper o percurso do dizer funciona como um “corpo estranho”, que surge no fio do discurso e é enquadrado pelo enunciador com o sinal tipográfico, assinalando que a presença do exterior discursivo, o Outro, precisa ser mantido no discurso citante, mas mantido sob permanente vigilância. Neste sentido, o encontro com o discurso Outro e seu desdobramento enunciativo, marcado pelo sinal tipográfico é duplamente presente no *corpus*, nos balões de fala e nas legendas

Nas duas enunciações, o sinal metalinguístico funciona como uma censura das interpretações outras que possam ser produzidas pelos interlocutores, principalmente pelo uso da legenda, recurso mais raro nas HQs. A função da legenda nas narrativas quadrinísticas é a de dar voz ao narrador da história (site *Uol*) que se apresenta pela modalização autonímica no uso das aspas e também no comentário que se desdobra explicitamente pelo emprego do discurso indireto.

A História só existe quando ela é narrada, quando existe alguém que conte alguma coisa para outra pessoa. Nas histórias em imagens, no cinema e nos quadrinhos, ele pouco aparece, porque nesses casos não há uma narração propriamente dita, mas uma re-presentação do fato real ou fictício que é apresentado, de novo, ao espectador. Nas legendas, ele aparece exercendo suas funções de fixação de ligação entre os elementos da imagem para atingir um significado (CAGNI, 2014, p. 157).

Na pequena frase: “Justiça que tarda não é justiça”, proferida por Joaquim Barbosa em razão de uma discussão acalorada com os colegas ministros devido à delonga no julgamento dos réus, rememora um *já-dito*, um *Thesaurus* cultural da comunidade empregado aqui com valor disfórico sobre a justiça ao ser transformado, pois a lexia cristalizada do provérbio latino “*Tandem obtinet iustitia*” (A justiça tarda, mas não falha), é partilhada e interpretada como verdade pela comunidade com valor eufórico, de que a justiça demora a acontecer, mas ela sempre acontece.

Recorrendo ao enquadramento, a pequena frase se inscreve em um *regime memorial sapiencial moralista*, apresenta uma verdade partilhada, embora transformada, a pequena frase retoma um conhecimento partilhado pela comunidade que garante assim a comunhão do aforizador e a comunidade, validando assim a enunciação, da mesma maneira projetando ao julgamento o seu caráter de ajustamento e à ordem coletiva.

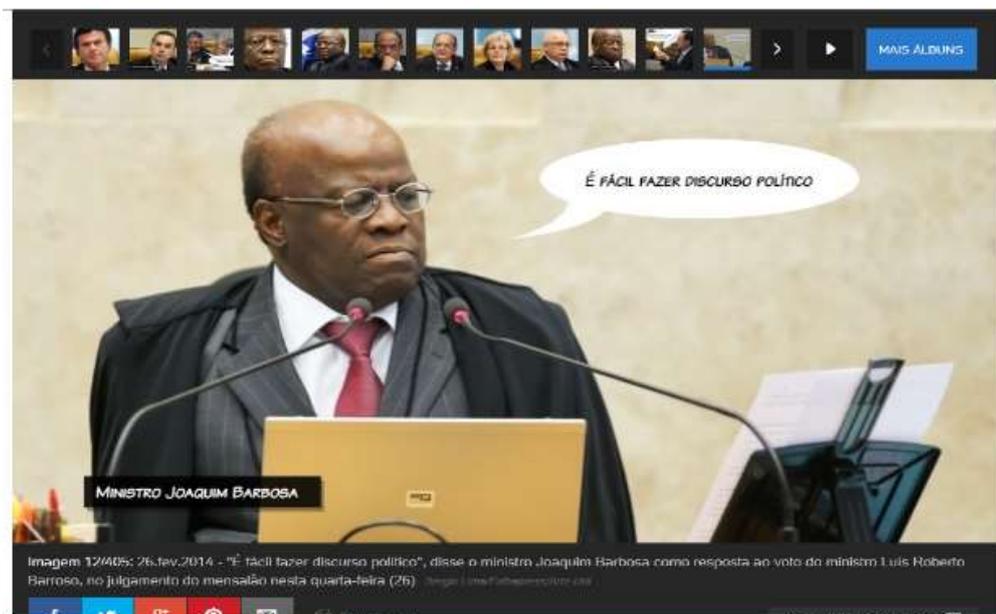


Figura 22

Texto no balão de fala: É fácil fazer discurso político.

Texto na Legenda: “É fácil fazer discurso político”, disse o ministro Joaquim Barbosa como resposta ao voto do ministro Luis Roberto Barroso, no julgamento do mensalão nesta quarta-feira.

Em: “É fácil fazer discurso político”, as condições de produção da emergência do enunciado proferido pelo relator do processo do *Mensalão* no STF, Joaquim Barbosa, se deu a partir do voto do ministro Luís Roberto Barroso, em que vota pela absolvição dos acusados de formação de quadrilha. Barbosa acusa o colega de acompanhar os votos de outros ministros, o que segundo o relator fora uma “fórmula pronta”, ou seja, os votos já eram conhecidos entre os ministros, o que se configura nas palavras do Presidente do Supremo em “agir politicamente e não tecnicamente!”. Em resposta, Barroso afirma que o STF é “o espaço das razões públicas e não das paixões inflamadas”.

Nesse evento instaura-se na sessão a polêmica, algo que fora noticiado de maneira emblemática pela mídia. Para Leite, em: “A outra história do mensalão: as contradições de um julgamento político”, teria sido o mais midiático julgamento da história brasileira e, possivelmente, de todo o mundo, no qual juízes foram vigiados pelo acompanhamento diário, em tempo real, de todos os seus atos, uma verdadeira sociedade do espetáculo, no qual os atores principais, os juízes, se degladiaram, se agrediram, se irritaram, como num reality show.

Recorrendo ao enquadramento interpretativo proposto por Maingueneau, a aforização “É fácil fazer discurso político” participa de um regime de atualidade, isto é,

ela pode ser apreendida e interpretada no interior do interdiscurso que a alimenta em lugar e tempo determinado. Neste sentido, uma das possibilidades de interpretação da pequena frase em questão é que até mesmo no espaço que se diz legitimado e ético do país, o STF, a política recebe um tom negativo, algo que pode ser vislumbrado no atual quadro político brasileiro. Há assim, na aforização uma dimensão informacional, pois apresenta um propósito político, mas, acima de tudo, a pequena frase dá a ler uma dimensão testemunhal, haja vista que denota uma convicção, uma experiência, valores morais, colocados em discurso pelo aforizador Joaquim Barbosa.



Figura 23

Texto no balão de fala 306: Estava às claras pra esconder.

Texto na legenda: “Estava às claras para esconder”, ironiza a ministra Cármen Lúcia ao comentar que o saque do réu João Paulo Cunha teria sido feito “às claras”.

“Estava às claras para esconder”, pequena frase atribuída à ministra Cármen Lúcia, tem como emergência o julgamento do acusado de lavagem de dinheiro, o ex-deputado João Paulo Cunha. A ministra votou pela condenação do ex-deputado e contestou a tese da defesa que argumentou que se o repasse fosse ilegal não mandaria a própria esposa fazer o saque na quantia de 50 mil reais, argumento segundo Cármen Lúcia irônico, pois o deputado apostava na certeza da impunidade e que nada ia ser descoberto.

A aforização em questão rememora o provérbio “O pior cego é aquele que não quer ver”, empregado em relação às pessoas que não querem enxergar o que está aos olhos de todos. O enquadramento interpretativo que se manifesta na aforização se inscreve no regime memorial no enquadre histórico *sapiencial moralista*, dado que a aforização enuncia julgamento atribuído à sabedoria das nações “O pior cego é aquele que não quer ver”. Mesmo não sendo textualizado o provérbio, ao ler a pequena frase ele se atualiza.



Figura 24

Texto no balão de fala: O sentido leigo da palavra quadrilha (...) não pode se impor sobre esta corte.

Texto na legenda: “O sentido leigo da palavra quadrilha (...) não pode se impor sobre esta Corte”, disse o ministro Lewandowski, que crê que houve falta de clareza na denúncia da Procuradoria Geral da República ao imputar o crime de formação de quadrilha aos 13 réus.

A pequena frase: “O sentido leigo da palavra quadrilha (...) não pode se impor sobre esta corte”, atribuída a Ricardo Lewandowski se deu quando este votou pela absolvição de treze integrantes do PT acusados de formação de quadrilha. A tese defendida pelo revisor foi que não houve prova sobre a prática de quadrilha, e sim que as provas, no seu entendimento, se configuraram em regime de coautoria nos crimes e não uma associação para praticá-los. Observa-se aqui (i) uma disputa análise sobre a palavra “quadrilha” e não sobre o crime em sí; e (ii) ainda uma afirmação do lugar autorizado do

STF, lugar legitimado e “guardião” das morais e dos bons costumes, portanto, lugar da inexistência do equívoco e das falácias.

A pequena frase nos remete a uma memória de práticas que se presentificam no ambiente, a de conceber a língua na sua literalidade e não na sua opacidade, e de pessoas que podem dizer o que dizem e como dizem, se colocando no lugar de preservar a língua de deslizos, algo que lhe é constitutivo. O enquadre interpretativo memorial a que aforização se insere é a do regime *sapiencial hermenêutico*, o que apresenta uma visão de mundo do aforizador enquanto sábio, bem como a de um homem portador de valores ajustados ao ambiente, o de homem honrado.



Figura 25

Texto no balão de fala 22: Para ser preso no Brasil é preciso ser muito pobre e muito mal defendido.

Texto na legenda: “Para ser preso no Brasil é preciso ser muito pobre e muito mal defendido”, disse o ministro Luís Roberto Barroso sobre os réus do mensalão.

E em: “Para ser preso no Brasil é preciso ser muito pobre e muito mal defendido”, pequena frase atribuída ao ministro Luís Roberto Barroso se inscreve em uma memória cognitiva discursiva partilhada no ambiente brasileiro, a de que no Brasil os crimes de “colarinho branco” sempre terminam em “pizza”, enquanto crimes considerados “menores” como “roubo de galinhas”, em que pessoas roubam para suprir necessidades

básicas, como por exemplo alimentar-se, esses são levados a adiante de forma aligeirada e sem garantias legais de direito.

O enquadre em que a frase pode ser lida é o acional, uma vez que o aforizador é alguém que tem o poder de mudar uma realidade através daquilo que enuncia, bem como discutir e refletir sobre problemas emblemáticos do país.

No conjunto dessas cinco pequenas frases, é possível visualizar o confronto de posicionamentos no interior de uma mesma Formação Discursiva (FD), uma pluralidade de pontos de vista sobre um mesmo acontecimento/tema-chave, o que podemos contrapor com os dizeres de Maingueneau, quando este coloca que ao levar em conta um conjunto de textos publicados em um único jornal ou site entre tal ou tal data, não podemos falar em FD, devido à estabilização do corpus (pelas práticas dos jornalistas, pelo gênero do discurso, por um posicionamento).

Com isso, retomamos Maingueneau, quando coloca que em AD os trabalhos que evidenciam formações discursivas plurifocais será sempre um fenômeno marginal, para arriscar lançar como hipótese que o *corpora* da pesquisa, a partir de um tema-chave, não está regido por um único foco e sim por uma pluralidade de pontos de vista, pela polêmica instaurada na própria cenografia.

Nas pequenas frases selecionadas, há ainda a associação entre o aforizador e sua aforização, o que de acordo com Maingueneau (2014) é mais que um pensamento, é um tipo de emblema que participa da personalidade profunda do locutor, como se fosse uma tatuagem inscrita no corpo, ao mesmo tempo parte e expressão da pessoa.

As imagens (fotos) dos rostos dos aforizadores: (i) legitimam/autenticam as aforizações e (ii) a foto do rosto também é produto de um recorte, de um destacamento. Ao eliminar o contexto a enunciação aforizante institui uma cena de fala onde não há interação entre dois protagonistas colocados num mesmo plano, dito de outra maneira, o aforizador assume um *ethos* de um indivíduo que está no alto, em contato com uma Fonte transcendente, que enuncia uma verdade incontestável e que não necessita de negociação/interação, o aforizador se dirige a um público universal, o que podemos observar nos excertos analisados, quando os aforizadores através do olhar se dirigem a um público universal, daí dizer que a enunciação aforizante é monológica.

As análises nos mostram que a circulação das aforizações por meio das pequenas frases sobre o *Nome de Memória Mensalão*, apreendido como um acontecimento discursivo moral, podem ser apreendidas a partir das elaborações de Maingueneau sobre o conceito de enquadramento interpretativo, proposta pertinente para pensar como são produzidas pelas mídias contemporâneas interpretações por meio do recorte dos textos e, mais ainda, considerar o destacamento em pequenas frases como uma tecnologia discursiva interessante para apreensão da dimensão moral dos enunciados nos ambientes situados.

4.3 A Valsa semântica do NOME DE MEMÓRIA

Admitimos no conjunto das formulações pontuadas, que *Mensalão* é um *Nome de Memória*, e como tal, sua natureza pré-discursiva funciona como um agente de transmissão (tecnologia discursiva) de quadros pré-discursivos coletivos (saberes, práticas, valores) situados no ambiente, e dado ao acento emocional desse acontecimento, percebido como emocionante nele mesmo, bem como a pregnância na memória coletiva brasileira instaura um preconceito coletivo no interior da palavra,

Numerosos acontecimentos discursivos com dimensão moral em torno dos nomes próprios confirmam amplamente essa análise: inscrições de nomes recusados ou desejados, recompensas nominais aceitas ou rejeitadas, estigmatizações em nome dos nomes. Existe realmente uma “força” do nome próprio que está ligada a seu particularíssimo estatuto, tanto no sistema linguístico quanto no funcionamento da memória discursiva (PAVEAU, 2015, p. 260).

À vista disso, a leitura do *Nome de Memória* nos coloca questões de ordens complexas pelos caminhos inimagináveis percorridos por ele nas tessituras do discurso. Por ser um lugar forte, no qual se entrecruzam sentido, memória e emoção, o *Np* oscila numa tensão paradoxal entre a estabilidade e o equívoco, e nesse espaço do inatingível, da não-totalidade e da complexidade⁸⁵ observamos as ocorrências do *Nome de Memória*

⁸⁵ O pensamento complexo também é animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento [...]O que é a complexidade? A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza... Por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos rechaçando a desordem, afastar o incerto, isto é, selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisar, clarificar, distinguir, hierarquizar... Mas tais operações, necessárias à inteligibilidade, correm o risco de provocar a cegueira, se elas eliminam os outros aspectos do *complexus*; e efetivamente, como eu o indiquei, elas nos deixaram cegos (MORIN, 2006).

a fim de evidenciar o seu caráter polireferencial na valsa semântica dos discursos ordinários.

Dessa maneira, a partir de alguns recortes, apresentamos o comportamento da linguagem em torno do *Nome de Memória Mensalão* em dispositivos tecnodiscursivos contemporâneos e nesse movimento ininterrupto e abusivo do nome notamos uma “reatividade moral” (Paveau, 2015), uma vez que esse acontecimento discursivo moral é reforçado constantemente no ambiente discursivo por meio de argumentos emocionais que jogam com a virtude discursiva do nome, como se verifica nos enunciados a seguir:

Mensalão, como se certifica, tornou-se ator central na vida pública brasileira. A folhetinização do acontecimento é lugar para o partilhamento das vozes dos agentes, lugar para “o homem que fala” (Pêcheux *apud* Paveau, 2015, p. 34). Nesse frenesi de vozes que se misturam, o qual se dá menos importância para a definição e compreensão do que foi e do que está sendo o evento, o lugar de fala agora é condição de existência, portanto, comentar e emitir juízo de valor a respeito do acontecimento está na ordem discursiva do ambiente.

Logo, *Mensalão* figura na seara discursiva dos circuitos comunicacionais como uma espécie de “tatuagem”, funcionando de igual modo como uma categoria da narrativa jornalística de falar com todos. O *Np* comporta-se por fim, como um *biografema* que estrutura a memória da política nacional, bem como institui um estereótipo em torno da palavra legitimando sobremodo o discurso do medo alojado no Brasil, cujos picos de retomadas do acontecimento se acentuam em momentos de uma possível projeção de determinado grupo ou projeto de governo.

Diante desse conjunto de dados do ambiente (de ordem social, político, histórico, estético, biológico, cultural, emocional e ético) apontados por Paveau (2015, p. 356), Plantin (2011) afirma que um ato de linguagem que desperta uma (re) ação (*affordance*) coletiva moral dos agentes e o *Nome de Memória* um agente de transmissão forte de valores, manifestado em ritualizações pulverizadas na contemporaneidade por meio de enunciados multissemióticos, funciona como palavra de ordem nos arranjos argumentativos emocionais em uma prática de linguagem situada.

5 PRODUZINDO UM EFEITO DE FIM: QUANDO AS EMOÇÕES SE TORNAM REAIS NOS METADISCURSOS MORAIS SOBRE O *MENSALÃO*⁸⁶

Gostaria de iniciar a minha fala retomando as sábias palavras de Michel Foucault, na aula inaugural no *Collège de France* intitulada *A ordem do discurso* em dezembro de 1970 e, a partir da leitura que faço, me inscrever na ordem arriscada do ritual de conclusão do trabalho nomeado “O Nome de Memória Mensalão: um acontecimento discursivo moral entre a transparência e a opacidade de sentidos na valsa dos metadiscursos”, tese ora apresentada, como requisito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de doutoramento.

Dito isso, peço licença aos presentes nesse ritual para me aventurar na ordem arriscada do discurso e no mesmo movimento inserir a (des)ordem que o ato de contar-me produz e, nesse gesto de escrita, tomado como inscrição e fazer existir publicamente (Artières, 1998 *apud* Rago, 2013) o discurso aqui proferido sobre o *Mensalão* produzirá efeitos não delineados, o que é da ordem do funcionamento da linguagem e da *affordance* entre agente e objeto, relação essa que instala um lugar de fala que na atual conjuntura do ambiente da ciência brasileira se mostra perigosa,

O desejo diz: Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso, não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem a minha expectativa, e, de onde as verdades se elevassem, uma a uma, eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz. E a instituição responde: Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis, que há muito tempo se cuida da sua aparição, que lhe foi preparado um lugar que o honra, mas o desarma, e que se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que lhe advém (FOUCAULT, 1996, p. 07).

Nesse movimento de escrita, manifestado pela escolha da cenografia que toma a acentuação como *princípio vivificante da fala*, como diria Henri Weil (1844) em *Da ordem das palavras nas línguas antigas comparadas às línguas modernas: questão de gramática geral*, a narrativa aqui feita de caráter performativo, mistura a minha vida e a ação que estabeleço com o ambiente cognitivo discursivo brasileiro. Desse modo, o sopro de vida marcado pela nuance da acentuação (efeito discursivo) feita do acontecimento discursivo moral *Mensalão* busca construir um movimento recortado do olhar da mesma

⁸⁶ Empresto título em francês das discussões empreendidas por Marie-Anne Paveau, em 18/04/2019 em razão do acontecimento Notre Dame, nomeado Uma catedral em chamas e o nós torna-se nacional.

paisagem já discursivizada em diferentes mirantes teóricas, embora sempre de maneira diferente, e salientar o efeito produzido de dramatização e de intensificação do evento atestado em enunciados marcados por avaliações morais.

As reflexões desenvolvidas implicam sobremaneira um lugar teórico-metodológico fundado na incompletude da língua e do sujeito. Portanto, pelo investimento analítico discursivo, no batimento constante entre descrição e interpretação da materialidade significativa, é possível analisar os movimentos parafrásticos e polissêmicos do laminado memorial da tecnologia discursiva do *Nome Próprio Mensalão* inoculado por questões de ordem moral e por que não dizer de uma emoção imposta?

Nessa direção, me inscrevo no viés da Análise do Discurso (AD) para olhar o objeto, com o objetivo de compreender o funcionamento da linguagem nos meandros dos comentários e reações morais, cujo o sentimentalismo memorial a propósito do acontecimento é reforçado no exercício das reformulações parafrásticas definindo sentidos que dão visibilidade no processo discursivo através das regularidades a apelos memoriais reforçados insistentemente pelos dispositivos tecnodiscursivos o sentimento de terror nacional envolvendo-nos, numa norma da imagem estereotipada da política em terras tupiniquins.

Ao trabalhar com o dispositivo teórico-metodológico da AD para analisar o processo de nomeação do acontecimento político em ambiente brasileiro, assumi no conjunto do trabalho as reflexões de Platin (2013) quanto a emoção como construto argumentativo, Maingueneau (2008, 2010, 2016) a respeito dos conceitos de enunciação aforizante e cenas de enunciação, Krieg-Planque (2010, 2012, 2014) sobre pequenas frases num viés da comunicação e as proposições de Marie-Anne Paveau (2008, 2009, 2013, 2015) quanto ao modo de significar o *Nome Próprio* no quadro de uma linguística simétrica, definida como,

valendo-se das propostas da cognição social, repensar o velho contexto em termos de ambiente cognitivo implica localizar a linguagem em outros lugares que não apenas na competência interna de um indivíduo. Significa descrever o âmbito da linguagem com outros instrumentos não linguísticos, visto que, a meu ver, esse âmbito não é definível de maneira homogênea (linguagem, nada mais que linguagem), mas constitui um compósito heterogêneo (na linguagem, há social, cultural, histórico, ético, mas também técnico, objetual e até animal etc.), em que constitui é entendido no sentido de “contribui para” (PAVEAU, 2015, p. 53).

Voltei-me para a perspectiva de uma linguística simétrica pelo fato de não ser uma linguística das marcas na língua, mas pelo fato de tomar como fundamento a reflexão da língua e do discurso integrados num processo global de sentido distribuídos e ajustados aos valores vigentes no ambiente. Com efeito, a interpretação dos enunciados se dá no uso da linguagem no *continuum* da realidade do ambiente que perfaz e constitui a memória discursiva das sociedades, assim “os ambientes fazem os discursos tanto quanto os discursos fazem os ambientes” (PAVEAU, 2015, p. 57).

Dessa maneira, a ampliação do campo teórico da linguística em sua dimensão discursiva cognitiva, como afirma Paveau (2013, 2015), possibilita integrar a questão moral no programa disciplinar, pois as explicações do funcionamento da língua e dos discursos ao considerar o conjunto do ambiente (interno e externo) e, por conseguinte, a heterogeneidade das materialidades disponíveis mostram-se basilares para analisar o funcionamento da atribuição da dimensão moral aos discursos e perguntar: como ela se manifesta, como os sujeitos a usam e como os linguistas podem explicá-las, não incorrendo em risco de fazê-la por meio de posições normativas, mas fazê-la a partir do momento que ela já está lá instalada nos discursos e nos metadiscursos por intermédio dos acontecimentos discursivos morais.

Em vista disso, considerar a linguística numa perspectiva simétrica implica (i) substituir as heranças cartesianas (o rosário dos dualismos), (ii) adotar o realismo em sua dimensão externalista (relações causais entre agente e ambiente) e (iii) considerar o pragmatismo (não existe separação entre discurso e ação).

Para o desdobramento das reflexões em torno da questão da nomeação dos acontecimentos políticos brasileiros a partir do conceito de *Nome de Memória*, nosso objetivo ao longo do trabalho foi propor uma abordagem contributiva para um objeto que se apresenta complexo, revestido de questões memoriais atestada na construção política discursiva do evento e formulada na valsa semântica dos enunciados morais produzidos pelos agentes.

Ao trabalhar o processo de nomeação, um fenômeno linguístico se destaca na prática dos agentes jornalistas no processo de nomeação dos acontecimentos políticos brasileiros e isso nos chamou a atenção no percurso do trabalho, a saber, o uso e abuso feito da tecnologia discursiva (ferramenta linguística, releitura dos trabalhos de Aurox, 1998) *ão*. Aventurei assim como hipótese que a dimensão ética concentrada no *Nome*

Próprio, Nome de Memória Mensalão, advém também da apropriação constante do afixo -ão, item morfológico que se tornou pregnante nos quadros pré-discursivos distribuídos no ambiente e do qual a memória interdiscursiva midiática (MOIRAND, 2007, 2013) multiplica excessivamente, produzindo um sentimento de emoção coletiva vislumbrado em movimentos parafrásticos movimentado em diferentes cenografias, como evidenciado ao longo do trabalho.

Desde o aparecimento do enunciado *Mensalão* em setembro de 2004, em reportagem de Paulo Lyra no Jornal do Brasil, o acontecimento discursivo entrou na ordem do dia dos dispositivos tecnodiscursivos e nas viagens do praxema os deslizamentos de sentido apontam para o movimento do acontecimento discursivo moral e principalmente para o papel da memória, esta compreendida, nesta discussão como um agente ativo na produção e elaboração de quadros pré-discursivos coletivos (práticas, crenças, saberes). A força do *Nome de Memória*, portanto, institui um estado de crise permanente e sem proporções, reforçado por dizeres como, *maior escândalo da história republicana, escândalos morais, maior organização criminosa, queda da república, compra de voto, incredulidade política etc.*, leituras que sinalizam afetos e emoções coletivas em que uma ética da virtude sobre o nome se coloca.

É nessa rede discursiva moral do laminado memorial *Mensalão* que o percurso do olhar sobre o acontecimento se deu, sinalizando em cada capítulo à dimensão ética do nome e à dimensão argumentativa emocional nas narrativas do acontecimento.

Dito isso, o trabalho fora organizado em quatro capítulos, os quais procuram responder às complexidades no movimento de leitura do *Nome de Memória Mensalão*, um lugar discursivo forte no ambiente brasileiro e totalmente inoculado por questões de ordem moral.

Assim, no primeiro capítulo, buscamos responder acerca da emergência do *Nome de Memória* em diferentes dispositivos tecnodiscursivos. No segundo, perquirimos a transformação midiática do *Mensalão* em pequena frase política. Na sequência, no terceiro, discutimos sobre o apelo à memória tecnológica discursiva engendrada pelo afixo “ão”. No quarto é último, discutimos, por um lado, a possibilidade de se pensar as pequenas frases enquanto uma tecnologia discursiva e, por outro, o papel dessas tecnologias discursivas enquanto a edificadora do acontecimento discursivo moral

Mensalão. Na conclusão, procuramos retomar os pontos discutidos ao longo dos capítulos que constituem o nosso trabalho.

A dinâmica instalada no trajeto de escrita do trabalho entrecruzou o processo descritivo-analítico do acontecimento discursivo moral *Mensalão*, analisando nesse alvoroço de vozes, a tomada da palavra pelo investimento do corpo do sujeito, desse “homem que fala” a avaliação moral desencadeada no processo de uso e abuso do *Nome de Memória* pelos dispositivos tecnodiscursivos.

Enfatizo, à guisa de conclusão, que em minha escrita, coloquei em cena narrativas de outras vidas, de outros corpos espalhados pela/na cidade e, no mesmo movimento, entrecruzei o meu corpo pelo gesto de escrita, e constitui simultaneamente nesse nó discursivo, uma escrita sobre mim no espaço analítico do acontecimento discursivo moral. Logo, uma escrita fundada na incompletude e do *status quo* do que compreendo o *Nome de Memória Mensalão*.

À vista disso, nessa mistura de vozes e de lugares contributivos que se alternam, concebo a cena política contemporânea, como lugar indispensável para a reinvenção permanente de uma escrita de sujeitos na relação com os objetos, um corpo abrindo-se aos saberes e por que não às sensibilidades e emoções do acontecimento discursivo moral *Mensalão*?

E neste sentido, recupero as palavras importantes e generosas do professor Dominique Maingueneau, em primeira reunião de orientação no período do estágio de doutoramento, as quais possibilitaram olhar para o funcionamento discursivo do *Nome de Memória Mensalão* em sua polivalência semântica e acima de tudo como uma instância alimentada de narrativas contraditórias, eivadas de paixões

[...]. Por que até hoje vocês brasileiros cultuam o termo Mensalão, este como definidor da identidade política brasileira de um país corrupto [...]. Insistem em dizer que são um país corrupto, tal como na França. Mensalão não é isso que chamam de maior escândalo [...] existem outros muito maiores [...]. Há um preconceito sobre o evento.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Gleice Antonia Moraes de; CONTI, Tamires Cristina Bonani. Enunciação aforizante performativa? Anotações de leitura sobre uma pequena frase em política. In: BARONAS, Roberto Leiser; LIMA, Rilmara Rôsy; ALCÂNTARA, Gleice Antonia Moraes de; Hélio Oliveira (Org.). **Pequenas frases na política brasileira, francesa, anglo-saxônica**: abordagens discursivas. Campinas: Pontes Editores, 2016. p.191-207.
- ALI, Manuel Said. **Gramática Secundária de Língua Portuguesa**: 2ª melhorada e argumentada de Lexeologia e formação de palavras e syntaxe do português histórico. (1º prêmio Francisco Alves de 1921 e 1927). Editora Proprietária Comp. São Paulo: Melhoramentos/ Rio de Janeiro: Cayeiras.
- AMOSSY, Ruth. **Argumentation et Analyse du discours** : perspectives théoriques et découpages disciplinaires. [Internet] : 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/200>. DOI: 10.4000/ aad.200. Acesso em : 05 set. 2017.
- AMOSSY, Ruth ; KOREN, Roselyne. Argumentation et prise de position : pratiques discursives. [Internet] : 2004. **Revue Semen**, 2004, ed. 17. Disponível em: <https://journals.openedition.org/semen/557>. Acesso em: 10 set. 2019.
- AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas. **Imprensa/Mídia Alternativa**: Uma reflexão sobre o tema. In: V Congresso Nacional de História da Mídia, 31 maio a 02 de junho de 2007, São Paulo. **Anais...** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007>. Acesso em: 20 set. 2016.
- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução: Eni Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- AUROUX, Sylvain. **La raison, le langage et les normes**. Année : 1998, Pages : 344. Collection : Sciences modernités philosophies. Éditeur : Presses Universitaires de France (p. 3 - 14). Disponível em: https://www.cairn.info/numero.php?ID_REVUE=PUF_SMP&ID_NUMPUBLIE=PUF_AUROU_1998_01&USER=gmoaesalcantara@gmail.com. Acesso em: 01 ago. 2018.
- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Palavras mantidas a distância. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 217-237, 2004.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- BARONAS, Roberto Leiser. **Das razões para a publicação de um livro sobre pequenas frases em política**. In: BARONAS, Roberto Leiser; LIMA, Rilmara Rôsy; ALCÂNTARA, Gleice Antonia Moraes de; Hélio Oliveira (Org.). **Pequenas frases na**

política brasileira, francesa, anglo-saxônica: abordagens discursivas. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 07-11.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa:** Curso de 1 e 2 graus. 30. ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1986.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I.** Tradução de Maria da Glória Noak e Maria Luisa Neri: revisão do prof. Isaac Salum. 5. ed. Campinas: Pontes Editores.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In : ACHARD, Pierre et al (Org.). **Papel da memória.** Trad. José Horta Nunes, v. 3, p. 23-32, 1999. In: **Papel da Memória.** Pierre Achard [et al.] tradução e introdução: José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010. p. 23-33.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da análise do discurso no Brasil: um breve preâmbulo. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso:** uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p.13-22.

GRÁCIO, Rui Alexandre. Apologie de la polémique. Resenha da obra *Apologie de la polemique*, de Ruth Amossy (2014). [Internet] : 2014. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, 2014, ed. 07. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/504>. Acesso em: set. 2016.

GUILHAUMOU, Jacques. **Linguística e história:** percursos analíticos de acontecimentos discursivos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective.** Edição eletrônica da obra de Maurice Halbwachs, 1950. Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Halbwachs_maurice/memoire_collective/memoire_collective.html. Acesso em: jun. 2018.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **La formule en discours :** perspectives argumentatives et culturelles” (avec Ruth Amossy et Paola Paissa), dans la revue en ligne *Repères DoRiF*, n°5, novembre 2014. Introduction au numéro sur "La formule en discours", dossier coordonné par Ruth Amossy, Alice Krieg-Planque et Paola Paissa. Disponível em: http://www.dorif.it/ezone/ezone_articles.php?art_id=177. Acesso em : maio 2016.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **Analyser les discours institutionnels.** Paris: Armand Colin, 2012. ISBN :978-2200278625. 238 pages.

KRIEG-PLANQUE, Alice. Les “Petites Phrases” en Politique. **Communication & Langages.** Numéro 168, juin 2011. ISBN : 9782358760492.

KRIEG-PLANQUE, Alice. "**Les ‘petites phrases’** : un objet pour l’analyse des discours politiques et médiatiques". **Communication & Langages**, Paris, Editions Necplus, n°168, juin 2011, p. 23-41.

KRIEG-PLANQUE, Alice. "Fórmulas e “lugares discursivos”": propostas para a análise do discurso político. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana Salazar (Org.). **Fórmula discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados**. Tradução: Luciana Salazar Salgado. Set. 2011. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao16/>. Acesso em: 14 de Nov de 2014.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **A noção de “fórmula” em análise do discurso** – quadro teórico e metodológico. Tradução: Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

KRIEG-PLANQUE, Alice. "**A propos des ‘noms propres d’événement’**. Événementialisé et discursivité", dans Les Carnets du Cediscor, Paris, Presses de la Sorbonne nouvelle, ("Le nom propre en discours", Michelle Lecolle, Marie-Anne Paveau et Sandrine Reboul dir.), n°11, 2009, pp. 77-90. Disponível em: <https://cediscor.revues.org/759>. Acesso em: 20 de Jun de 2016.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 26. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1985.

MCCLLAM, David. **Les petites phrases et grands discours**. (Sur quelques problèmes de l’écoute du genre délibératif sous la Révolution française). *Mots. Les langages du politique*, 40, pp. 106-112. Disponível em : http://www.persee.fr/doc/mots_0243-6450_1994_num_40_1_1913. Acesso em : 08 jun. 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. De la République romaine à la République française : exemple historique et scénographie. **Argumentation et Analyse du Discours** [Online], 16 | 2016. Disponível em : <http://aad.revues.org/2102>. DOI : 10.4000/aad.2102. Acesso em : 16 jun. 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso: uma introdução**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Frases sem texto**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo : Parábola, 2014

MAINGUENEAU, Dominique. Sur une petite phrase de Nicolas Sarkozy: aphorisation et auctorialité. In : Les “Petites Phrases” em Politique. **Communication & Langages**. Número 168, junho 2011. p. 43-56.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. Tradução: Marcos Marcionílo. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. In: POSSENTI, Sírio; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez de (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

- MALDIDIER, Denise. **O discurso político e a guerra da Argélia**. In: Gestos de Leitura: da história no discurso. Eni Orlandi (Org.). Campinas: Editora da UNICAMP, 2014. p. 151-168.
- MASASA, K. **Commerce équitable** : Une formule au prisme d'une logique des valeurs. (In: La formule en discours : perspectives argumentatives et culturelles” (avec Ruth Amossy et Paola Paissa), dans la revue en ligne *Repères DoRiF*, n°5, novembre 2014. Introduction au numéro sur "La formule en discours", dossier coordonné par Ruth Amossy, Alice Krieg-Planque et Paola Paissa. Publication électronique : http://www.dorif.it/ezine/ezine_articles.php?art_id=177. Acesso em : 02 maio de 2016
- MOIRAND, Sophie ; REBOUL-TOURÉ, Sandrine. Nommer les événements à l'épreuve des mots et de la construction du discours. **Langue française**, 2015/4 (n° 188), p. 115-120. DOI 10.3917/lf.188.0105. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-langue-francaise-2015-4-page-105.htm>. Acesso em: 08 set. 2017.
- MOIRAND, Sophie. **Discours, mémoire et contextes**: à propôs du fonctionnement de l'allusion dans la presse. [Internet]. Disponível em : <https://journals.openedition.org/corela/1567>. Acesso em: 22 nov. 2017.
- MOIRAND, Sophie. **Les discours de l'apresse quotidienne** : observer, analyser, comprendre. Presses Universitaires, 2007.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. tradução do francês Eliane Lisboa. — Porto Alegre: Sulina, 2006. 120 p.
- MORTUREUX, M-F. **La néologie lexicale**. In: La lexicologie: entre langue et discours. Paris: Armand Colin, 2004, p. 137-147.
- NUNES, A. T. J. **A judicialização da política no Brasil**: os casos das comissões parlamentares de inquérito e da fidelidade partidária. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. – (Série temas de interesse do legislativo; n. 30).
- OLIVEIRA, L.A. & FERNANDES, A. B. **Espaço público, política e ação comunicativa a partir da concepção habermasiana**. In: Revista Estudos Filosóficos n° 6 /2011. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art8_rev6.pdf. Acesso em: 20 jun. 2016.
- OLIVEIRA, F. I. da S. & RODRIGUES, S. T. **Affordances**: a relação entre agente e ambiente. In: Ciências & Cognição, 2006; Vol. 09: 120-130. Disponível em: www.cienciasecogniao.org. Acesso em: 10 set. 2018.
- OLLIVIER-YANIV, C. **Petites phrases et éléments de langage**: des categories em tension. (In: Les “PetitesPhrases” em Politique. Communication &Langages. Número 168, junho 2011.) p. 57-68.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 10ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- _____. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4ª ed, Pontes Editores, Campinas, SP, 2012.

_____. **História das Ideias Linguísticas:** construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat, 2001.

PAVEAU, M. **Linguagem e moral:** uma ética das virtudes discursivas/ Marie-Anne Paveau: tradução: Ivone Benedetti- Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

_____. **Os pré-discursos: sentido, memóri, cognição.** Título original: Les Prédiscours: sens, mémoire, cognition. Tradução Greciely Costa e Débora Massmann/ Revisão da tradução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, acesso 18 de Out de 2017.

_____. **Genre de discours et technologie discursive** », Pratiques [En ligne], 157-158 | 2013, mis en ligne le 18 décembre 2017, consulté le 24 décembre 2017. URL : <http://journals.openedition.org/pratiques/3533>.DOI:10.4000/pratiques.3533. Acesso em : 18 de Jun de 2018.

_____. **Ce que disent les objets. Sens, affordance, cognition. Gerflint:** Groupe d'études et de recherches pour le français langue internationale; Revues Sinergys 2012, p. 53-65. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Baltique9/paveau.pdf>. Acesso 16 de Nov de 2017.

_____. **Une linguistique symétrique pour penser le discours.** Par Marie-Anne Paveau, publié 23/04/2010 · mis à jour 29/06/2012. Disponível em: <https://penseedudiscours.hypotheses.org/95>. Acesso em 14 de Nov de 2017.

_____. **Le toponyme, désignateur souple et organisateur mémoriel.** L'exemple du nom de bataille. Mots. Les langages du politique [En ligne], 86 | 2008, mis en ligne le 30 mars 2010, consulté le 02 octobre 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/mots/13102?lang=en/13102>. DOI: 10.4000/mots.13102. Acesso 18 de Mar de 2018.

_____. **De Gravelotte à Bir Hakeim.** Le feuilleté mémoriel des noms de bataille. Les Carnets du Cediscor [En ligne], 11 | 2009, mis en ligne le 01 mars 2011, consulté le 04 octobre 2016. URL : <http://cediscor.revues.org/813>. Acesso 18 de Mar de 2018.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso** – estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2012.

PLATIN, C. **Les bonnes raisons des émotions.** Principes et méthode pour l'étude du discours émotionné. Berne, Peter Lang, 2011.

PORTO, M. P. **Enquadramentos da Mídia e Política.** (In) Comunicação e política: conceitos e abordagens / Antonio Albino Canelas Rubim (organizador) Salvador: EDUFBA, 2004. (p. 73-104).

POSSENTI, Sírio. Conde entrevista o linguista Sírio Possenti. YouTube, 28 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-mpS8n0GCa0&t=1935s>. Acesso em: 31 jan. 2019.

POSSENTI, Sírio; MUSSALIM, Fernanda. **Contribuições de Dominique Maingueneau à Análise do Discurso.** In: STAFUZZA, G.; PAULA, L. de. (Orgs.). **Da**

análise do discurso no Brasil à análise do discurso no Brasil. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 63-87

PRUVOST, J. & SABLAYROLLES, J-F. **Les néologismes.** 2003, juin. Presses Universitaires de France, 2003.

RAGO, M. **A Aventura De Contar-se:**Feminismos, Escrita de Si e invenção de subjetividade. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; CHIEN, Nobu. **Enquadrando o real:** ensaios sobre quadrinhos (auto) biográficos, históricos e jornalísticos. São Paulo: Criativo, 2016.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos.** São Paulo: Contexto, 2009.

RIO-TORTO, Graça Maria de Oliveira. Sistémica e pragmática dos sufixos avaliativos. **Revista Portuguesa de Filologia.** Volume XXI, 11996-1997. P. 203-228. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bits>. Acesso em: 06 fev. 2015.

_____. **Formação de palavras em português:** aspectos da construção de avaliativos. Teses de Doutoramento 1993, Coimbra. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/717>. Acesso em: 10 maio 2016.

SAID, Ali. **Grammatica secundaria da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, RJ: Ed. UnB, 1964.

SANTOS, Alice Pereira. **A polissemia dos sufixos aumentativos –ão, -arro, -orro, -aço e –uçõ e seus traços avaliativos sob a perspectiva diacrônica.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/>. Acesso em: 08 fev. 2015.

SANTOS, Alice Pereira. **Estudos do sufixo ão:** valores semânticos e proposta genealógica. Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. (Eds.) Maria João Marçalo & Maria Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, Maria do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva, 201, Universidade de Évora, 2009. ISBN:978-972-99292-4-3. Disponível em: <file:///C:/Users/Gleice/Desktop/Eni%20%20e%20Horta%20Nunes/SanA3.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2015.

SANTOS, C. J. **A ordem secreta das coisas:** René Magritte e o jogo do visível. 2006. 139 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VPQZ-6X4PYA>. Acesso em: 29 jan. 2019.

SIBLOT, Paul. De la dénomination à la nomination : les dynamiques de la signifiante nominale et le propre du nom. **Cahiers de praxématique** [Internet], n. 36, p. 189-214. Disponível em : [http:// praxematique.revues.org/368](http://praxematique.revues.org/368). Acesso em: 10 Jul. 2017.

SOARES, Murilo César. **Análise de enquadramento**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas S.A, 2006. p. 450-465.